



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS
MESTRADO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS

ROBEVALDO CORREIA DOS SANTOS

**A REALIZAÇÃO VARIÁVEL DA LATERAL PÓS-VOCÁLICA
/l/ EM COMUNIDADES BAIANAS DO PROJETO ATLAS
LINGÜÍSTICO DO BRASIL (ALiB)**

Feira de Santana – BA
2017

ROBEVALDO CORREIA DOS SANTOS

**A REALIZAÇÃO VARIÁVEL DA LATERAL PÓS-VOCÁLICA
/l/ EM COMUNIDADES BAIANAS DO PROJETO ATLAS
LINGUÍSTICO DO BRASIL (ALiB)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos do Departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual de Feira de Santana como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Orientadora: Profa. Dra. Josane Moreira de Oliveira

Feira de Santana – BA
2017

ROBEVALDO CORREIA DOS SANTOS

**A REALIZAÇÃO VARIÁVEL DA LATERAL PÓS-VOCÁLICA
/l/ EM COMUNIDADES BAIANAS DO PROJETO ATLAS
LINGUÍSTICO DO BRASIL (ALiB)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos do Departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual de Feira de Santana como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Aprovado em 19 de dezembro de 2017

Profa. Dra. Josane Moreira de Oliveira
Orientadora (UEFS)

Profa. Dra. Jacyra Andrade Mota
Avaliadora Externa (UFBA)

Profa. Dra. Vera Pedreira dos Santos Pepe
Avaliadora Interna (UEFS)

A

João e Maria, pais amados, por dedicarem suas vidas aos filhos.

AGRADECIMENTOS

São singulares. E tão inesquecíveis...

Ao Deus criador de todas as coisas, pelo seu sublime amor em mim e por me suster continuamente...

Ao meu filho Benjamim, pelos gestos carinhosos a mim proporcionados em intervalos ou interrupções das densas horas de escrita e pela alegria contagiante de seus deliciosos risos.

Ao Juanildes, minha companheira desse lapso da eternidade chamado vida, pelo apoio e encorajamento tão necessários para a renovação de minhas forças nos momentos difíceis dessa caminhada.

À Profa. Josane, pela competência e zelo na orientação da pesquisa bem como pela paciência e prontidão nas soluções das dúvidas e diante dos questionamentos suscitados ao longo dos estudos.

Ao Prof. Gredson dos Santos, pelo incentivo que me encorajou a ingressar no Mestrado.

Aos companheiros e companheiras de turma, que comigo estiveram durante essa jornada de muitas dificuldades, mas também de muitos momentos de alegria e aprendizado.

Ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos – PPGEL da Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS e seu ilustre corpo docente, pela competência na realização do labor e zelo pela minha formação.

À Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB, onde executo meu labor no dia a dia, pelo investimento em meu aprimoramento técnico-profissional; em especial, a toda a equipe da Biblioteca Universitária do Centro de Formação de Professores – CFP, que entendeu a importância e colaborou com minha capacitação enquanto Servidor Técnico-Administrativo dessa Instituição.

Ao Projeto Atlas Linguístico do Brasil – ALiB, pelo acolhimento e pela disponibilização dos dados que compuseram o *corpus* desta pesquisa.

Meus sinceros agradecimentos por fazerem parte dessa experiência ímpar e enriquecedora para minha vida pessoal e profissional.

Bem antes de servir para comunicar, a linguagem serve para *viver*.

Benveniste (2006, p. 222)

RESUMO

Pautada nos pressupostos teórico-metodológicos da sociolinguística laboviana e da geolinguística pluridimensional, esta pesquisa tem por objetivo investigar a realização variável da lateral pós-vocálica /l/ em posição de coda silábica em comunidades baianas do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB). Para tanto, foram utilizadas na composição do *corpus* analisado 24 entrevistas com informantes naturais das seguintes localidades, integrantes da rede de pontos do Projeto ALiB: Euclides da Cunha, Barra, Jacobina, Seabra, Santo Amaro e Santa Cruz Cabrália. Em conformidade com a metodologia do Projeto ALiB, os informantes são estratificados pelos dois sexos, sendo quatro informantes em cada município, distribuídos por duas faixas etárias (faixa 1 – 18 a 30 anos e faixa 2 – 50 a 65 anos), com escolaridade, no máximo, até o Ensino Médio. Para proceder à pesquisa, foram levantadas as seguintes hipóteses: o /l/ em posição final de sílaba é variável na fala das comunidades investigadas, com a variante vocalizada [w] já bastante disseminada na fala do interior baiano, mas não de maneira categórica; a interação entre fatores linguísticos e sociais na variação de /l/ é o vetor desse fenômeno; a variação de /l/ aponta para uma mudança em progresso. Os resultados apontam uma tendência à mudança, em que o apagamento da variável dependente tem sido abandonado pelos informantes mais jovens em favor da variante vocalizada, de modo que a implementação da vocalização apresenta estágios diferentes em cada uma das localidades selecionadas.

Palavras-chave: /l/ em coda silábica. Sociolinguística. Dialectologia. Projeto ALiB.

ABSTRACT

Based on the theoretical and methodological assumptions of labovian sociolinguistics and the multidimensional geolinguistics, this research aims to investigate the variable realization of the post-vocalic lateral /l/ in the position of syllabic coda in Bahia communities of the Linguistic Atlas of Brazil Project (ALiB Project). For this purpose, we analyze a corpus with 24 interviews with natural informants from the following locations, members of the ALiB Project network: Euclides da Cunha, Barra, Jacobina, Seabra, Santo Amaro and Santa Cruz Cabrália. According to the methodology of the ALiB Project, the informants are stratified by both sexes, with four informants in each city, divided into two age groups (range 1 – 18 to 30 years old and range 2 – 50 to 65 years old), graduated, at most, until High School. To carry out the research, the following hypotheses were raised: the /l/ in the final position of the syllable is variable in the speech of the investigated communities, with the vocalized variant [w] already widely disseminated in the speech from Bahia cities, but not in a categorical way; the interaction between linguistic and social factors in the variation of /l/ is the vector of this phenomenon; the variation of /l/ points to a change in progress. The results point to a tendency to change, in which the erasing of the dependent variable has been abandoned by the younger informants in favor of the vocalized variant, so that the implementation of the vocalization presents different stages in each of the selected localities.

Keywords: /l/ in syllable coda. Sociolinguistics. Geolinguistics. ALiB Project.

SUMÁRIO

LISTA DE ILUSTRAÇÕES, QUADROS, TABELAS E GRÁFICOS	10
INTRODUÇÃO	13
1 REVISÃO DA LITERATURA	16
1.1 A VARIÁVEL /l/ DO LATIM AO PORTUGUÊS.....	16
1.2 A VARIÁVEL /l/ EM CODA SILÁBICA NO PB	21
1.3 ESTUDOS SOCIOLINGUÍSTICOS DO /l/ PÓS-VOCÁLICO NO PB	24
2 REFERENCIAL TEÓRICO	33
2.1 LÍNGUA E SOCIEDADE E A SOCIOLINGUÍSTICA	33
2.1.1 A relação língua, sociedade e cultura	33
2.1.2 A sociolinguística laboviana.....	37
2.1.2.1 O tratamento da variação e da mudança linguística	42
2.2 A GEOLINGUÍSTICA PLURIDIMENSIONAL	47
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA.....	55
3.1 PROJETO ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL (PROJETO ALiB).....	55
3.2 OS INFORMANTES.....	57
3.3 AS LOCALIDADES	58
3.3.1 Euclides da Cunha.....	59
3.3.2 Barra.....	61
3.3.3 Jacobina.....	62
3.3.4 Seabra	63
3.3.5 Santo Amaro	65
3.3.6 Santa Cruz Cabralia.....	66
3.4 O CORPUS.....	68
3.5 TRATAMENTO QUANTITATIVO DOS DADOS E VARIÁVEIS.....	68
4 ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	72
4.1 ANÁLISE DOS RESULTADOS DAS LOCALIDADES	72
4.1.1 Distribuição geral dos dados.....	72

4.1.2 Distribuição das variantes pela posição no vocábulo	75
4.1.3 Distribuição das variantes por cidade	79
4.1.4 Velarização e vocalização.....	86
4.1.4.1 Realização velarizada e fatores linguísticos	87
4.1.5 Aspiração e vocalização	89
4.1.5.1 Realização aspirada e fatores linguísticos	90
4.1.5.2 Realização aspirada e fatores extralinguísticos	92
4.1.6 Apagamento e vocalização	94
4.1.6.1 Apagamento e fatores linguísticos.....	95
4.1.6.2 Apagamento e fatores extralinguísticos.....	101
CONCLUSÕES.....	104
REFERÊNCIAS	106

LISTA DE ILUSTRAÇÕES, QUADROS, TABELAS E GRÁFICOS

ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Mapa de localização das localidades selecionadas do Projeto ALiB	58
Figura 2: Localidades selecionadas do Projeto ALiB por Mesorregiões	59
Figura 3: Cidade de Euclides da Cunha - BA	60
Figura 4: Cidade de Barra – BA	61
Figura 5: Cidade de Jacobina – BA	63
Figura 6: Cidade de Seabra – BA	64
Figura 7: Cidade de Santo Amaro - BA	66
Figura 8: Cidade de Santa Cruz Cabralia - BA	67

QUADROS

Quadro 1: Informantes do Projeto ALiB	56
Quadro 2: Informantes da pesquisa	57
Quadro 3: Grupo de fatores selecionados na rodada binária ([ʃ] x [w])	86
Quadro 4: Grupo de fatores selecionados na rodada binária ([h] x [w])	89
Quadro 5: Grupo de fatores selecionados na rodada binária ([Ø] x [w])	94

TABELAS

Tabela 1: Distribuição geral dos dados	73
Tabela 2: Distribuição das variantes pela posição no vocábulo	76
Tabela 3: Distribuição das variantes por cidade	79
Tabela 4: Velarização e posição da variável no vocábulo	87
Tabela 5: Velarização e característica da vogal precedente	88
Tabela 6: Velarização e extensão do vocábulo	88

Tabela 7: Aspiração e consoante que inicia a sílaba seguinte à variável.....	90
Tabela 8: Aspiração e característica da vogal precedente	91
Tabela 9: Aspiração e sexo dos informantes	92
Tabela 10: Aspiração e cidade.....	93
Tabela 11: Apagamento e característica da vogal precedente	95
Tabela 12: Apagamento e consoante que inicia a sílaba seguinte à variável	98
Tabela 13: Apagamento e tonicidade da sílaba	99
Tabela 14: Apagamento e extensão do vocábulo	99
Tabela 15: Apagamento e classe morfológica do vocábulo	100
Tabela 16: Apagamento e cidade.....	101
Tabela 17: Apagamento e sexo dos informantes	102
Tabela 18: Apagamento e faixa etária dos informantes.....	102

GRÁFICOS

Gráfico 1: Distribuição geral dos dados	74
Gráfico 2: Posição interna de vocábulo	77
Gráfico 3: Posição final interna de vocábulo.....	78
Gráfico 4: Posição final absoluta de vocábulo	78
Gráfico 5: Distribuição das variantes em Euclides da Cunha.....	80
Gráfico 6: Distribuição das variantes em Santa Cruz Cabralia	81
Gráfico 7: Distribuição das variantes em Barra.....	82
Gráfico 8: Distribuição das variantes em Santo Amaro	82
Gráfico 9: Distribuição das variantes em Seabra.....	83
Gráfico 10: Distribuição das variantes em Seabra sem a variante [ɫ].....	84
Gráfico 11: Distribuição das variantes em Jacobina.....	85

Gráfico 12: Pesos relativos das vogais precedentes	91
---	----

INTRODUÇÃO

Entende-se por realização variável de /l/ em posição de coda silábica as diferentes formas de realização dessa consoante em final de sílabas, como, por exemplo, ocorrem em “balde”, em posição interna de palavra, e em “capital”, em posição final de palavra, de modo que, conforme já apontaram outros estudos sobre essa variável, na palavra “balde”, a consoante /l/ poderá ser realizada como “ba[w]de”, “ba[l̥]de” ou “ba[h]¹de” e, na palavra “capital”, poderá ser também não pronunciada (apagada), “capita[Ø]”. Em contexto final de sílaba, a vocalização² [w], a velarização [l̥] e a aspiração [h] são possibilidades de realização da variável /l/, assim como também é possível o seu apagamento [Ø].

A partir das contribuições dos estudos sociolinguísticos iniciados na década de 1960, assume-se que a variação é inerente às línguas, contudo tal entendimento somente pode ser concebido a partir de uma abordagem linguística que leve em consideração o fato de que a língua e a sociedade não se encontram dissociadas, de que sem sociedade não haverá língua e, reciprocamente, sem língua não haverá sociedade.

A variação linguística, por conseguinte, passa a ser o objeto de estudo de diversos trabalhos que buscam entender, descrever e explicar os fenômenos linguísticos a partir da correlação de diversos fatores sociais e linguísticos que se entrecruzam no processo comunicativo. Nesse sentido, a investigação dos fenômenos linguísticos variáveis apresenta resultados que contribuem para o conhecimento dos aspectos que caracterizam uma língua tanto no que tange aos aspectos linguísticos como também aos sócio-históricos.

No Brasil, diferentes fenômenos linguísticos têm sido estudados com o objetivo de dar conta de explicar a história da formação do português brasileiro (doravante PB). A realização variável da lateral pós-vocálica /l/ em posição de coda silábica insere-se nesse contexto, visto que se trata de um fenômeno que, a depender da filiação teórica do pesquisador, apresenta características que tanto podem ser associadas a um processo de mudança, originado ainda no latim, como podem estar associadas às condições contextuais de aprendizagem e uso do português no Brasil.

O /l/ em posição de coda silábica é variável no PB, apresentando algumas variantes no âmbito do território brasileiro, a exemplo da vocalização [w] (ba[w]de, a[w]tura e capita[w]), da aspiração [h] (ba[h]de, a[h]tura) e do apagamento [Ø] (capita[Ø], Sa[Ø]vador, ú[Ø]timo,

¹ Por uma questão de padronização visual, a variante aspirada será sempre representada por [h], mesmo em contextos que demandem o uso de sua contraparte sonora [h̥].

² “Vocalização é a conversão de uma consoante num fonema vocálico” (COUTINHO, 2011 [1938], p. 143).

azu[Ø]), variantes também encontradas na maioria dos dialetos da região Nordeste do País, conforme apontam outros estudos sobre essa variável. Apesar da presença das variantes ([ɨ], [h] e [Ø]), muitos estudos indicam que a variante vocalizada³ [w] já se encontra estável na fala de muitas localidades. Esse fenômeno é influenciado por fatores linguísticos e extralinguísticos, o que tem despertado o interesse da sociolinguística brasileira em entender e explicar essa correlação de fatores a partir de uma metodologia que assume a variação como inerente a toda língua. O estudo dessa variável apresenta contribuições relevantes às discussões da formação sócio-histórica do PB.

Atualmente há vários estudos a respeito da variação de /l/ em posição de coda no PB; no entanto, considerando a grande dimensão geográfica do Brasil e a diversidade linguística do português, ainda há muito o que se fazer para dar a conhecer o comportamento dessa variável. Em comunidades baianas, não é diferente a atual situação a respeito do conhecimento da realização variável de /l/ em posição de coda. Nesse sentido, justifica-se a investigação dessa variável no âmbito do território baiano, o que possibilitará conhecer melhor o comportamento do referido fenômeno em comunidades linguísticas desse espaço geográfico.

Nesse sentido, para composição do *corpus* desta pesquisa são utilizadas 24 entrevistas com informantes naturais dos seguintes municípios baianos, integrantes da rede de pontos do Projeto Atlas Linguístico do Brasil⁴ (doravante Projeto ALiB): Euclides da Cunha, Barra, Jacobina, Seabra, Santo Amaro e Santa Cruz Cabralia. Em conformidade com a metodologia do Projeto ALiB, os informantes são estratificados pelos dois sexos, sendo quatro informantes em cada município, distribuídos por duas faixas etárias (faixa 1 – 18 a 30 anos e faixa 2 – 50 a 65 anos), com escolaridade, no máximo, até o Ensino Médio.

Para visualizar a configuração linguística da variável /l/ no território baiano, levantam-se as seguintes questões: a) ocorre variação de /l/ em posição de coda silábica na fala das comunidades analisadas? b) quais fatores internos e/ou externos à língua podem ser associados ao fenômeno variável? c) trata-se de variação estável ou de mudança em progresso?

Considerando estudos já realizados em diversas capitais brasileiras a respeito da variável /l/ em posição de coda, apontando que a variante vocalizada [w], em muitos casos, já se encontra bastante disseminada no PB e que há o direcionamento da implementação dessa variante no sentido da capital ao interior, parte-se das seguintes hipóteses: o /l/ em posição de coda é variável na fala das comunidades investigadas, com a variante vocalizada [w] já bastante

³ Por ser amplamente difundido na linguística brasileira, o termo “vocalização” é adotado ao longo do trabalho para fazer referência à semivogal [w].

⁴ Disponível em: <<http://www.alib.ufba.br/>>.

disseminada na fala de falantes do interior baiano, mas não de maneira categórica; a interação entre fatores linguísticos e sociais na variação de /l/ é o vetor desse fenômeno; a variação de /l/ aponta para uma mudança em progresso.

Assumindo o modelo teórico-metodológico da Sociolinguística variacionista e da Geolinguística pluridimensional, o objetivo desta pesquisa é investigar a realização variável de /l/ em posição de coda silábica na fala de comunidades baianas do Projeto ALiB, verificando quais fatores internos e externos à língua estão associados ao fenômeno e constatando se se trata de variação estável ou mudança em progresso.

A organização textual da pesquisa segue a seguinte estrutura: o primeiro capítulo é dedicado à revisão de literatura e trata de fazer uma explanação sobre o /l/ em posição final de sílaba na evolução do latim ao português e sobre sua realização no PB, visitando alguns trabalhos que tratam do tema: Leite de Vasconcellos (1911); Nunes (1989 [1919]); Coutinho (2011 [1938]); Câmara Jr. (2008 [1953]); Faria (1970); Silva Neto (1977); Tasca (2002); Simões (2003); Bortoni-Ricardo (2004); Hora (2006); Sá (2006); Leite, Callou e Moraes (2007); Brandão (2008); Callou (2009); Silva (2009); Pinho e Margotti (2010); Oliveira, Costa e Faria (2013), entre outros; o segundo capítulo, fundamentado em Brandão (1991), Tarallo (2001), Calvet (2002), Severo (2004), Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), Labov (2008 [1972]), Mollica (2010) e Cardoso (2010), apresenta o referencial teórico da pesquisa que trata da relação língua e sociedade a partir do quadro teórico da sociolinguística laboviana, focalizando o tratamento da variação e da mudança linguística, bem como apresenta a geolinguística pluridimensional como método da dialetologia enquanto corrente de estudos da linguagem; o terceiro capítulo se ocupa dos procedimentos metodológicos da pesquisa; o quarto capítulo apresenta as análises dos dados e a discussão dos resultados; e, por fim, as conclusões da pesquisa.

Os resultados apontam uma tendência à mudança, em que o apagamento da variável dependente tem sido abandonado pelos informantes mais jovens em favor da variante vocalizada, de modo que a implementação da vocalização apresenta, entre as localidades baianas selecionadas do Projeto ALiB, discretas diferenças percentuais, indicando diferentes estágios de mudança.

1 REVISÃO DA LITERATURA

Este capítulo apresenta um panorama do comportamento da variável /l/ em posição de coda silábica do latim ao português bem como no português brasileiro (PB), considerando a influência de fatores linguísticos e sociais imbricados na variação da consoante a partir dos resultados de pesquisas já realizadas em algumas regiões brasileiras e de estudos de /l/ em posição final de sílaba. Para tanto, recorreu-se a estudos que procuraram investigar o fenômeno em questão desde sua evolução do latim ao português, como também no que tange aos aspectos sócio-históricos e aos aspectos estruturais de diferentes falares do PB: Leite de Vasconcellos (1911); Nunes (1989 [1919]); Coutinho (2011 [1938]); Câmara Jr. (2008 [1953]); Faria (1970); Silva Neto (1977); Tasca (2002); Simões (2003); Bortoni-Ricardo (2004); Hora (2006); Sá (2006); Leite, Callou e Moraes (2007); Brandão (2008); Callou (2009); Silva (2009); Pinho e Margotti (2010); Oliveira, Costa e Faria (2013), entre outros. Considere-se o fato de que a variável aqui analisada ainda é pouco explorada em território baiano.

1.1 A VARIÁVEL /l/ DO LATIM AO PORTUGUÊS

As variações e as mudanças ocorridas no latim falado no passado por diferentes povos, durante e após a expansão romana, contribuíram de maneira decisiva para a origem dos romances latinos e, conseqüentemente, para a formação das línguas neolatinas da atualidade, como, por exemplo, o português, o espanhol, o italiano etc. Muitos dos fenômenos linguísticos atuantes nesse contexto de transição ou evolução das/entre línguas continuam operando no uso das diversas variedades dessas diferentes línguas neolatinas. O ditongo latino /aw/, por exemplo, que resultou em /ow/ em muitas palavras do português, como pode ser verificado nos seguintes exemplos obtidos em Leite de Vasconcellos (1911): *tauru* > “touro” e *autumnu* > “outono”, era frequentemente reduzido à vogal /o/ nas variedades do latim vulgar, o que também foi transferido a vocábulos correspondentes em português:

Em algumas palavras o ditongo *au* assim tônico, como átono, reduziu-se a *o* no latim vulgar, redução esta já conhecida do clássico, como o demonstram as formas *Clodius*, *Plotius*, *alosa*, *clostrum*, *coda*, *plostrum*, *ao lado de Claudius*, *Plautius*, *alausa*, *claustrum*, *cauda*, *plaustrum*, e testificam os vocábulos portugueses *orelha*, *coa*, *pobre*, *foz*, *chostra*, *lorbaga*, *Croyo (arc.)*, *Lordelo*, *Orelhão* [...]. (NUNES, 1989 [1919], p. 77)

Esse fenômeno de redução do ditongo /aw/ > /ow/ > /o/ pode ser frequentemente verificado, por exemplo, na fala corrente de variedades do PB, em palavras como *auru* > “ouro” > “o[Ø]ro”, *autumnu* > “outono” > “o[Ø]tono”, *paucu* > “pouco” > “po[Ø]co”, *tauru* > “touro”, “to[Ø]ro”, *thesauru* > “tesouro” > “teso[Ø]ro” etc. Ao que parece, fenômenos ocorridos com o /l/ pós-vocálico no passado também continuaram a atuar no português.

Faria (1970) indica que o /l/ apresentava, ao menos, dois valores no período clássico do latim: um em final de sílaba ou de palavra, e outro em inicial de sílaba ou geminado, ressaltando que essa consoante em final tanto de sílaba quanto de palavra era velar, tendo seu ponto de articulação na parte posterior da boca. Esse autor apresenta exemplos hipotéticos que poderiam sugerir a existência da coda já no indo-europeu: indo-europeu **saol* ou **swol*, **albhos*, respectivamente, latim *sol*, *albus*.

Leite de Vasconcellos (1911) faz uma apresentação das alterações do /l/ latino em sua evolução para o português. O autor faz uma descrição dessa consoante conforme a posição que ela atua na palavra, a saber: inicial de sílaba, ou /l/ puro ([l]) (“lata”, “alegre”, “buliçoso”); final de sílaba, ou /l/ guturalizado ([ɫ]) (“saldo”, “golpe”, “azul”); e o /l/ palatal ([ʎ]) (“lhama”, “palha”). Descreve que o /l/ puro em início de palavra, em regra, se manteve no português, e o medial intervocálico caiu, com exceção de poucos casos, devido ao contexto linguístico, demonstrando o seguinte mecanismo dessa síncope: “o l pronunciou-se unido à vogal antecedente, e por tanto ficou final de sílaba, e guturalizou-se, caindo em seguida: mala > maɫa = mal-a > maa > má” (LEITE DE VASCONCELLOS, 1911, p. 295). Aponta ainda que, diferentemente do ocorrido com o espanhol, em que a consoante intervocálica não se guturalizou e se manteve nesse mesmo contexto: “molino”, “candela”, “solano”, “solir”, os numerosos casos de /l/ intervocálico no português se mantêm por outras razões, como se verá mais adiante.

A esse respeito, ao tratar da história do latim vulgar, Silva Neto (1977, p. 86) corrobora Leite de Vasconcellos ao dizer que o /l/ intervocálico, em algumas áreas da România, era pronunciado como *pinguis*⁵, “isto é, ligava-o à sílaba anterior (pala – pal-a) primeiro passo para a sua síncope”, o que levava essa consoante a ocupar a posição pós-vocálica na sílaba antes de sua queda, ou a se manter nesse contexto nos casos em que a síncope viesse a ocorrer primeiro com a vogal seguinte ao /l/.

⁵ “Isto quer dizer que, além do movimento da ponta da língua junto aos dentes, há um levantamento do dorso posterior da língua para junto do véu palatino, dando o que provavelmente os gramáticos latinos chamavam o *l pinguis* ou “gordo” (CÂMARA JR., 2011 [1970], p. 51-52).

Além dos numerosos exemplos que demonstram o porquê da manutenção do /l/ pós-vocálico no português, Leite de Vasconcellos (1911, p. 297) faz a seguinte observação: “quando a vogal que se segue ao *l* é *-i(t)*, *-e(t)*, *-e* (ou *-ae*), o *l* forma sílaba com a vogal precedente, e mantém-se, caindo a vogal seguinte: *sole(t)* > arc. sol, *male* > mal, *sali(t)* > arc. sal, *capu(t)-scholae* > arc. *cabiscol*”. No parágrafo seguinte, diz que “em palavras como *solitudine-*, se o *i* se mantém durante certo tempo, o *l* cai, por ficar entre vogais: *soidom* (arc.); mas em palavras como *solitariu-*, se o *i* cai cedo, o *l* conserva-se, por ficar antes de consoante: *solteiro*”.

Observa-se nos compêndios de gramática histórica que o emprego de /l/ em posição final de sílaba, ou o /l/ *pinguis*, com a pronúncia guturalizada (velarizada), articulada na parte posterior da cavidade bucal, se amplia consideravelmente devido à ocorrência de outros fenômenos linguísticos verificados ainda na passagem do latim clássico ao latim vulgar, pronúncia esta não *standard* no latim por influência de substratos, conforme se verifica em Silva Neto (1977). Alguns fatores que caracterizam essa última variedade do latim e que dizem respeito ao /l/ em posição final de sílaba são mencionados em Nunes (1989 [1919]) e em Coutinho (2011 [1938]), como, por exemplo, a tendência a evitar as palavras proparoxítonas: latim vulgar *caldus*; latim clássico *calidus*. Coutinho (2001 [1938]) faz referência também ao *Appendix Probi*, documento do latim vulgar, de onde extrai o seguinte exemplo do /l/ em posição final de sílaba na passagem do latim clássico ao vulgar: *calida non calda*.

No que tange ao *Appendix Probi*, Silva Neto (1977, p. 220) apresenta a íntegra desse documento, considerando-o o mais notável de todos os textos relativos ao falar livre e despreocupado da capital do Império romano nos fins do século III da era cristã; trata-se de um “precioso elenco de formas ‘incorretas’, organizado em Roma, por um gramático anônimo, de origem africana”, do qual se extraem aqui exemplos de variação com a presença do /l/ em posição final de sílaba na variedade do latim vulgar: *figulus non figel*, *masculus non mascel*, *calida non calda*. Outros exemplos em que a variedade *standard* do latim no período do Império já apresentara /l/ em final de sílaba são: *calcostegis non calcosteis*, *alveus non albeus*, *calceus non calcius*, *vulpes non vulpis*, *balteus non baltius*, *opobalsamum non abalsamum*.

Nunes (1989 [1919]) e Coutinho (2011 [1938]), em suas gramáticas históricas, ao tratarem das modificações fonéticas sofridas pelas palavras na evolução do latim ao português – metaplasmos –, discorrem a respeito de dois importantes fenômenos que contribuíram para ampliar o uso de /l/ em coda silábica: “síncope” e “apócope”. O primeiro diz respeito à subtração de fonema no interior do vocábulo: *pulica* > “pulga”, *gallicu* > “galgo”. O segundo diz respeito à queda de fonema no fim do vocábulo: *legale* > “legal”, *regale* > “real”. Associadas a isso estão as vogais segundo sua posição em relação à tonicidade. “Destas, são as

pretônicas e *postônicas* que, pela sua própria natureza, ficam expostas a alterações e quedas” (COUTINHO, 2011 [1938], p. 102). Exemplo de síncope de vogal em posição pretônica é verificado em *collocāre* > “colgar”. Coutinho (2011 [1938]) chama a atenção para o fato de esse fenômeno já se manifestar desde o latim antigo, em que se verifica *calfacere* por *calefacere*.

Em posição postônica, pode ocorrer a apócope ou a síncope do segmento vocálico, conforme a posição final ou não final da vogal suprimida. Na passagem para o português, muitos vocábulos latinos sofreram apócope em contexto postônico final: “*e* cai depois de *r*, *l*, *s*, *z*, *n*, ou seja, quando o fonema que com ele formava sílaba pôde formar igualmente sílaba com os fonemas anteriores: *amare* > *amar*, *debere* > *dever*, *amore* > *amor*, *fidele* > *fiel*, *crudele* > *cruel* [...]” (COUTINHO, 2011 [1938], p. 106).

Coutinho (2011 [1938]) apresenta ainda exemplos de síncope de vogais postônicas não finais em que o /l/ passa à posição de coda na passagem ao português: *calido* > “caldo”, *polypu* > “polvo”, indicando que as vogais postônicas não finais, com exceção de *a*, frequentemente caem, uma tendência verificada desde o latim para evitar palavras proparoxítonas, transformando-as em paroxítonas. Esse autor salienta que, no latim vulgar, entre uma lateral e outra consoante geralmente se verifica a queda da vogal postônica nesse contexto: *calidus* > *caldus* e *solidus* > *soldus*.

Vistas algumas questões que dizem respeito às modificações linguísticas envolvendo as vogais, que implicaram na atuação de /l/ em posição final de sílaba em muitos vocábulos na passagem do latim ao português, Coutinho (2011 [1938]) apresenta um estudo da evolução das consoantes do latim ao português, considerando a posição em que elas se encontram no vocábulo. Primeiramente, ele faz distinção entre “consoantes simples” e “grupos consonantais”. Aqui interessa tratar das consoantes simples, em especial do /l/ medial e final, excluindo-se a posição inicial de palavras por questões metodológicas e pela coerência com o objeto em estudo.

Assim como já verificado em Leite de Vasconcellos (1911) e se verifica em Coutinho (2011 [1938]), a queda do /l/ medial (*pelagu* > “pego”, *colore* > “cor”, *palu* > “pau”) constitui uma das características fonéticas do galego-português, ocorrida ainda nos séculos XI – XII; no entanto a presença dessa consoante medial no português deve-se a alguns fatores:

- a) por terem as palavras, em que se operaria a sua queda, penetrado na língua em época posterior à em que se verificava; b) por terem sido reconstituídas segundo os modelos latinos; c) por haverem sofrido influência analógica; d) por provirem de outra língua. Estão nestes casos as seguintes: *calice* > *cálice*, *salariu* > *salário*, *calore* > *calor*, *silentiu* > *seenço* (arc.), *silêncio*, *felice* > *fiiz* (arc.), *feliz*, *zelu* > *zeo* (arc.), *zelo*, *melone* > *melão* (analogia com *mel*), *alécre*

por *alācre* > *alegre* (prov.), *palatinu* > *paladino* ou *paladim* (ant. fr.). Fora daí, ainda se mantém quando, pela queda da vogal seguinte, deixa ele de ser intervocálico: *padule* por *palude* > *paul*, *cubile* > *covil*, *sol(i)tariu* > *solteiro*, *sole* > *sol*. (COUTINHO, 2011 [1938], p. 102)

A partir dessas considerações, entende-se que a presença de /l/ nesses contextos pós-vocálicos é resultado de uma série de mudanças que envolvem diferentes fenômenos linguísticos no âmbito da estrutura e os diversos acontecimentos sociais na passagem do latim ao português, fato que demonstra que a língua é (re)constituída na/pela sócio-história das relações estabelecidas ou impostas em/entre civilizações. Outro fenômeno linguístico frequente no português, mencionado por Coutinho (2011 [1938]), é a transposição do /l/, que leva a consoante a ocupar a posição pós-vocálica: *oblitare* > “olvidar”, *sibilare* > “silvar”, *merulu* > “melro”.

A respeito do /l/ final, Coutinho (2011 [1938]) discorre que essa é uma das consoantes que poderiam figurar em final de vocábulos latinos, apontando que, em português, trata-se de uma consoante final devido à sua idêntica posição no latim, ou devido à queda de algum fonema final posteriormente ocorrida. Para demonstrar isso, são retomados os seguintes exemplos de /l/ pós-vocálico resultante da queda da vogal final *e*: *fidele* > “fiel”, *legale* > “leal”. Nesse contexto, Coutinho (2011 [1938]) aponta que o /l/ às vezes aparece vocalizado, como em “coruchéu” (*coruchel*), “vergéu” (*vergel*), “mantéu” (*mantel*), “alvanéu” (*alvanel*), sendo que, “nos derivados de *chapéu* (*chapel*), o *-l* conserva-se: *chapeleiro*, *chapelaria*, *chapelada* (COUTINHO, 2011 [1938], p. 117). No entanto a vocalização de /l/ não se restringe ao contexto final de palavras no português, como observa esse autor ao tratar do ditongo /ow/, resultante da vocalização dessa consoante antes de *c*, *p* e *t*: *falce* > **fauce* > “fouce”, *palpere* > **paupar* > “poupar”, *alt(e)ru* > **autro* > “outro”.

Nesse sentido, percebe-se que, desde a passagem do latim para o português, a vocalização do /l/ em posição final de sílaba pôde ser verificada tanto em final quanto em meio de palavras. Ao tratar da história da língua portuguesa, Silva Neto (1988, p. 198) diz que “é provável, ainda, que nos fins do período latino já se tivesse operado a vocalização do *l* depois de *a*, que levou igualmente a constituição do ditongo *au*: cf. *cauculus* (por *calculus*) [...]”.

Silva Neto (1988), ao tratar da língua portuguesa no Brasil, em meados do século XX, diz que havia a tendência de vocalizar-se o /l/ velar em final de sílaba, em palavras como “Brasiu” (Brasil) e “carnavau” (carnaval), bem como a sua supressão [Ø] ou substituição por /r/, força contra a qual lutava o ensino formal da época. O fenômeno da troca do /l/ pós-vocálico pelo /r/ também é abordado por Nunes (1989 [1919]), ao dar os seguintes exemplos verificados

na língua popular, principalmente ao Norte de Portugal: “azur” (azul), “corchão” (colchão), “sordado” (soldado) etc.

Câmara Jr. (1975), por sua vez, menciona que a realização do /l/ velar em posição final de sílaba no PB, mesmo na pronúncia das classes mais cultas, se aproxima bastante da produção de um *u* assilábico, ou semivogal /w/.

As línguas românicas, a exemplo do próprio português, seguiram o curso das mudanças linguísticas no entrecruzamento dos acontecimentos sócio-históricos de suas civilizações, dando continuidade a fenômenos linguísticos identificados ainda no latim em muitos de seus aspectos estruturais. Como já referido, o /l/ em posição de coda silábica é um desses fatos, uma vez que a presença dessa consoante nesse contexto de sílaba não era tão abundante nos vocábulos do latim, como é em muitos da língua portuguesa, conforme se verificou.

1.2 A VARIÁVEL /l/ EM CODA SILÁBICA NO PB

A realização variável da lateral pós-vocálica recebeu importante tratamento por parte de muitos (sócio)linguistas. Esse fenômeno apresenta-se como elemento diferenciador de variedades do PB, o que o coloca no rol de interesse da linguística brasileira. Amaral (1920), ao tratar dos aspectos da dialeção portuguesa em São Paulo, na obra intitulada “O dialeto caipira”, observou que o /l/ em final de sílaba poderia ser realizado como um /r/ “pape[h]” (papel), “a[h]ma” (alma), ou ser apocopado ou apagado “má[Ø]” (mal), “só[Ø]” (sol), “jorná[Ø]” (jornal).

Na segunda edição de “O linguajar carioca”, publicada em 1953, Antenor Nascentes faz um estudo da fala carioca a partir da divisão dialetal do Brasil⁶ em seis subfalares, dois ao Norte e quatro ao Sul. Nesta situa-a como pertencente ao subfalar fluminense. A respeito do /l/ final, diz que “o *l* final é pronunciado levemente pela classe culta; os pedantes exageram-no. A classe semiculta vocaliza-o diante de *a, e, i*, num *u*, vogal que tem de comum com ele a qualidade de velar” (NASCENTES, 1953, p. 48). Além da vocalização, são apresentados exemplos em que também há o apagamento da consoante, a exemplo de “Brasi” (Brasil) e “papé” (papel) bem como sua troca por /r/, a exemplo de “mardito” (maldito), “argum” (algum), “arma” (alma) etc.

Discordando de Leite de Vasconcelos, que sugeriu a transformação do /l/ em /r/ antes de sua queda, Nascentes (1953) considera que não há argumentos convincentes para tal, pois

⁶ Consultar a obra “O linguajar carioca”, publicada em 1953, de Antenor Nascentes para melhor compreensão da proposta da divisão dialetal do Brasil.

“as consoantes finais podem cair independentemente de transformações; se o *r* pode cair, o *l* também pode” (NASCENTES, 1953, p. 48).

Ao estudar a língua popular de Alagoas e Pernambuco, Marroquim (2008 [1934]) assinalou que o /l/ pelo /r/ é um fenômeno geral na linguagem popular, o que, em muitos casos, resultava numa posterior vocalização do /r/: “alvura” > “arvura” > “aivura”. No que tange ao /l/ em final de sílaba, o dialetólogo salienta que essa consoante cai invariavelmente na língua do povo (“papé”, “animá”, “currá”, “alugé” por “papel”, “animal”, “curral”, “aluguel”) e nas classes mais instruídas é mais resistente, sendo pouco provável seu desaparecimento; apenas em alguns casos isolados muda-se em /r/ (“paper”, “mir”, “quintar” por “papel”, “mil”, “quintal”).

A realização variável de /l/ em posição final de sílaba no PB, mais especificamente sua realização vocalizada [w], já foi apontada como funcionalmente perturbadora por Câmara Jr. (2008 [1953], p. 30), ao dizer que essa variante “confunde formas como /mal/ e /maw/, /al’tu/ e /aw’tu/, /vil/ e /viw/ etc.”, mesmo considerando que se trata de uma variante mais fácil no plano articulatório e psíquico para o falante. Esse autor diz o seguinte em relação à posição pós-vocálica do /l/:

há variante, por assim dizer, mecânica, em que a diferença se impõe pela posição na sílaba ou no vocábulo, como para o nosso /l/, ou pelas condições de acento, ou pela vizinhança de determinados outros fonemas (fatores funcionais de assimilação), ou pela maneira por que o fonema se liga ao que se lhe segue (fatos de junctura; ing. *junction*). (CÂMARA JR., 2008 [1953], p. 38)

Esses fatores contextuais ou linguísticos que estão imbricados na variação da consoante /l/ em posição pós-vocálica se somam a diferenciações sociais, de modo que a variedade coloquial tensa do PB estabelece uma variante velar [ɭ] com margem mínima de diferenciação articulatória da semivogal [w], mas suficiente para oposições como /mal/ e /maw/, /vil/ e /viw/. Já a variedade relaxada do PB anula essa oposição depois da vogal baixa [a] ou de vogal anterior, fazendo com que a realização vocalizada e a velarizada de /l/ passem a atuar em distribuição complementar em posição pós-vocálica, segundo Câmara Jr. (2008 [1953]). O autor assinala ainda que essa última variedade do PB não possibilita o aparecimento da variante vocalizada [w] diante de vogal posterior.

Para Câmara Jr. (2011 [1970]), a denominada “vocalização” de /l/ pós-vocálico decorre de uma mutação em que a consoante deixa de ser articulada com a elevação da ponta da língua junto aos dentes, apresentando a elevação posterior do dorso da língua sem a obstrução da

passagem da corrente de ar e um leve arredondamento dos lábios. Esse processo resulta em um /u/ assilábico, de modo que “mal” e “vil” tornam-se, respectivamente, homônimos de “mau” e “viu”, fato que leva Câmara Jr. a considerar o desaparecimento do /l/ pós-vocálico do português.

Ao tratar de alofonia condicionada pela posição final de sílaba, Simões (2003, p. 43) diz que “a variação fonética é tão grande que leva à transformação de um travador consonantal em vocálico por consequências das realizações que lhes imprimem os falantes”. Do ponto de vista de seu condicionamento linguístico, entende-se que a variação de /l/ pós-vocálico é determinada pela sua posição na estrutura da sílaba.

O /l/ pós-vocálico no PB varia tanto em função da influência de fatores extralinguísticos como devido a influências de fatores linguísticos do contexto em que ocorre. No que tange aos fatores linguísticos contextuais, a posição pós-vocálica da sílaba em que o /l/ ocorre é a que apresenta as principais regras fonológicas de variação no PB, conforme Bortoni-Ricardo (2004). Em se tratando especificamente da estrutura silábica em que essa variável ocorre, a vogal é o núcleo da sílaba e é precedida e seguida por uma consoante: CVC⁷. Essa consoante que segue o núcleo (a vogal) ocupa a posição chamada pós-vocálica ou travamento da sílaba, assim a consoante /l/ ou qualquer outra está sujeita a grande incidência de variação nessa posição, podendo ser, até mesmo, suprimida.

Como já foi adiantado, no PB, a consoante /l/ em final de sílaba pode ser realizada como uma semivogal [w], uma fricativa aspirada [h], uma lateral velarizada [ɬ] ou, até mesmo, ser suprimida [Ø]. Para Bortoni-Ricardo (2004), a supressão de /l/ pós-vocálico em final de palavra é maior em sílabas átonas (ex.: “terrível”) do que em sílabas tônicas (ex.: “avental”), assinalando que a supressão da variável em contexto tônico de final de palavra (ex.: “carnaval” > “carnavá”) pode ser um indicador de variedade rural do PB.

A realização de /l/ como uma semivogal no PB é um fator importante a ser considerado, uma vez que as semivogais também estão sujeitas a ser suprimidas em contextos pós-vocálicos. Foneticamente, essa realização semivocalizada [w] de /l/ acarreta na formação de alguns ditongos decrescentes do PB, como, por exemplo, [aw], [ow], [iw] e [ɛw]; entretanto o que se verifica no PB é a redução desses ditongos com a realização apenas da vogal, resultando num processo fonológico denominado “monotongação”, em que se perde a semivogal do ditongo. Trata-se de um processo verificado desde a evolução do latim para o português, como observa Bortoni-Ricardo (2004), a exemplo do ditongo /ow/: **latim** “paucum”, “aurum” > **port.** “pouco”, “ouro” > “poco”, “oro”.

⁷ C = consoante e V = vogal.

Na transição do latim para o português, a vogal /a/ dessas palavras transformou-se em /o/ por um processo de assimilação, isto é, por influência do segmento seguinte /l/ e /u/, que são posteriores, a vogal /a/ foi se posteriorizando, tornando-se /o/, que é uma vogal posterior (produzida na cavidade posterior da boca). A passagem de /ow/ para /o/ – que é a própria monotongação – deve ter sido iniciada ainda em Portugal, no século XVIII. Tanto no Brasil quanto em Portugal, a regra continuou sua deriva – seu desenvolvimento. O fator que mais a favorece é também a assimilação, ou seja, a influência articulatória do segmento seguinte. (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 95)

Verifica-se que a monotongação desses ditongos não é exclusividade do PB. Trata-se de um processo que também opera no português europeu há séculos.

Assim como Câmara Jr. (2011 [1970]) apontou a existência de um duodécimo ditongo no português devido à vocalização do /l/ pós-vocálico, Silva (2009) também observou que a sequência [ɔw] somente ocorre em casos de vocalização do /l/, a exemplo das palavras “sol”, “anzol”, “volta”, que, respectivamente, podem ser pronunciadas com o /l/ vocalizado “so[w]”, “anzo[w]”, “vo[w]ta”. Silva (2009) assinala que há ambientes exclusivos para a distribuição da lateral alveolar e da lateral velarizada ou vocalizada no português do Brasil: a lateral alveolar ou dental manifesta-se em início de sílabas (“lata”, “sola”) e precedida de outra consoante (“pleno”); já a lateral velarizada ou vocalizada ocorre no contexto de posição final de sílaba (“sal”, “salta”, “capital”). Essa autora salienta que o /l/ velarizado [ɫ] aplica-se a certos dialetos do Sul do Brasil, enquanto que a alternativa vocalizada [w] do /l/ ocorre na maioria dos dialetos do País.

Percebe-se que os estudos anteriormente visitados assumem que a posição final de sílaba é a principal determinante para as diferentes realizações das consoantes que ocupam esse contexto linguístico. Nesse sentido, o /l/ pós-vocálico apresenta intensa variação no PB.

1.3 ESTUDOS SOCIOLINGUÍSTICOS DO /l/ PÓS-VOCÁLICO NO PB

Pautando-se na perspectiva da sociolinguística laboviana, que pressupõe que os aspectos linguísticos e sociais estão imbricados e são uma condição *sine qua non* para a efetivação da mudança linguística, os trabalhos aqui visitados efetivaram a análise da correlação desses aspectos, demonstrando que a ocorrência de uma variante qualquer é favorecida tanto por grupos de fatores linguísticos como por grupos de fatores extralinguísticos, no sentido de que a alta frequência de uma variante está condicionada e não ocorre aleatoriamente, como

propunham os estruturalistas, baseados na concepção de língua enquanto sistema de regras imune ao uso e às influências externas.

A variação do segmento lateral pós-vocálico tem recebido importante tratamento em diversos estudos sobre o fenômeno em vários dialetos de diferentes regiões brasileiras.

Ao investigar a variação e mudança linguística na fala dos habitantes do povoado de Saco Fundo, região de Monte Santo, na Bahia, a partir da análise de /l/ em coda silábica, Teixeira (1988, p. 40) diz que a vocalização dessa variável “em final de sílaba é um fato muito difundido na pronúncia do português do Brasil”; esse fenômeno, entretanto, não é uma exclusividade do /l/, visto que o /r/ também tende a ser vocalizado nesse contexto, como, por exemplo, na palavra “terço/te[w]ço”.

Teixeira (1988) assinala que uma das possibilidades de desenvolvimento da consoante lateral em posição final de sílaba, pronunciada [ɫ], parece ter sido sua vocalização depois da realização das vogais [a], [ɛ] e [i]. Segundo essa autora, trata-se de um fenômeno recente no português do Brasil e “parece ter tido início nas camadas sociais mais baixas, visto o seu caráter desprestigiado, sugerido por Nascentes e Silva Neto” (TEIXEIRA, 1988, p. 52).

Ao analisar os dados de sua pesquisa, Teixeira (1988) verificou que, das 590 ocorrências da variável /l/ em posição pós-vocálica, a realização velarizada da lateral [ɫ] soma 45%, totalizando 266 ocorrências; a realização vocalizada [w] soma 31%, com 184 ocorrências; o apagamento de /l/ soma 14%, com 84 ocorrências; a aspiração da consoante soma aproximadamente 2%, com 9 ocorrências; e a realização alveolar [l] seguida de [i] ([lⁱ]) soma 8%, com 47 ocorrências.

No que tange à distribuição das variantes de /l/ nas posições interna e externa de palavras, Teixeira (1988) verificou que a aspiração [h] da consoante somente ocorre em posição interna e a realização alveolar [lⁱ] em posição externa, com pouquíssimas ocorrências em posição interna. A velarização [ɫ] é a mais frequente em posição interna, com 60% das ocorrências, e a vocalização [w] ocupa o segundo lugar, com 27% das ocorrências; em posição externa, a vocalização [w] é a mais frequente, com 37% das ocorrências, e a velarização [ɫ] passa a ser a segunda mais frequente, com 27% das ocorrências.

A análise de Teixeira (1988) demonstrou que, em posição final de palavra, a vocalização [w] de /l/ é favorecida diante de [a] em contexto antecedente, sendo que o índice de favorecimento tende a diminuir à medida que a lateral se realiza depois de [ɛ], [i] e [ɔ] até chegar a zero depois de [u]; com a variante apagamento [Ø], ocorre o favorecimento no sentido inverso do que ocorre com a vocalização.

Quanto aos fatores externos, os dados de Teixeira (1988) revelaram que as variantes [ɫ] e [l̥] estão desaparecendo da fala dos habitantes da comunidade e estão sendo substituídas pela vocalização [w], uma vez que as duas primeiras são praticamente inexistentes na fala dos informantes mais jovens, com um significativo decréscimo no grupo de meia idade em relação aos mais velhos. O grupo dos jovens tem a vocalização [w] como primeira variante e o apagamento [Ø] como segunda variante, enquanto que o percentual de vocalização no grupo de velhos é baixíssimo. Já o grupo de meia idade conserva a velarização [ɫ] como primeira variante e a vocalização [w] como segunda.

Teixeira (1988) conclui que há uma mudança em direção ao desaparecimento da variante velarizada [ɫ] e que a variante vocalizada [w] a está substituindo, afetando principalmente a posição final de palavra; essa mudança na comunidade de Saco Fundo, povoado de Monte Santo na Bahia, para a autora, ocorreu muito rapidamente, visto que se originou e se estabilizou num lapso de tempo de aproximadamente 20 anos; o apagamento [Ø] parece funcionar como uma extensão da vocalização [w], de modo que a mudança apresenta o seguinte direcionamento: [ɫ] > [w] > [Ø].

Ao tratar da consoante lateral em distribuição implosiva no léxico rural dos estados de Bahia e Sergipe, Cardoso e Ferreira (2000) verificaram que a realização da variante vocalizada [w] é majoritária, enquanto que se registra o uso minoritário das variantes alveolar ou velarizada, tanto em final de sílaba como em final de palavra. Apontam também que essas duas últimas variantes são pouco ou nada frequentes entre os falantes urbanos dos dois estados, com a observação de que, em final de vocábulo, o apagamento [Ø] de /l/ se contrapõe às demais realizações dessa consoante.

Tasca (2002), postulando a presença de uma regra telescópica em que é possível visualizar sincronicamente quatro estágios de mudança da lateral no extremo sul do território brasileiro, variantes alveolar [l], velar [ɫ], velarizada-labializada [l^w] e vocalizada [w], sugere que a propagação da implementação da variante [w] entre os porto-alegrenses tem origem nos grandes centros e se estende a outras regiões. Essa autora salienta que a alofonia apresentada por esse segmento não se restringe ao português europeu (PE) nem ao PB, uma vez que se trata de um fenômeno já verificado tanto em outras línguas modernas, como, por exemplo, no francês e no inglês, quanto no próprio latim.

O estudo de Tasca (2002) sobre a variação e a mudança do segmento lateral em coda silábica foi feito a partir da apresentação de algumas pesquisas da variável /l/ já realizadas em regiões do Rio Grande do Sul. Quanto ao fator escolaridade, os dados dessas pesquisas revelam que a implementação de uma variante considerada inovadora ou a retenção de uma considerada

conservadora estão ambas ligadas ao nível de escolaridade dos informantes e ao grau de prestígio da variante, haja vista os informantes de alta escolaridade tenderem a priorizar a variante prestigiada pela sua comunidade de fala.

A partir da análise de dados obtidos na cidade de João Pessoa, Hora (2006) constatou que a aspiração [h] da lateral ocorre no interior de vocábulo enquanto a variante [Ø] atua, principalmente, no final de vocábulo, considerando que, com menor frequência, o contexto de interior de palavra também favorece a ocorrência desta última. Esse autor apresenta, hierarquicamente, como significativas as restrições contexto fonológico precedente, tempo de escolarização, tonicidade, faixa etária, extensão do vocábulo e sexo.

No que tange à faixa etária, enquanto restrição social, os dados analisados por Hora (2006) revelam que os falantes entre 15 e 25 anos e entre 26 e 49 anos favorecem a ocorrência da variante vocalizada, com pesos relativos de 0,55 e 0,58, respectivamente, enquanto que os falantes acima de 49 anos desfavorecem essa variante, com peso relativo de 0,37. O autor salienta “[...] que, num estudo em que levamos em conta o tempo aparente, não podemos utilizar apenas uma restrição social para fazer uma afirmação conclusiva” (HORA, 2006, p. 37-38), visto que os dados levam a intuir uma mudança em progresso.

Quanto aos fatores estruturais relacionados à variante vocalizada, Hora (2006) chega à conclusão de que o contexto fonológico precedente é a restrição estrutural mais significativa, sendo favorecida a variante vocalizada quando precedida de vogal baixa ou vogal anterior, como, por exemplo, em “alto”, “papel”, “anil” e “silvo”; de outro lado, o apagamento da lateral /l/ é favorecido quando o contexto precedente apresenta uma vogal posterior ([o] e [u]), ou seja, quanto mais alta a vogal posterior, mais favorável será ao apagamento de /l/ em coda. Esses resultados, conforme o autor, têm respaldo no Princípio da Saliência Fônica, que preconiza que “[...] o grau de saliência aumenta à medida que passamos da vogal posterior alta [u] para as vogais não posteriores” (HORA, 2006, p. 39). Tais considerações não excluem a possibilidade de ocorrer o apagamento da lateral em coda silábica precedida por qualquer vogal; no entanto a estigmatização entre pessoas escolarizadas não ocorre quanto ao apagamento precedido pela vogal [u]. Ainda no interior de palavras, o apagamento só ocorre quando precedido de vogal posterior, como, por exemplo, em “pólvora/pó[Ø]vora” e “pulso/pu[Ø]so”.

No que diz respeito à extensão das palavras, Hora (2006) diz que aquelas que apresentam menos massa fônica favorecem a variante vocalizada. A extensão da palavra e seus pesos relativos são distribuídos da seguinte forma: enquanto as monossilábicas (0,52) e dissilábicas (0,58) são favorecedoras da variante vocalizada, as trissilábicas (0,45) e polissilábicas (0,41) são inibidoras, favorecendo, então, a variante apagamento. Quanto à

tonicidade silábica, os dados apresentados pelo autor mostram que a variável em posição tônica tende a ser preservada na forma vocalizada (0,56), visto que, em posição pretônica (0,46) e postônica (0,28), o seu apagamento é favorecido. Hora (2006), em síntese, considera que esse “[...] processo corresponde a uma tendência à mudança” (HORA, 2006, p. 42).

Para Sá (2006, p. 7), ao realizar um estudo contrastivo da varável /l/ no PB e no espanhol, “[...] a forma vocalizada [w] parece constituir a tendência geral no dialeto brasileiro”, uma vez que a vocalização é apontada como fenômeno mais inovador na evolução do /l/ em posição de coda silábica. Segundo o autor, nas regiões que não constituem grandes centros urbanos, registram-se formas estigmatizadas, como, por exemplo, realizações glotais e a variante [Ø].

Hahn e Quednau (2007) analisaram a fala de informantes da cidade de Londrina, no Paraná, e verificaram que a vogal baixa [a] é a que mais favorece a aplicação da regra de vocalização, variante que atingiu o índice de 80% do total de ocorrências.

Os estudos da variável /l/ em coda silábica em variedades linguísticas do PB e do PE de Leite, Callou e Moraes (2007) e Callou (2009) indicam que o uso das variantes [w] e [l] é distinto nas variedades americana e europeia, uma vez que o fenômeno de velarização da consoante /l/ apresenta alta frequência no PE, enquanto que, no PB, a vocalização assume percentagens mais altas de ocorrência, considerando as modalidades popular e culta das duas variedades. Os resultados apresentados por Leite, Callou e Moraes (2007), ao confrontarem as variedades do PB e do PE, revelam que, ao menos no Rio de Janeiro, o fenômeno de vocalização é uma regra categórica na fala popular e estável na fala culta, enquanto que, em Lisboa, o PE apresenta um baixo índice de vocalização de /l/ para as duas modalidades. Contudo, segundo os autores, a visão dicotômica de que o PB somente vocaliza e o PE somente velariza o /l/ em posição de coda é distorcida, visto que a variante vocalizada compete com outras variantes em ambas as variedades do português.

A análise do segmento lateral realizada por Leite, Callou e Moraes (2007) evidencia que as cidades brasileiras de Porto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador e Recife apresentam estágios diferentes quanto à implementação da variante vocalizada tanto na fala culta quanto na fala popular. Os autores, considerando a faixa etária dos informantes, notam que esse processo, em geral, se encontra avançado entre a população mais jovem, mesmo em Porto Alegre, onde a taxa de vocalização gira em torno de 50% em contexto final de palavra, visto que, nas demais cidades referidas, a taxa chega a 90% no mesmo contexto.

Do ponto de vista estrutural, a vogal baixa [a] é favorecedora e a vogal posterior alta [u] é inibidora da variante vocalizada, ratificando os resultados de Hora (2006). Neste último caso, o resultado pode ser a variante [Ø], contexto que também favorece a ocorrência do mesmo

fenômeno no PE. Ainda, segundo os autores, na cidade de Salvador, por exemplo, o fator sexo não se mostrou importante para a realização dessa variante, lembrando que, além dos mesmos fatores estruturais condicionantes da variação do segmento lateral no PB, o vozeamento do segmento subsequente em posição medial é favorecedor à vocalização da variável no PE. É importante destacar a oposição entre o PE e o PB no que diz respeito à posição final da sílaba na palavra, uma vez que a vocalização apresenta baixos índices de ocorrência nas variedades europeias e taxas altamente significativas nas variedades brasileiras no referido contexto.

Brandão (2008), ao analisar o comportamento da variável /l/ em posição de coda na fala fluminense, com dados de informantes analfabetos ou de escolaridade de no máximo até o quarto ano do Ensino Fundamental, conclui que a vocalização, com 87% de frequência, predomina na comunidade, considerando que o baixo índice de permuta entre essa variante e as formas consonantais de /l/ é restrito à faixa etária mais velha, acima de 59 anos. Segundo a autora, o apagamento (9%), motivado apenas por fatores estruturais, e as variantes consonantais (4%), condicionadas por fatores estruturais e extralinguísticos, apresentam baixa produtividade. Os indivíduos acima de 56 anos e analfabetos, apesar do avanço da variante vocalizada na região fluminense, são os responsáveis pela realização das variantes consonantais da variável /l/.

Ao traçar um panorama geral da fala fluminense, Callou (2009) considera que a vocalização da lateral pós-vocálica, além de resultar numa conseqüente ditongação, é definidora do PB em referência ao PE, uma vez que o fenômeno não se registra como traço geral ou regional das variedades europeias, como ocorre no PB. Para a autora, a vocalização já foi um estigma entre as classes mais cultas e era atribuída às classes menos cultas, conforme Silva Neto (1963 apud CALLOU, 2009, p. 143).

Comparando os dados de vocalização da fala culta das cidades de Recife (92%), Salvador (90%), Rio de Janeiro (88%), São Paulo (86%) e Porto Alegre (54%) nas décadas de 1970 e 1990, Callou (2009) verifica que o percentual do fenômeno não apresenta alterações significativas numa perspectiva de análise em tempo real de curta duração e conclui que, apesar de a vocalização do /l/ em coda silábica remeter a registros milenares do próprio latim, inovador é o avanço do fenômeno no PB a ponto de levar à recuperação do ditongo [ow], já desaparecido na fala.

Conforme Pinho e Margotti (2010), além das duas principais realizações da variável /l/ ([w] e [ɬ]) em posição de coda silábica, as variantes aspirada ([h]) e apagamento ([Ø]) somam-se ao “envelope de variação”, em que a lateral velarizada e a lateral vocalizada predominam, respectivamente, em certas regiões do Sul e demais regiões do Brasil. Os autores, com base nos

dados fonético-fonológicos do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB) das capitais brasileiras e da fonologia gerativa padrão, objetivam demonstrar que a vocalização do segmento lateral em coda resulta no aumento significativo de sílabas abertas no PB.

Ao que parece, assim como para Pinho e Margotti (2010), os trabalhos dos demais autores referidos anteriormente, ao tratarem da variável /l/, são unânimes em considerar a faixa etária mais velha conservadora, inibindo a variante vocalizada. Isso vale para todas as regiões brasileiras, onde, ao contrário da população mais jovem, que implementa a variável [w] inovadora, os mais velhos tendem a manter o uso da variante [ɫ] conservadora.

Assim como Tasca (2002), Pinho e Margotti (2010) consideram que o processo de vocalização da lateral na coda silábica do PB surge na capital e se propaga para o interior. Em Salvador, por exemplo, segundo os dados do ALiB apresentados por Pinho e Margotti (2010), das 88 ocorrências da variável /l/, 70 foram da variante vocalizada ([w]) e 14 foram da variante apagamento ([Ø]). Nesse sentido, postula-se que “[...] os processos de mudança – vocalização e apagamento de consoantes em posição de coda – têm favorecido as estruturas CV e CVV, desfavorecendo a estrutura CVC” (PINHO; MARGOTTI, 2010, p. 78).

Pinho e Margotti (2010) sugerem que o apagamento é o último estágio evolutivo da lateral em posição de coda e que sua ocorrência é maior na região Nordeste. Para os autores, as vogais [o], [ɔ] e [u], conforme já mencionado, constituem o contexto precedente favorecedor à variante em questão:

A lateral é apagada em tais contextos pela maior similaridade articulatória entre a variante velarizada da lateral e a vogal do núcleo da sílaba. Quando temos o apagamento podemos dizer que existe um processo de assimilação total progressiva do fonema da coda. O que resulta numa crase. (PINHO; MARGOTTI, 2010, p. 80)

Em seguida:

Logo se compreende por que os índices de apagamento são maiores quando a lateral vocalizada é antecedida pela vogal /u/. Há entre esses dois fonemas uma completa similaridade articulatória, o que favorece fortemente a “fusão” dos dois segmentos sonoros em um só. O mesmo não ocorre com as vogais anteriores, que se diferenciam, do ponto de vista articulatório, da lateral vocalizada. Essa maior diferença articulatória acaba por desfavorecer o apagamento da coda silábica. (PINHO; MARGOTTI, 2010, p. 80)

É nesse sentido que esses autores concordam com Hora (2006) ao postularem que se pode aplicar uma regra de apagamento do segmento lateral quando vocalizado em contexto precedente de vogal posterior, principalmente [u].

Oliveira, Costa e Faria (2013), ao estudarem a variação de /l/ na fala de 35 pessoas residentes na zona rural do Nordeste paraense, em que todos apresentavam escolaridade primária de no máximo até a 4ª série do Ensino Fundamental, sendo 17 homens e 18 mulheres, computaram 607 dados distribuídos entre seis variantes – [w], [Ø], [h], [ɦ], [r] e [ɹ] –, sendo que a análise se concentrou nas três primeiras variantes, por apresentarem percentuais maiores de ocorrência. A variante [w] teve 464 ocorrências, obtendo o maior percentual do *corpus*, a variante Ø apresentou 65 ocorrências e a variante [h], 64 ocorrências. Os pesos relativos apresentados pelas autoras seguem uma descrição com base em rodadas ternárias das variantes em questão, o que leva a considerar o valor de 0,33 como ponto neutro, diferentemente dos pesos relativos de uma análise com rodadas binárias, em que o valor considerado neutro é de 0,50.

Dentre os grupos de fatores considerados por Oliveira, Costa e Faria (2013), destacam-se os seguintes, os quais são de interesse desta pesquisa: a vogal precedente, em que há especial destaque para a variante [Ø] precedida de [u], com peso relativo de 0,91, sugerindo que, provavelmente, isso se deve ao reflexo da assimilação que ocorre entre [u] e [w], e as vogais anteriores e baixa favorecem a vocalização, com pesos de 0,50 e de 0,49, respectivamente, para [a] e [i], enquanto que, com peso relativo de 0,58, a vogal posterior [ɔ] favorece a variante [h]; o contexto seguinte, em que, no geral, as consoantes tendem a favorecer a vocalização; o modo de articulação da consoante seguinte, em que as fricativas tendem a favorecer o apagamento, enquanto as oclusivas favorecem a aspiração (0,34) e, principalmente, a vocalização (0,48); o ponto de articulação da consoante seguinte, em que as consoantes foram classificadas como labiais (labiodentais e bilabiais), alveolares e posteriores (palatalizadas e velares), sendo que o apagamento é favorecido pelas consoantes labiais (0,58), a aspiração é favorecida pelas consoantes posteriores (0,68) e alveolares (0,34) e a vocalização é favorecida pelas consoantes alveolares (0,48); sonoridade do segmento seguinte, em que o contexto sonoro favorece a vocalização (0,43) e o contexto surdo favorece o apagamento e a aspiração, com pesos relativos respectivos de 0,40 e de 0,35, respectivamente; a extensão do vocábulo, em que os dissílabos favorecem a variante [h] (0,53) e os polissílabos favorecem o apagamento e a vocalização, com pesos relativos de 0,45 e de 0,36, respectivamente; a tonicidade, em que a sílaba tônica favorece a vocalização (0,62) e a átona favorece o apagamento (0,54); a faixa etária, em que os mais

velhos tendem ao favorecimento da variante [h], os mais novos favorecem a variante [w] e as duas faixas, por sua vez, desfavorecem a variante apagamento.

A partir do exposto, verifica-se que a variável /l/ apresenta um quadro de variação heterogêneo em posição de coda silábica no PB, visto que fatores linguísticos e extralinguísticos atuam para caracterizar cada uma das comunidades de fala já apresentadas. Compreende-se que investigações de cunho sociolinguístico têm contribuído significativamente para melhor conhecer os aspectos e a realidade linguística do PB, visto que esse tipo de análise, para proceder ao tratamento do objeto – a variação –, assume a língua em real situação de uso e toma o vernáculo da comunidade de fala como material de investigação.

O capítulo seguinte apresenta algumas discussões a respeito da relação língua e sociedade a partir do quadro teórico-metodológico da sociolinguística laboviana, focalizando o tratamento da variação e da mudança linguística, bem como apresenta a geolinguística pluridimensional como método de análise da dialetologia.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Este capítulo, na primeira seção, traz uma discussão acerca da relação língua e sociedade a partir do quadro teórico metodológico da sociolinguística laboviana, focalizando o tratamento da variação e da mudança linguística a partir dos estudos de Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), Labov (2008 [1972]), Tarallo (2001), Calvet (2002), Severo (2004), Mollica (2010) e, na segunda seção, a partir de Brandão (1991) e Cardoso (2010), apresenta-se a geolinguística pluridimensional como método de análise da dialetologia enquanto ramo dos estudos da linguagem.

2.1 LÍNGUA E SOCIEDADE E A SOCIOLINGUÍSTICA

Discussões a respeito da relação língua, sociedade e cultura têm sido abordadas sob o enfoque de diversas ciências humanas, a exemplo da sociologia, da antropologia, da comunicação, da linguística etc. Trata-se de um tema relevante às ciências que buscam dar conta de entender e explicar os diferentes fatos linguísticos, sociais e culturais que se entrelaçam no seio das mais diversas sociedades.

De acordo com o objetivo da abordagem, as explicações dessa relação podem dar enfoque aos aspectos que interessam à corrente científica em questão: sob a luz da sociologia, os fatos sociais têm primazia sobre os aspectos linguísticos e culturais; sob os holofotes da antropologia, os aspectos culturais adquirem maior relevância; sob o enfoque da linguística, os aspectos linguísticos recebem maior atenção. Isso não significa que, por exemplo, os estudos sociolinguísticos dão maior importância aos aspectos da língua, mas que o seu objetivo é explicar esses aspectos, levando em consideração sua correlação com os aspectos socioculturais. Nesse sentido, faz-se uma abordagem sobre a relação língua, sociedade e cultura e uma exposição dos pressupostos teórico-metodológicos assumidos pela sociolinguística para o tratamento da variação e da mudança linguística.

2.1.1 A relação língua, sociedade e cultura

O objetivo desta seção é tecer algumas reflexões a respeito da relação língua, sociedade e cultura a partir de princípios e conceitos estabelecidos pela sociolinguística, ciência linguística que, conforme Alkmim (2012, p. 45), a partir de 1960, “pode ser vista como o ponto de partida

de novas correntes e orientações de pesquisas, centradas no trato do fenômeno linguístico relacionado ao contexto social e cultural”. Para tanto, faz-se uma visita a algumas discussões já realizadas no que tange à relação língua, sociedade e cultura, considerando alguns estudos que tratam do tema.

Por muito tempo, por conta da visão de língua enquanto sistema autônomo e imune a qualquer interferência externa, as questões socioculturais foram desconsideradas nos estudos linguísticos. É com o início dos trabalhos sociolinguísticos, especialmente os do linguista americano William Labov, a partir de 1960, que os aspectos socioculturais, tratados anteriormente pela linguística histórica e deixados à margem pelo estruturalismo, votam à cena dos estudos linguísticos. Nessa perspectiva, Severo (2004) diz o seguinte:

os estudos sistemáticos que tratam da relação entre linguagem e sociedade começam a se solidificar ao longo de 1960, quando a sociolinguística emerge como um campo de saber interdisciplinar, com suas bases fortemente ancoradas na linguística, na antropologia e na sociologia. (SEVERO, 2004, p. 127)

Percebe-se que a sociolinguística nasce a partir da confluência dos saberes linguísticos, antropológicos e sociológicos para construir um arcabouço capaz de dar conta da relação linguagem, sociedade e cultura, mas seu caráter interdisciplinar não lhe impõe a condição de ser uma ciência auxiliar de outros campos do saber; pelo contrário, diversas áreas da ciência lançam mão de resultados dos trabalhos sociolinguísticos, o que comprova a autonomia dessa corrente linguística capaz de explicar fatos linguísticos considerando a relação da língua com a sociedade e a cultura.

Sapir (1971 [1921]), ao trazer à discussão o tema língua, raça e cultura, destacou que toda língua tem uma sede – o povo que a fala – e não existe isolada de uma cultura, entendendo a cultura como “conjunto socialmente herdado de práticas e crenças que determinam a trama das nossas vidas” (SAPIR, 1971 [1921], p. 205). No âmbito da antropologia, o estudo do homem inclui os aspectos da língua, da raça e da cultura, o que, em primeiro plano, poderia ser considerado uma relação inerente e necessária. Do ponto de vista do possível paralelismo dessa tríade, o autor advoga que isso não ocorre, pois as raças mesclam-se ao longo da história, as línguas podem propagar-se por diferentes raças, alcançando âmbitos de outras culturas e as áreas de cultura estão em constante remodelamento num fluxo de contatos culturais.

Essas considerações colocam em cheque a questão da correspondência entre língua, raça e cultura. Uma língua pode partilhar culturas distintas como uma cultura pode ser partilhada

por várias línguas; Sapir (1971 [1921]) apresenta o exemplo das línguas atabákan da América aborígine, faladas em quatro áreas de culturas distintas, e a coesão cultural entre os índios hupa, yurok e karok, que falam línguas bem distintas entre si. O autor afirma que “língua, raça e cultura não são necessariamente correlatas” (SAPIR, 1971 [1921], p. 212), definindo a cultura como “o que” a sociedade faz e pensa, e a língua o “como” especialmente se pensa, não havendo relação de causa e efeito entre ambas, e entendendo que a história da língua e a história da cultura não seguem por trilhas paralelas.

Severo (2004), ao tratar a hipótese do determinismo na relação linguagem e sociedade sob a ótica de Sapir e Whorf, de Hymes e de Labov, conclui que essa relação é permeada por certo determinismo nas perspectivas desses autores. Para discutir as proposições de Sapir e Whorf, Severo (2004) toma os termos “cultura” e “sociedade” como equivalentes. Nessa perspectiva, a linguagem produz a realidade e cada língua produz e organiza o mundo simbolicamente de maneira singular. A forma de ver o mundo e de se relacionar com ele é determinada pela linguagem – determinismo linguístico – e há diferentes perspectivas e comportamentos segundo as diferentes línguas – relativismo linguístico. Para Sapir (1961 [1921]), a mudança é da natureza da língua, tanto ela quanto a cultura são passíveis de modificações, contudo elas mudam em velocidades diferentes: a língua tem um caráter mais conservador e não pode servir de base para simbolizar uma cultura em um momento atual, “em outras palavras, a tendência conservadora se faz sentir muito mais profundamente nos lineamentos essenciais da língua do que na cultura” (SAPIR, 1961 [1921], p. 61) Sob essas considerações, Severo (2004) conclui que, para Sapir e Whorf, a linguagem determina a realidade social, mas tal concepção é questionável pelo próprio descompasso apresentado entre as mudanças na língua e na cultura.

Ao discorrer sobre a teoria de Hymes, pautada no pressuposto da linguística constituída socialmente, Severo (2004, p. 130) salienta que há uma relação entre cultura e linguagem no que tange à “utilização da forma linguística motivada pelo uso social”. Nesse sentido, as diferenças linguísticas são causadas pelas diferenças do mundo, ou seja, por diferentes valores culturais e pelas crenças. Priorizando o aspecto funcional da língua, entende-se que o padrão social é que informa a forma linguística e não o contrário, seguindo a inferência dos dados etnográficos para as funções da língua. Consequentemente, há uma prioridade sobre o contexto social em relação ao uso da língua, no sentido de que o social determina o linguístico tanto no que diz respeito aos aspectos funcionais quanto formais. Essa concepção prevê que diferentes contextos produzem diferentes linguagens – determinismo social.

Ao tratar da concepção da relação língua e sociedade de Labov, Severo (2004) parte de dois aspectos principais dessa teoria: o contexto social ou comunidade de fala e os condicionamentos sociais e linguísticos. Nessa concepção, as mudanças da língua são tratadas dentro do contexto social da comunidade de fala. Nessa concepção, a preocupação recai sobre a comunidade de fala (o social) e não sobre o indivíduo, pois seus membros compartilham os mesmos valores e atitudes sociais em relação à língua. Considerando que os usos linguísticos identificam comunidades e que diferentes comunidades de fala são reconhecidas por usos de gramáticas diferentes, Severo (2004) postula que é possível se falar de certo determinismo linguístico, pois “as bases para a identificação de uma comunidade de fala seriam, nesse sentido, de natureza linguística” (SEVERO, 2004, p. 134).

Ao tratar dos condicionamentos sociais e estilísticos, Severo (2004) aponta que, conforme a concepção laboviana, as funções sociais determinam as estruturas variáveis da língua, entendendo a mudança na língua como resultante de uma forte relação entre fatores linguísticos e sociais, além de “uma correlação sistemática entre a estratificação social e o uso variável da língua” (SEVERO, 2004, p. 134). Nessa concepção, a sociolinguística propõe-se a correlacionar fatos linguísticos (fonologia, morfologia, sintaxe etc.) e sociais (classe, gênero, idade etc.), o que permite à realidade social ser fotografada pela linguagem. Isso, em primeiro plano, poderia ser entendido como determinismo social, mas a autora chama a atenção para o fato de que o uso consciente da língua ou monitoramento – variação estilística – rompe com essa ideia de determinismo, pois, conforme a situação comunicativa, o indivíduo varia seu modo de falar, adequando-se ao contexto.

Ao concluir suas reflexões, Severo (2004) diz que, do ponto de vista do contexto e da estratificação social, a sociedade determina a linguagem, segundo Hymes e Labov; na produção e representação da realidade social e na delimitação de uma comunidade de fala, conforme Sapir-Whorf e Labov, a linguagem determina a sociedade e “as relações entre linguagem e sociedade são permeadas por certo determinismo nas três perspectivas” (SEVERO, 2004, p. 137).

Diante disso, à primeira vista, pode-se falar em certo determinismo tanto linguístico como social nessa relação entre língua e sociedade/cultura, contudo uma reflexão mais apurada revela que se trata de uma concepção, no mínimo, questionável, uma vez que, conforme as palavras do próprio Sapir, a história da língua e a história da cultura trilham por linhas paralelas distintas e em diferente ritmo. Outro argumento que pode ser levantado para negar as hipóteses do determinismo nessa relação é justamente a possibilidade de uma mesma língua abranger

diferentes culturas/sociedades e uma cultura/sociedade compartilhar várias línguas. Assim, parece possível aventar a ideia de que essa relação está imbricada mais num complexo nível de trocas e de influências mútuas do que propriamente numa hierarquia linguística ou sociocultural determinística.

2.1.2 A sociolinguística laboviana

O social nas dicotomias saussurianas, em caráter estrito, diz respeito ao compartilhamento do sistema e suas noções de valor pela sociedade que o utiliza. Contemporaneamente a essa vertente, Meillet (1866-1936), discípulo do mestre genebrino, após a publicação do *Curso de linguística geral*, desvincula-se de tais orientações e assume uma concepção diferente a respeito do caráter social da linguagem proposta por seu mestre. Calvet (2002) destaca que, para Meillet, a língua é um fato social e um sistema que tudo contém, logo “a linguística é uma ciência social, e o único elemento variável ao qual se pode recorrer para dar conta da variação linguística é a mudança social” (CALVET, 2002, p. 16). Esse ponto de vista é considerado muito próximo do entendimento laboviano. Isso deixa claro que o surgimento dessa e de outras proposições à investigação linguística se dá em paralelo ao pensamento estruturalista e não linearmente, numa ordem sequencial dos acontecimentos.

Diferentes perspectivas do modo de entender o caráter social da linguagem vão permear as décadas de 1920 a 1960. Dentre elas se destacou a de Mikhail Bakhtin (1895-1975), de orientação marxista, que desenvolveu um discurso baseado no dialogismo e postulou que o signo linguístico é o lugar da ideologia. Trata-se de uma crítica feita a Saussure, que não considerou tal questão, e a Freud, que não postulou uma teoria da linguagem, segundo Calvet (2002).

É com Labov, na década de 1960, que a sociolinguística se define e lança suas bases teórico-metodológicas, assumindo um conjunto de princípios e pressupostos que a orientam para o tratamento de seu objeto – a estrutura linguística heterogênea e variável enquanto “instrumento de comunicação usado pela comunidade de fala” (LABOV, 2008 [1972], p. 220). Juntamente com outros pesquisadores, Labov participou da conferência sobre a linguística histórica em maio de 1964, evento organizado por William Bright, que foi o então responsável por reunir e publicar os trabalhos apresentados no evento. Conforme Calvet (2002), Bright

sistematiza a ideia de que a variação não é livre, como assumida pelos estruturalistas, mas tem uma correlação com as diferenças sociais sistemáticas. Quanto a essa questão,

o encontro de 1964 marca, com efeito, o nascimento da sociolinguística, que se afirma contra outro modo de fazer linguística, o modo de Chomsky e da gramática gerativa. Mas Bright só pode conceber a sociolinguística como uma abordagem anexa dos fatos de língua, que vem complementar a linguística ou a sociologia e a antropologia. Essa é a subordinação que vai pouco a pouco desaparecer com Labov. (CALVET, 2002, p. 30-31)

À atribuição de ciência auxiliar dada à sociolinguística somam-se as abordagens dos trabalhos apresentados na referida conferência, que abrangeram os mais variados temas correlatos com as áreas da sociologia, antropologia e da própria linguística enquanto ciência central da linguagem. Em contraposição à abordagem gerativista de manutenção da ausência do componente social da linguagem, apresenta-se, então, o modelo sociolinguístico, que se encaminhará para o que atualmente é a sociolinguística em suas diferentes vertentes e que, de fato, começou a se definir a partir dos trabalhos do linguista americano William Labov. O modelo teórico-metodológico da sociolinguística, segundo Tarallo (2001), por operar com números e realizar um tratamento estatístico dos dados, é também conhecido como “Sociolinguística quantitativa”. A investigação sociolinguística propõe-se a uma abordagem dos fatos da língua que refuta a ideia de um falante fictício idealizado a partir do próprio conhecimento do investigador sobre a língua.

O que é, de fato, a sociolinguística? A que ela se opõe? O que propõe em contraposição aos modelos de análise estruturalista? Provocativamente, diga-se que se trata da ciência geral da linguagem distribuída em diferentes ramos – fonética, fonologia, morfologia, sintaxe, semântica e discurso. Ela se opõe à não consideração da língua enquanto fato social e propõe que a investigação dos fenômenos linguísticos nos fatos da linguagem seja contextualizada nos usos realizados pelas comunidades de fala, correlacionando os aspectos estruturais e sociais imbricados na relação língua e sociedade. Vista dessa perspectiva, a sociolinguística abarcaria os diversos ramos da ciência linguística, lugar em que a própria linguística estrutural ganharia espaço. Ora, tais provocações nessas considerações são sugeridas pelo próprio precursor da sociolinguística, ao afirmar que “por vários anos, resisti ao termo *sociolinguística*, já que ele implica que pode haver uma teoria ou prática linguística bem-sucedida que não é social” (LABOV, 2008, p. 13). Nessa esteira, Calvet (2002) corrobora Labov ao retomar suas ideias e afirmar que:

Contudo não há nada aqui de polêmico. Trata-se simplesmente da afirmação de um princípio segundo o qual não é possível distinguir entre uma linguística que estudaria as línguas e uma sociolinguística que levaria em conta o aspecto social dessas línguas: em outras palavras, a *sociolinguística é a linguística*. (CALVET, 2002, p. 32-33)

Labov só aceita a diferenciação feita entre os termos “sociolinguística” e “linguística” por causa da necessidade de assinalar a abordagem da língua feita pela primeira de uma abordagem da língua fora do contexto social, como realizada por esta última. A argumentação de Calvet vai ao encontro das argumentações labovianas, reafirmando-as.

No que tange à *comunidade de fala* ou *comunidade linguística*, as definições não são consensuais entre os pesquisadores da área. Calvet (2002), por exemplo, considera que, em geral, as definições são pautadas na consideração apenas do segundo termo, “linguística”, que acompanha o primeiro, “comunidade”. Esse autor diz que o objeto da linguística é “a comunidade social sob seu aspecto linguístico” (CALVET, 2002, p. 143) e, para tanto, a definição deve levar em consideração a comunidade e não apenas a língua. Quanto a essa questão, conforme Calvet (2002), Labov também parte da língua para definir o grupo, pois um conjunto de atitudes de um grupo para com a língua caracteriza uma comunidade linguística.

Essa crítica de Calvet à definição de comunidade de fala apresentada por Labov termina por não levar em consideração a coerência dessa formulação com a especificação do objeto da sociolinguística – a língua usada pela comunidade de fala. As proposições labovianas para o tratamento da língua enquanto objeto de estudo não sugerem o abandono das pesquisas no âmbito da estrutura linguística, como se caracteriza uma abordagem estruturalista, mas empreendem esforços para uma reorientação da definição desse objeto, situado num contexto social, com um arcabouço teórico-metodológico que seja capaz de dar conta desse objeto em sua realidade social. Uma das motivações dessa crítica está no fato de que esse linguista americano, ao contrário do que pensa Calvet, que não vê coerência na distinção feita entre sociologia da linguagem e sociolinguística, posiciona-se a favor da diferenciação entre esses dois campos, argumentando que “uma área de pesquisa que tem sido incluída na ‘sociolinguística’ talvez seja rotulada mais adequadamente de ‘sociologia da linguagem’” (LABOV, 2008 [1972], p. 215) e que não lidaria com as questões desta última. Logo a definição de comunidade linguística será própria de cada área de estudos e de seu aparato teórico-metodológico.

As concepções sobre a sociolinguística que circulam nos manuais de linguística consideram, em alguns casos, a exemplo de Mollica (2010), que se trata de uma subárea da ciência linguística que tem como objetivo estudar a língua no seio de uma comunidade de fala. Veja-se esta definição dada à sociolinguística:

é uma das subáreas da Linguística e estuda a linguagem em uso no seio da comunidade de fala, voltando a atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais. Esta ciência se faz presente num espaço interdisciplinar, na fronteira entre língua e sociedade, focalizando precipuamente os empregos linguísticos concretos, em especial os de caráter heterogêneo. (MOLLICA, 2010, p. 9)

A autora diz que as línguas apresentam um dinamismo e são heterogêneas, apresentando variações tanto de ordem interna quanto de ordem externa ao sistema linguístico. Ela observa que, em conformidade com a proposição de Labov, a sociolinguística considera como objeto de estudo a língua em seu aspecto heterogêneo – a variação –, dando importante destaque para os fatores externos ao sistema linguístico ao considerar a relação que a língua tem com a sociedade que a utiliza e transitando na fronteira entre o sistema linguístico e a comunidade de fala. Nesse sentido, Labov diz que, “considerando-se o complexo padrão linguístico com diferenças concomitantes na estrutura social, será possível isolar os fatores sociais que incidem diretamente sobre o processo linguístico” (LABOV, 2008 [1972], p. 19). Trata-se de uma ciência que toma o objeto em todos os seus aspectos.

Camacho (2012), ao tratar da sociolinguística quantitativa, considera que:

o que a sociolinguística faz é correlacionar as variações existentes na expressão verbal a diferenças de ordem linguística e de ordem social, entendendo cada domínio, o linguístico e o social, como fenômenos estruturados e regulares. (CAMACHO, 2012, p. 54)

Nessa concepção, os fatores que se apresentam simultaneamente na realização do fenômeno linguístico encontram espaços na metodologia de análise da sociolinguística. O procedimento metodológico dessa ciência permite isolar cada fator linguístico e extralinguístico para cruzá-los entre si com o objetivo de apresentar uma análise não apenas descritiva mas também explicativa de quais fatores atuam no fenômeno em questão. Ainda nas considerações de Camacho (2012),

[a] *sociolinguística variacionista*, umbilicalmente ligada ao nome de William Labov, trata do exame da linguagem no contexto social como solução de problemas próprios da teoria da linguagem. Diferentemente do modo acessório como Bright ([1966] 1974) enfoca a relação da sociolinguística com outras áreas de investigação, para Labov ([1972] 2008) a relação entre língua e sociedade é encarada como metodologicamente indispensável, não como mero recurso interdisciplinar. Como a língua é, em última análise, um fenômeno social, fica claro, para um sociolinguista, que é necessário recorrer às variações derivadas do contexto social para encontrar respostas para os problemas que emergem da variação inerente ao sistema linguístico. (CAMACHO, 2012, p. 53)

É bem verdade que uma teoria linguística que se propõe a tratar de um objeto e não leva em consideração suas características, ou, ao menos, seleciona apenas alguns aspectos entendidos como relevantes, no mínimo, é querer moldar o próprio objeto num quadro teórico-metodológico pré-concebido. Moldar o objeto à teoria e aos métodos que esta propõe diz respeito ao tratamento do material não bruto, polido e ideal. É na objeção dessa concepção que a sociolinguística se posiciona, pois, ao contrário, não se presta apenas ao auxílio de outras ciências, mas se mune de um arcabouço teórico-metodológico capaz de tratar o objeto da forma como este se apresenta na realidade dos usos que são feitos pela comunidade de fala. Quanto a essa questão, Labov (2008 [1972], p. 233) diz que “os linguistas não podem continuar a produzir ao mesmo tempo dados e teoria” sob pena de suas intuições se distanciarem cada vez mais da realidade da concretude da língua e da comunidade que a usa, pois, “para lidar com a *língua*, temos de olhar para os dados da fala cotidiana o mais perto e diretamente possível” (LABOV, 2008 [1972], p. 235-236).

Destarte, dois pontos de partida básicos para a análise sociolinguística são justamente a relação língua e sociedade e o seu objeto de estudo. Esse modelo teórico-metodológico, diferente, por exemplo, daquele proposto pelo gerativismo, é construído a partir do tratamento de um objeto não-artificial, pois, segundo Labov (2008 [1972]), a língua falada sem pressão do monitoramento linguístico sobre o falante é entendida como o *vernáculo* da comunidade de fala, pois é ele que reflete fielmente as características linguísticas e constitui o material básico para a análise sociolinguística. O vernáculo é a fala que apresenta o estilo menos monitorado pelo falante, visto que sua atenção se encontra orientada para “o que” fala e não para o “como” fala.

Um dos importantes papéis da sociolinguística é explicar a variação e o processo de mudança linguística que ocorrem na comunidade de fala. O próprio Labov (2008 [1972], p. 19)

diz que “a explicação da mudança linguística parece envolver três problemas distintos: a origem das variações linguísticas; a difusão e propagação da mudança linguística; e a regularidade da mudança linguística”. O ponto de partida para a aplicação do escopo teórico-metodológico sociolinguístico é a existência de variantes linguísticas com o mesmo significado em competição na fala de dada comunidade linguística. Nesse sentido, encaminham-se as discussões do texto que fundou as bases para uma teoria empírica da mudança linguística, no qual Uriel Weinreich, William Labov e Marvin Herzog propõem dar conta de cinco problemas da mudança linguística, apresentados na seção seguinte.

2.1.2.1 O tratamento da variação e da mudança linguística

São insuficientes os esforços para empreender uma teoria da mudança linguística com base numa visão homogeneizadora da língua. Teorizar sobre a língua restringindo seus aspectos à própria estrutura inviabiliza qualquer possibilidade de reflexão sobre as motivações sistemáticas que levam à variação e à mudança desse sistema, conforme apontam Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968], p. 35): “muito antes de se esboçar teorias preditivas da mudança linguística, será necessário aprender a ver a língua – seja de um ponto de vista diacrônico ou sincrônico – como um objeto construído de heterogeneidade ordenada”. Essa crítica vai de encontro à visão de língua como um objeto homogêneo do modelo gerativo, que busca nas descrições idealizadas e irrealistas de estados de língua a teorização de seu objeto. Essa visão é incapaz de dar conta da heterogeneidade ordenada inerente ao próprio sistema linguístico.

O modelo sociolinguístico variacionista surge com base nas proposições de Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) em meados do século XX, com o propósito de tratar a variação e a mudança linguística a partir da concepção de língua enquanto sistema operado por uma heterogeneidade ordenada. A variação e a mudança no sistema linguístico sempre foram um enigma desconfortável aos argumentos dos linguistas estruturalistas. Quanto mais se interessavam pela estrutura, mais inexplicável se tornava a questão da mudança, caracterizando-a como uma disfunção do sistema. No entanto o que poderia ser disfuncional na língua seria a ausência de heterogeneidade estrutural, conforme proposta da sociolinguística: romper com a concepção de que estrutura implica homogeneidade, apontando “a possibilidade de descrever a diferenciação ordenada numa língua que serve a uma comunidade” (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968], p. 36). Diante das proposições do pensamento estruturalista na linguística moderna, esses autores levantaram o questionamento de como uma língua

funcionaria eficientemente enquanto sua estrutura muda, visto que a variabilidade e a sistematicidade se excluem mutuamente, segundo a afirmação de que o sistema linguístico é homogêneo. Ao romper o vínculo entre estrutura e homogeneidade, a sociolinguística propõe explicar a mudança a partir da observância conjunta de todos os processos envolvidos – internos e externos à língua –, de maneira a possibilitar a descrição da diferenciação ordenada da língua.

A partir do pressuposto de que a variação é inerente à língua e de que a heterogeneidade é imanente à própria estrutura linguística, Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) propõem cinco princípios para dar conta da teoria da mudança, dispostos em termos de problemas a serem resolvidos:

- 1) O problema dos fatores condicionantes: os autores apontam que fatores extralinguísticos e/ou linguísticos interagem no processo de mudança e o papel da teoria é determinar o conjunto de condições possíveis para uma mudança linguística. Isso se aplica aos casos em que duas ou mais variantes, por exemplo, se encontram em situação de competição no sistema, de modo que a substituição de uma pela outra no mesmo contexto não implique mudança de significado, e sob certas condições especiais a direção da mudança será em favor de uma das variantes.
- 2) O problema da transição: Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968], p. 122) dizem que “a mudança se dá (1) à medida que um falante aprende uma forma alternativa, (2) durante o tempo em que as duas formas existem em contato dentro de sua competência, e (3) quando uma das formas se torna obsoleta”. Conformes esses autores, no processo de mudança, a transferência se dá entre os pares de faixas etárias próximas, indicando que as crianças, por exemplo, preservam as características dialetais de seus pares pertencentes aos grupos das faixas etárias subsequentes, ou seja, dos pré-adolescentes.
- 3) O problema do encaixamento: a partir do consenso de que as mudanças linguísticas devem ser vistas como encaixadas no sistema linguístico como um todo, a teoria da mudança linguística enfrenta o problema do encaixamento considerando sua natureza e extensão. O encaixamento na estrutura linguística diz respeito ao conceito da variável como elemento estrutural. A mudança de elemento da estrutura linguística acarreta a alteração de outros elementos do sistema, como, por exemplo, ocorre com a redução da conjugação verbal do português a partir da mudança do sistema pronominal, devido à implementação do pronome “você/vocês” e do “a gente” em substituição à segunda pessoa do singular e do plural e à primeira pessoa

do plural, respectivamente: o verbo “cantar” passa a ser conjugado da seguinte maneira no presente do indicativo: eu canto, você canta, ele canta, a gente canta, vocês canta[Ø] e eles canta[Ø], considerando as variedades do português popular e até mesmo, em muitos casos, do português culto. São explicações como essas que caracterizam o encaixamento na estrutura linguística e que podem concorrer com fatores sociais. Quanto ao encaixamento na estrutura social, a própria mudança linguística em si já se encontra encaixada na estrutura social de maneira mais ampla, caracterizando as variações sociais e geográficas como elementos intrínsecos da estrutura. Aqui o papel do linguista não é simplesmente demonstrar a motivação social da mudança mas também determinar o grau de correlação social existente e apontar como essa motivação social pesa no sistema linguístico. Labov (2008 [1972]) aponta que a mulher é mais conservadora no processo de mudança, pois usa mais a variante padrão em desfavor de uma variante inovadora, não padrão. Isso seria favorecido pelo próprio contexto social, que a submetia a uma educação tradicionalmente diferenciada e que lhe deixava a cargo a educação dos filhos. Essas considerações tentam dar conta do encaixamento da mudança linguística na estrutura social.

- 4) O problema da avaliação: esse problema diz respeito à verificação do nível de consciência social dos indivíduos de uma comunidade a respeito dos usos linguísticos. Trata-se do estabelecimento de correlatos subjetivos das avaliações de variáveis numa estrutura linguística heterogênea. Esses correlatos não podem ser apreendidos a partir do lugar das variáveis dentro da estrutura do sistema, têm que ser determinados diretamente a partir da verificação junto aos integrantes da comunidade.
- 5) O problema da implementação: esse quesito retoma os quatro problemas já discutidos anteriormente, visto que diz respeito ao processo e à compleição da mudança no sistema. Uma variante já se encontra implementada quando deixa de alternar com outras variantes e passa a ser categórica num contexto em que outrora era instável. A esse respeito,

sugere-se que uma mudança linguística começa quando um dos muitos traços característicos da variação na fala se difunde através de um subgrupo específico da comunidade de fala. Este traço linguístico então assume uma certa significação social – simbolizando os valores sociais associados àquele grupo (cf. Sturtevant 1947:81ss.). Uma vez que a mudança linguística está

encaixada na estrutura linguística, ela é gradualmente generalizada a outros elementos do sistema. Tal generalização não tem nada de instantânea, e a mudança na estrutura social da comunidade normalmente intervém antes que o processo se complete. Novos grupos entram na comunidade de fala, de tal modo que uma das mudanças secundárias se torna primária. Destas alternâncias da mudança linguística e social provém a extraordinária complexidade das estruturas sociolinguísticas encontradas em estudos recentes. O avanço da mudança linguística rumo à completção pode ser acompanhado de uma elevação no nível de consciência social da mudança e do estabelecimento de um estereótipo social. (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968], p. 124-25)

Entende-se que a mudança não é abrupta. Trata-se de um processo de implementação de determinada forma linguística alternativa que pode se estabelecer no sistema a partir de condições específicas favorecedoras. Ao surgirem novas formas que dão início à mudança, entra em cena a condição *sine qua non* para a implementação desse processo: a variação linguística.

Enquanto ocorre a variação linguística, os estereótipos que pairam sobre os grupos responsáveis ou associados à projeção da variante se desencadearão nas variantes marcadas, principalmente quando se tratar de variante estigmatizada socialmente. A associação dos traços que relacionam uma variante a determinado grupo desaparecerá conforme novos grupos ingressam na comunidade, fazendo com que esses traços sejam expandidos a ponto de perderem o caráter marcado de um dos grupos. Isso possibilita que as formas mais inovadoras sejam encontradas com índices altos de frequência na comunidade e avancem rumo à compleição da mudança. Cabe, porém, dizer que nem toda situação de variação linguística implicará mudança, mas toda mudança linguística é resultante da variação, conforme Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968], p. 125): “nem toda variabilidade e heterogeneidade na estrutura linguística implica mudança; mas toda mudança implica variabilidade e heterogeneidade”.

Os esforços empreendidos pela sociolinguística buscam observar e explicar a mudança enquanto ela ocorre. Para tanto, assumem-se os seguintes princípios e pressupostos: a mudança linguística não é aleatória, mas uma diferenciação ordenada; a estrutura linguística inclui a diferenciação ordenada dos falantes através de regras que governam a variação na comunidade; o controle desta estrutura heterogênea está incluído no domínio do falante nativo sobre a língua; e “os fatores linguísticos e sociais estão intimamente inter-relacionados no desenvolvimento da mudança linguística” (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968], p. 126).

Para Labov (2008 [1972]), ainda no início da segunda metade do século XX, a concepção de uma linguística preocupada com a realidade social da língua era uma perspectiva remota, visto que os linguistas daquela época estavam mais preocupados com seus próprios idioletos e com suas atenções voltadas para os aspectos estruturais da língua. Com as críticas ao estruturalismo levado às últimas consequências, a partir dos anos 1960, a atenção de muitos linguistas se volta para a realidade social da língua:

Existe uma crescente concepção de que a base do conhecimento intersubjetivo na linguística tem de ser encontrada na fala – a língua tal como usada na vida diária por membros da ordem social, este veículo de comunicação com que as pessoas discutem com seus cônjuges, brincam com seus filhos e ludibriam seus inimigos. (LABOV, 2008 [1972], p. 13)

Trata-se não somente de uma reorientação dos métodos de pesquisa linguística, que abre espaço para análise de materiais reais do contexto social, mas também de uma nova concepção teórica que pauta seus princípios e métodos na necessidade de dar conta do caráter heterogêneo da estrutura linguística entrelaçada na estrutura social. A fala passa a ser considerada não mais como o lugar da variação livre, sem a presença de fatores que a condicionem, e a concepção de estrutura linguística assumida nessa nova teoria a expande para além do sistema abstrato, abarcando os usos linguísticos tal como sua materialização no contexto social. Em outras palavras, a partir dos anos 1960, dá-se início ao fazer sociolinguístico e as concepções da intrínseca vinculação entre heterogeneidade e estrutura são colocadas em prática nas pesquisas linguísticas.

O início dos trabalhos sociolinguísticos se deu num contexto muito desfavorável e fechado aos princípios e pressupostos assumidos por essa corrente. Tratava-se de um momento histórico em que, segundo Labov (2008 [1972] p. 13), “existiam diversas barreiras ideológicas para o estudo da língua na vida diária”. Esse autor assinala três restrições que causavam essas barreiras ideológicas: a) a enunciação saussuriana que estabelecia o princípio de que os sistemas estruturais do presente e as mudanças do passado deveriam ser estudados separadamente; b) a afirmação de que a mudança sonora não poderia ser observada diretamente; c) a variação livre não poderia ser condicionada. Nesse sentido, “o estudo empírico da mudança linguística estava, portanto, eliminado do programa da linguística do século XX” (LABOV, 2008 [1972] p. 14), não havia o que se falar da variação ou da mudança em andamento.

O pensamento corrente antes do advento da quebra de paradigmas pela sociolinguística, segundo Labov (2008 [1972]), sustentava que as mudanças linguísticas não poderiam ser explicadas a partir de dados não linguísticos e que não seria possível nenhuma avaliação social a respeito das variantes linguísticas, determinando o que o linguista poderia ou não fazer para explicar os fenômenos linguísticos; no entanto muitos estudiosos da linguagem já vinham engendrando proposições que iriam de encontro aos princípios estruturalistas de fazer pesquisa linguística, a exemplo de Uriel Weinreich, Marvin Herzog e o próprio William Labov.

Para Labov (2008 [1972]), é possível tanto reconstruir a história da mudança sonora como também identificar a mudança enquanto ocorre no momento presente, isolando os fatores linguísticos e os fatores sociais a partir da correlação dos padrões linguísticos com diferenças concomitantes na estrutura social. Para esse autor, ao extrair os fatores sociais que incidem sobre o processo linguístico, os resultados desse procedimento poderão contribuir para a compreensão geral do processo de mudança linguística. Labov diz que nenhuma mudança acontece num vácuo social. Assim,

não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre. Ou, dizendo de outro modo, as pressões sociais estão operando continuamente sobre a língua, não de algum ponto remoto do passado, mas como uma força social imanente agindo no presente vivo. (LABOV, 2008 [1972], p. 21)

Nesse sentido, as diferenças na estrutura social não podem ser desconsideradas nas análises dos processos de mudança linguística, sobe pena de se anular qualquer possibilidade de interpretação coerente dos fatos linguísticos e obscurecer as explicações do funcionamento dos mecanismos de mudança. Na seção seguinte, apresenta-se uma discussão a respeito da geolinguística pluridimensional como método da dialetologia enquanto ramo de estudos da linguagem que também se ocupa da variação linguística em seus diferentes aspectos.

2.2 A GEOLINGUÍSTICA PLURIDIMENSIONAL

Para entender a denominação “geolinguística pluridimensional”, é preciso recorrer à história dos estudos dialetais e verificar como se desenvolveu sua metodologia no tratamento da variação linguística, mas, antes de abordar o ponto de vista histórico, cabe apresentar

algumas definições atuais dos conceitos de “dialetoлогия”, “geolinguística” e “geografia linguística”.

Cardoso (2010, p. 15) ressalta que “a dialetologia é um ramo dos estudos linguísticos que tem por tarefa identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme a sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica”. Diferentemente da concepção de abordagem da variação linguística apenas no que diz respeito à sua distribuição espacial – concepção tradicional do papel diatópico da dialetologia –, trata-se de uma definição que agrega à análise dialetal os princípios da sociolinguística, ou seja, as características sociais dos informantes – a variação social. A esse respeito, comenta Romano (2014, p. 145): “essa nova tendência de verificar o fenômeno da variação linguística veio constituir a Dialetologia pluridimensional, conceito desenvolvido por pesquisadores alemães como Edgar Radtke e Harald Thun, da Universidade de Kiel”. Dessa forma, a partir dessa reorientação dos métodos geolinguísticos ou métodos da geografia linguística, muitos linguistas passaram a utilizar o termo “pluridimensional” como adjetivo: dialetologia pluridimensional, atlas pluridimensional, geolinguística pluridimensional etc.

Nos estudos dialetológicos, assume-se que a geolinguística ou geografia linguística, como também é denominada, é o método próprio da dialetologia enquanto ramo dos estudos linguísticos. A esse respeito, Cardoso (2010, p. 46) menciona que, ao final do século XIX, “firma-se, assim, a geografia linguística como método por excelência da dialetologia e vai se incumbir de recolher de forma sistemática o testemunho das diferentes realidades dialetais refletidas nos espaços considerados”. A dialetologia é um ramo de estudos da linguagem que tem como método específico a geografia linguística ou geolinguística (CARDOSO, 2010).

Um dos importantes fatores impulsionadores da dialetologia foram os estudos de diferentes falares (dialetos) regionais, com o objetivo de explicar a evolução histórica das línguas. Resultante do interesse pelos dialetos, então estudados pelos métodos histórico-comparativos, segundo Brandão (1991), o século XIX foi a época em que o estudo sistemático das variações de natureza geográfica se aperfeiçoou. Os estudos dialetológicos se desenvolveram principalmente na França, onde as pesquisas dialetais apresentavam resultados que negavam, em grande parte, o princípio de que as alterações fonéticas obedeciam a leis rígidas que não admitiam exceções.

Em concordância com seu pupilo Jules Gilliéron, fundador da geografia linguística como método de investigação científica, o francês Gaston Paris ressaltou a necessidade de que o mesmo rigor científico aplicado nas ciências naturais deveria ser estendido aos métodos e às

descrições linguísticas, de modo que os estudos fossem metodologicamente bem definidos e rigorosamente descritos.

Um marco dos estudos dialetológicos que trouxe significativas contribuições para a linguística foi a elaboração do Atlas Linguístico da França (ALF), resultante da constante preocupação de Gilliéron com questões dialetais. Iniciada em 1897, a recolha de dados para composição do ALF contou, especialmente, com o apoio do comerciante Edmond Edmont, escolhido como inquiridor. Conforme se verifica em Brandão (1991), já em 1902, o ALF teve seus três primeiros fascículos publicados, totalizando 35 fascículos, o último publicado em 1910.

Os resultados obtidos nas cartas do ALF foram a base para Gilliéron argumentar a respeito da inconsistência da generalidade dos princípios da regularidade linguística, defendida pelos neogramáticos, e destacar que o estudo dos fatos linguísticos deve levar em conta sua distribuição espacial (BRANDÃO, 1991). O ALF foi um empreendimento que subsidiou metodologicamente a elaboração de diversos outros trabalhos de cunho dialetológico tanto na França como nas Américas.

Brandão (1991) considera que o método da geografia linguística, aos poucos, aperfeiçoou-se, abarcando não somente a diferenciação linguística no plano geográfico mas também as peculiaridades da variação diastrática e etnográfica. A autora ressalta que “os princípios da geografia linguística combinados aos da sociolinguística podem ensejar um melhor conhecimento dos mecanismos com que opera uma língua e dos fatores que determinam sua evolução” (BRANDÃO, 1991, p. 12). A combinação dos princípios dessas duas correntes de estudos, associada ao método adotado por cada uma delas para tratar a heterogeneidade da língua, pode contribuir para o conhecimento dos mecanismos da variação e da mudança linguística.

Destaca-se que o interesse científico pela língua enquanto conjunto de variedades somente começou a crescer a partir do momento em que foram lançadas as bases do método da geografia linguística, por Gilliéron, conforme aponta Brandão (1991). Nessa perspectiva, em busca do conhecimento dos mecanismos de alteração e funcionamento das línguas, a geografia linguística é pioneira na aplicação de métodos eficazes e rigorosos no tratamento da variação.

A partir do ALF e outros atlas linguísticos elaborados no continente europeu, diversos filólogos da época se interessaram pela metodologia da geografia linguística para aprofundar os conhecimentos a respeito da evolução histórica das línguas através da comparação dos dialetos de línguas que tinham aspectos genealógicos em comum. Diante disso, Brandão (1991, p. 16) faz o seguinte questionamento: “nos países do Novo Mundo, para onde se transplantaram

línguas de civilização – como o português, o espanhol, o inglês e o francês –, seria produtivo utilizar um método quase secular e tão comprometido com uma mentalidade histórica?”. De maneira mais objetiva, Brandão (1991) questiona se o método da geografia linguística seria adequado ao conhecimento do português do Brasil. A resposta é sim. À pertinência do método da geografia linguística ao conhecimento do português coaduna-se a necessidade de investigações cientificamente rigorosas da realidade social e linguística do Brasil, considerando também os pressupostos históricos, sem o subjetivismo norteador, presente em estudos precursores da vertente brasileira do português.

A aplicação do método da geografia linguística culmina na elaboração de atlas linguísticos que revelam o mapeamento das variações no âmbito de determinados espaços geográficos, definidos previamente. Brandão (1991, p. 25) define um atlas linguístico como “o conjunto de mapas em que se registram os traços fonéticos, lexicais e/ou morfossintáticos característicos de uma língua num determinado âmbito geográfico”, considerado um repositório de variedades ou diferentes realizações de uma língua.

A elaboração de um atlas linguístico apresenta certa complexidade. Os dialetólogos brasileiros corroboram a ideia de que a elaboração de um atlas linguístico nacional do Brasil demandaria ainda maior complexidade devido à sua grande extensão territorial. Tal empresa demandaria um alto custo operacional e financeiro bem como exigiria a formação de uma equipe especializada para dar conta desse empreendimento. Para Brandão (1991), soma-se a esses fatores a questão de se relacionarem os princípios da dialetologia e os da sociolinguística, de modo que se considerem mais detidamente os aspectos dos fatores sociais nas pesquisas dialetológicas. Trata-se de incluir, na composição do *corpus* de um atlas linguístico, os critérios de escolhas dos indivíduos informantes da pesquisa, como, por exemplo, a idade, o sexo, a profissão, a escolaridade e a situação socioeconômica, com o objetivo de revelar os condicionamentos socioculturais na distribuição dos fenômenos linguísticos no espaço geográfico.

As etapas para elaboração de um atlas linguístico são elencadas em Brandão (1991). Na presente pesquisa, faz-se uma breve descrição de cada uma dessas etapas.

Inicialmente, é preciso fazer um levantamento preliminar de dados, de modo que possibilite o conhecimento prévio do espaço geográfico e de sua população para estabelecer os critérios de escolha de informantes, de pontos de inquérito e elaboração de questionários para a coleta de dados. Nessa etapa, é fundamentalmente importante consultar obras que apresentem uma visão global do espaço e dos grupos que nele vivem e que caracterizem a área a ser

estudada nos seus aspectos físicos, geográficos, socioculturais, históricos, ecológicos, econômicos e linguísticos.

Feito o levantamento preliminar de dados, é preciso fixar os pontos de inquérito. A escolha das localidades vai depender dos objetivos do pesquisador, que deve levar em conta a extensão territorial e a população da área a ser estudada bem como as peculiaridades gerais da região.

Outra etapa é a seleção de informantes. Nesse caso, devem ser considerados o número de informante por ponto de inquérito e os critérios de sua escolha. A orientação de muitos linguistas é a de que se selecionem vários informantes por localidade, considerando as variáveis que reflitam a realidade social da comunidade analisada. Brandão (1991, p. 31) destaca que não é “fácil para o pesquisador atender a tantos requisitos, quando se trata de pesquisa de maior amplitude, sobretudo porque os resultados obtidos – devidamente quantificados e detalhadamente transcritos – terão de ser registrados em mapas”. No entanto, diante da necessidade de que os critérios de escolha de informantes espelhem a realidade social, alguns desses critérios tradicionais merecem ser revistos, com o estabelecimento de alguns princípios gerais, como, por exemplo, o informante precisa ser nativo da localidade investigada bem como seus pais e cônjuge.

A etapa de recolha de dados contribui para a obtenção de um material homogêneo e susceptível de comparação a partir das entrevistas com os informantes. Na metodologia da geografia linguística, o questionário é a técnica que normalmente assegura a homogeneidade dos dados. As questões elaboradas para o levantamento de dados precisam espelhar os objetivos do projeto, de modo a direcionar e subsidiar a coleta de um material possível de ser analisado, conforme os aspectos linguísticos estabelecidos para análise nos objetivos: fonéticos, lexicais e morfossintáticos. Aponta-se também a necessidade de associar à técnica de aplicação de questionário a técnica de gravações de elocuições livres.

A etapa de inquérito representa o trabalho de campo propriamente dito. Nessa fase, o pesquisador coloca em prática o planejamento realizado para alcançar seus objetivos, de modo que tem que lidar, dentre outras coisas, com o grau de receptividade da comunidade analisada e tem que ter o cuidado de abarcar os fatos com que pretende lidar, a sua própria postura diante da comunidade, o modo da formulação das perguntas etc. Para tanto, através de uma formação linguística consistente, o pesquisador precisa se preparar tecnicamente de modo intensivo para desempenhar eficazmente sua tarefa.

A etapa de arquivamento e transcrição de dados, além das anotações dos documentadores, conta também com aparelhos tecnológicos (gravadores digitais, aparelhos

celulares, computadores portáteis etc.) que subsidiam os inquiridores no momento da entrevista e que, posteriormente, facilitam o processo de transcrição dos dados para elaboração das cartas linguísticas bem como possibilitam o arquivamento tanto sonoro como escrito do material colhido junto aos informantes da comunidade analisada.

Terminadas as etapas descritas anteriormente, realiza-se o preparo das cartas do atlas por meio da seleção e análise dos dados, acompanhada de uma introdução que forneça informações auxiliares capazes de contribuir para uma correta interpretação das formas registradas nas cartas linguísticas.

Brandão (1991) diz que o marco divisor da história da dialetologia no Brasil foi o período compreendido entre 1957 e 1959, assinalando que esse período de divisão em duas épocas foi marcado pela realização dos seguintes eventos:

3º e 4º Colóquios Internacionais de Estudos Luso-Brasileiros (1957 e 1959), o 1º Congresso Brasileiro de Etnografia e Dialectologia (1958), o 1º Simpósio de Filologia Românica (1958) e se publica, pela Casa de Ruy Barbosa, a primeira parte das *Bases para elaboração do Atlas Linguístico do Brasil* (1958), de Antenor Nascentes. (BRANDÃO, 1991, p. 42)

A partir dessas considerações, entende-se que a dialetologia no Brasil começou a se desenvolver a partir do momento em que alguns pesquisadores da linguística brasileira se interessaram pelos princípios da geografia linguística e aplicaram sua metodologia à investigação do português falado no Brasil. Nesse sentido, a partir de 1920, Amadeu Amaral, considerado o primeiro dialetólogo brasileiro, interessado pelo o estudo da, então, variante brasileira da língua portuguesa, fez a primeira tentativa de descrever um falar regional, com a edição de *O dialeto caipira*, lançando, assim, as bases para o conhecimento das variedades dialetais a partir do método da geografia linguística no Brasil (BRANDÃO, 1991).

Nessa esteira, Antenor Nascentes, em *O linguajar carioca em 1922*, apresentou uma proposta que subdivide o dialeto brasileiro em quatro subdialetos: nortista, fluminense, sertanejo e sulista. Mais tarde, em 1933, esse dialetólogo reelaborou a proposta de divisão dialetal do território nacional, que passou a ser descrito em seis subfalares: amazônico, nordestino, baiano, mineiro, fluminense e sulista. Trata-se de uma proposta que serve de referência até hoje aos que estudam o português do Brasil.

O professor e filólogo Serafim da Silva Neto é considerado o principal incentivador da formação de uma mentalidade dialetológica nacional, de modo que defendia a necessidade de se percorrer todo o território nacional para a coleta de materiais para o estudo dos falares brasileiros (dialetos). Para Silva Neto (1976), a transformação de uma língua acontece não

somente através de sua expansão territorial mas, sobretudo, pela transformação da cultura da qual a língua é instrumento de expressão. Nesse sentido, Brandão (1991) assinala que, para esse filólogo, a coleta de dados linguísticos estava atrelada à coleta etnográfica.

Outro nome importante para os estudos dialetológicos no Brasil é o de Celso Cunha. Juntamente com Serafim da Silva Neto, em 1957, apresentou a proposta do “Atlas Linguístico-Etnográfico do Brasil”, por regiões, proposta considerada por Brandão (1991, p. 50) como “a solução mais viável para enfrentar a difícil tarefa de documentar os traços linguístico-etnográficos de um país de território tão vasto”.

Retomando o marco divisor que separa as duas épocas da história da dialetologia brasileira, referido anteriormente, esse período compreendido entre 1957 e 1959, por meio de vários eventos, reuniu os resultados de trabalhos dialetológicos sobre o português do Brasil, desenvolvidos na primeira época, foi cenário para discussões teóricas e metodológicas concernentes à dialetologia, propiciou a publicação da primeira parte das *Bases para a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil* e favoreceu o desenvolvimento das pesquisas dialetais na Bahia, por iniciativa de Nelson Rossi, que mais tarde resultou na publicação do primeiro atlas regional brasileiro.

A dialetologia brasileira teve seu estímulo na dialetologia europeia, especialmente aquela desenvolvida em Portugal, mas, conforme menciona Brandão (1991, p. 56), foi “pelo processo de *aprender a fazer fazendo*” que Nelson Rossi adquiriu e colocou em prática a técnica de elaboração de cartas linguísticas para a composição de mapas regionais brasileiros – o *Atlas Prévio dos Falares Baianos* e o *Atlas Linguístico de Sergipe* –, por meio da aplicação cientificamente rigorosa da metodologia da geografia linguística.

Os atlas linguísticos possuem não apenas valor sincrônico mas grande valor diacrônico, uma vez que registram outras fases da mesma língua através da recolha de formas em desuso em outras regiões e do levantamento de traços fônicos distintivos (BRANDÃO, 1991).

Nesse sentido, dentre outras empreitadas para tratar das variações dialetais no território brasileiro, surgiu a proposição de desenvolvimento de um projeto que fosse capaz de abranger e mapear a diversidade linguística do português no Brasil a partir da aplicação de uma metodologia comum às várias regiões do País, a constituição de um atlas linguístico geral do PB. Essa empresa foi assumida em 1996 com o início dos trabalhos do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB), que, segundo Cardoso (2010), marca uma nova fase para a dialetologia brasileira.

O Projeto ALiB é um empreendimento de maior amplitude em relação a outras propostas de elaboração de atlas linguísticos de regiões do Brasil, visto seu objetivo de não

apenas abarcar dialetos específicos mas de ir em busca da realidade da língua portuguesa em âmbito nacional. A esse respeito, comenta Cardoso (2010, p. 167):

A retomada da ideia de elaboração de um atlas linguístico nacional foi aprovada, em novembro de 1996, por ocasião da realização, em Salvador, do Seminário *Caminhos e perspectivas para a geolinguística no Brasil*, com a participação de pesquisadores na área de diferentes regiões brasileiras e com o assessoramento do Prof. Michel Contini, da Universidade de Grenoble. Naquele momento, duas grandes linhas se impuseram, de imediato: a formulação ampla de um projeto e a discussão/definição de sua metodologia.

Com a aprovação da elaboração do atlas linguístico de abrangência nacional, e a definição de sua metodologia, o Projeto ALiB reúne diversos pesquisadores de diferentes instituições de pesquisa para efetivar a metodologia da geolinguística na busca do conhecimento da realidade linguística brasileira. O capítulo seguinte apresenta os procedimentos metodológicos da pesquisa, destacando a metodologia adotada pelo Projeto ALiB.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Neste capítulo, são apresentados os procedimentos metodológicos da pesquisa, tais como os critérios de constituição do *corpus* e os instrumentos sociolinguísticos de análise adotados. O *corpus* analisado faz parte do Projeto ALiB. Trata-se de um projeto de abrangência nacional fundamentado nos princípios da geolinguística contemporânea que tem contribuído significativamente para o entendimento da língua portuguesa no Brasil. Esse projeto, além de investigar a variação espacial ou diatópica, leva em consideração implicações de natureza social, ou seja, também assume uma perspectiva sociolinguística.

Para a composição do *corpus* desta pesquisa, são consideradas 24 entrevistas com informantes naturais de seis municípios baianos, a saber: Euclides da Cunha, Barra, Jacobina, Seabra, Santo Amaro e Santa Cruz Cabralia. A distribuição dos informantes contempla equitativamente os dois sexos, sendo quatro informantes em cada município, distribuídos em duas faixas etárias (faixa 1 – 18 a 30 anos e faixa 2 – 50 a 65 anos), todos alfabetizados, com escolaridade, no máximo, até o Ensino Médio, conforme metodologia do Projeto ALiB.

3.1 PROJETO ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL (PROJETO ALiB)

O Projeto ALiB, conforme se verifica no *site*⁸, tem por meta a constituição de um atlas linguístico geral da língua portuguesa no Brasil. Sob a liderança de um grupo de pesquisadores que compõem o Comitê Nacional, responsável por dirigir e coordenar todas as atividades do ALiB, reúnem-se 12 (doze) universidades em todo o Brasil, que empreendem esforços conjuntos para a realização desse trabalho pioneiro. Dentre os objetivos para a constituição do atlas, numa perspectiva da geolinguística contemporânea, busca-se descrever a realidade linguística brasileira e oferecer aos estudiosos da língua portuguesa subsídios para uma melhor interpretação do perfil multidialetal do Brasil, contribuindo tanto para o entendimento da diversificação do PB como para o aprimoramento do processo de ensino-aprendizagem do português no País.

Cardoso e Mota (2003) consideram que a elaboração de um atlas linguístico do Brasil, almejada há tempos por outros pesquisadores, contribui para o preenchimento de uma lacuna nos estudos da variação no PB, tarefa que necessariamente deve ser assumida pela geografia linguística, modernamente aprimorada ao assumir os veios sociolinguísticos – geolinguística

⁸ Disponível em: <<http://www.alib.ufba.br/>>.

pluridimensional. A proposição de tal empresa, resumidamente, é fundamentada em razões de ordem linguística, social, histórica, considerando as questões políticas relacionadas tanto ao ensino de língua materna como relacionadas ao entendimento do uso da variedade linguística do PB.

Quanto aos critérios metodológicos do Projeto ALiB, pretende-se, além das cartas linguísticas, oferecer estudos interpretativos sobre os aspectos linguísticos cartografados, proposição esta que insere o ALiB entre os atlas mais modernos, os chamados atlas de 2ª e 3ª geração. Para alcançar os objetivos, a metodologia perpassa pelos seguintes procedimentos: a rede de pontos, o perfil dos informantes e os questionários linguísticos.

Conforme o Comitê Nacional do Projeto ALiB (1998), 250 localidades, selecionadas segundo critérios geográficos, demográficos, históricos, culturais e considerando zonas dialetais apontadas por estudos anteriores, constituem a rede de pontos. Foram incluídas todas as capitais, exceto Brasília (DF) e Palmas (TO), devido às datas recentes de suas fundações.

No que tange aos informantes, estabeleceu-se o número de oito nas capitais de estado e quatro nas demais localidades, distribuídos equitativamente em duas faixas etárias – 18 a 30 anos e 50 a 65 anos –, contemplando os dois sexos, sendo que, nas capitais, a seleção dos oito informantes atende ao seguinte perfil: quatro escolarizados, de no máximo até o Ensino Médio, e quatro com nível universitário. Todos, nascidos na localidade pesquisada e com profissões que não permitam grande mobilidade urbana, somam um total que atinge a casa dos 1100 informantes. Segue quadro com perfil dos informantes do Projeto ALiB:

Quadro 1: Informantes do Projeto ALiB

Sexo	Faixa Etária	Escolaridade	Interior	Capital
Homem	18 a 30 anos	Até o Ensino Médio	1	1
Mulher	18 a 30 anos	Até o Ensino Médio	1	1
Homem	50 a 65 anos	Até o Ensino Médio	1	1
Mulher	50 a 65 anos	Até o Ensino Médio	1	1
Homem	18 a 30 anos	Nível Universitário	-	1
Mulher	18 a 30 anos	Nível Universitário	-	1
Homem	50 a 65 anos	Nível Universitário	-	1
Mulher	50 a 65 anos	Nível Universitário	-	1
Total de informantes			4	8

Quanto aos questionários linguísticos, foi realizada a aplicação de três tipos de questionários direcionados para os seguintes aspectos: fonético-fonológico, com 159 perguntas, mais 11 questões de prosódia; semântico-lexical, com 202 perguntas; e morfossintático, com 49 perguntas. Foram acrescentadas ainda 4 questões de pragmática, alguns temas para discursos semidirigidos, como relato pessoal, comentário, descrição e relato não pessoal, além de 6 perguntas metalinguísticas e um texto, “Parábola dos sete vimes”, para leitura, conforme se verifica no *site* do Projeto ALiB, já referido, anteriormente.

3.2 OS INFORMANTES

Como já dito anteriormente, o *corpus* desta pesquisa é composto de dados extraídos de 24 entrevistas com informantes de 6 comunidades do interior baiano do Projeto ALiB, sendo 4 informantes de cada cidade, com nível de escolaridade até o Ensino Médio, distribuídos entre os dois sexos e duas faixas etárias (faixa 1 – 18 a 30 anos e faixa 2 – 50 a 65 anos), conforme quadro a seguir:

Quadro 2: Informantes da pesquisa

Sexo	Faixa Etária	Escolaridade	Quantidade
Homem	18 a 30 anos	Até o Ensino Médio	1
Mulher	18 a 30 anos	Até o Ensino Médio	1
Homem	50 a 65 anos	Até o Ensino Médio	1
Mulher	50 a 65 anos	Até o Ensino Médio	1
Total de informantes			4

Verifica-se que, ao estabelecerem-se os critérios para as faixas etárias, de modo que atendessem à necessidade da concretização do Projeto ALiB, houve a preocupação de manter certo distanciamento entre os limites das duas faixas selecionadas para possibilitar a análise sociolinguística por meio da verificação de processos de mudança em tempo aparente.

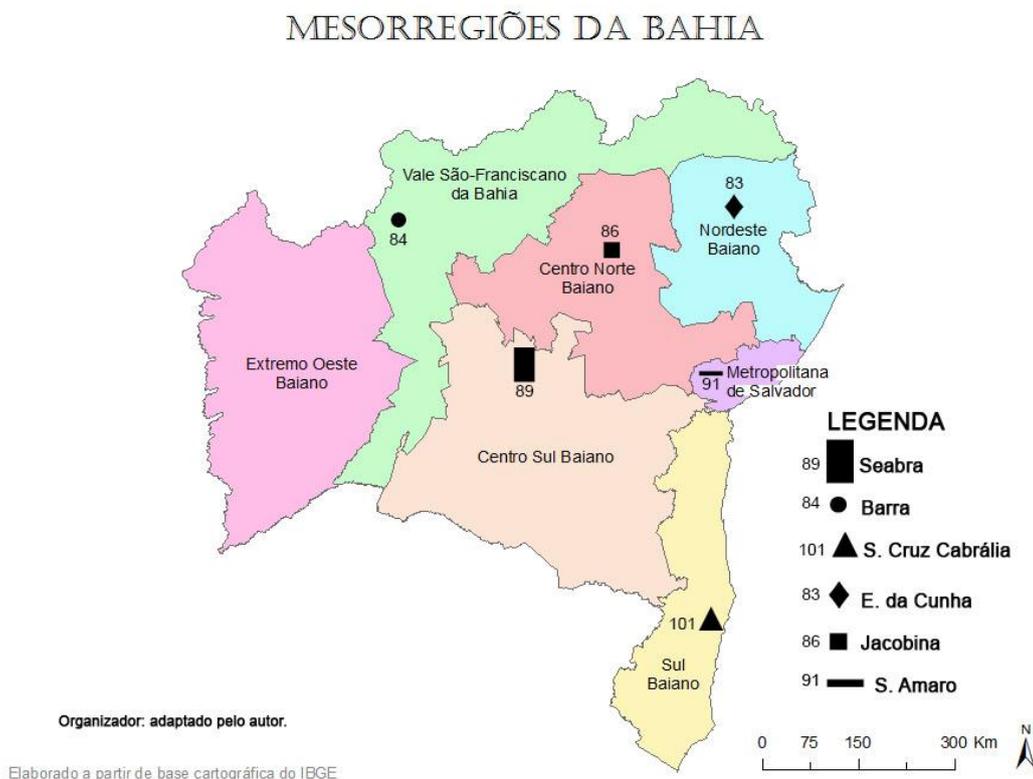
3.3 AS LOCALIDADES

As seis localidades selecionadas do Projeto ALiB são os municípios baianos de Euclides da Cunha, Barra, Jacobina, Seabra, Santo Amaro e Santa Cruz Cabrália. A escolha por esses municípios decorre de suas localizações no território baiano, de modo a possibilitar a análise comparativa da realização da variável /I/ em diferentes regiões do Estado: Norte, Sul, Leste e Oeste. A distribuição geográfica das localidades pode ser visualizada na Figura 1, a seguir:

Figura 1: Mapa de localização das localidades selecionadas do Projeto ALiB



Essa escolha contempla seis das sete Mesorregiões baianas: Metropolitana de Salvador (Santo Amaro); Nordeste Baiano (Euclides da Cunha); Sul Baiano (Santa Cruz Cabrália); Centro Sul Baiano (Seabra); Centro Norte Baiano (Jacobina) e Vale do São Francisco (Barra). A Figura 2, a seguir, ilustra a distribuição das localidades selecionadas do Projeto ALiB por Mesorregiões baianas:

Figura 2: Localidades selecionadas do Projeto ALiB por Mesorregiões

Fonte: <<http://www.baixarmapas.com.br>>. Acesso em: 28 de maio 2017.

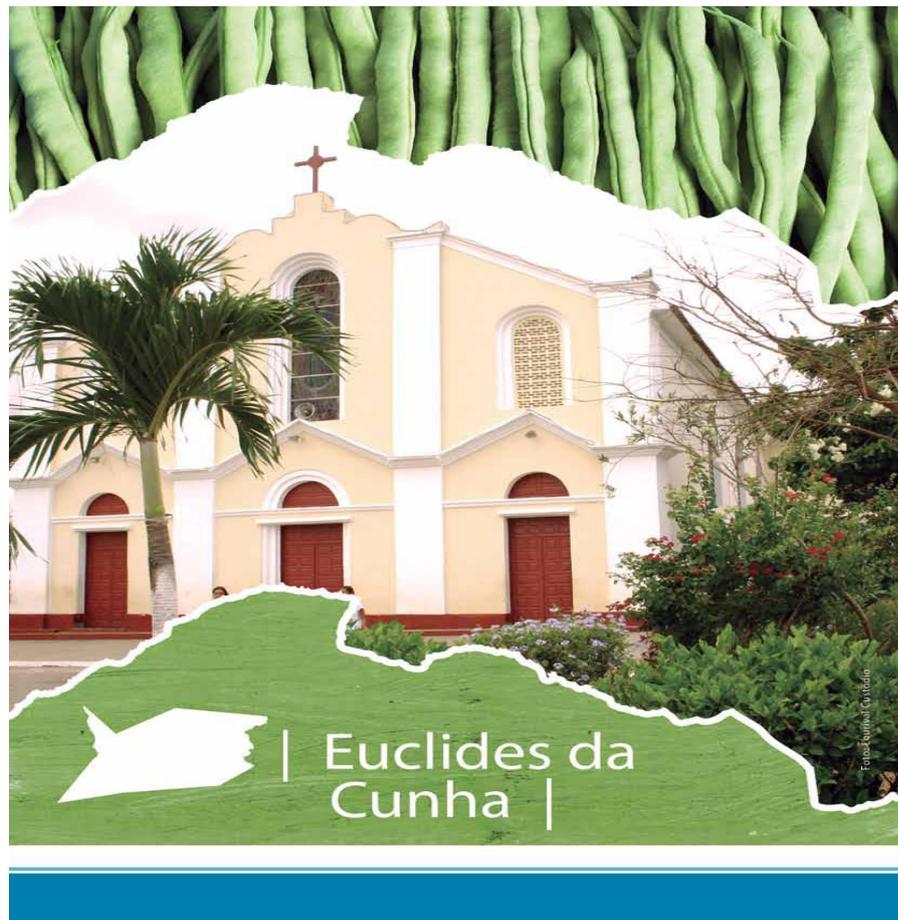
A seleção de apenas seis das sete Mesorregiões do Estado se justifica pelo fato de que o critério de escolha das localidades visou a contemplar as regiões Norte, Sul, Oeste e Leste do Estado, considerando a região Leste (Santo Amaro), devido à sua proximidade da capital do Estado, como referência para a definição dos demais pontos a serem selecionados. Optou-se pela inclusão de mais duas localidades na análise (Jacobina e Barra) para uma melhor visualização da distribuição do fenômeno linguístico investigado.

3.3.1 Euclides da Cunha

O território onde hoje se situa a cidade de Euclides da Cunha foi desbravado por colonos oriundos das regiões de Monte Santo e de Tucano, que, aos poucos, se fixaram com suas famílias e instalaram suas moradias. Essa localidade era habitada pelos antigos povos Caimbés, da tribo dos Tupiniquins. A Fazenda Cumbe do Major, de propriedade de Major Antonino, foi o local onde se iniciou o povoamento que mais tarde viria a ser o município de Cumbe e, posteriormente, Euclides da Cunha.

O município de Cumbe foi criado em 1898, tendo seu território desmembrado do de Monte Santo. Em 1931, Cumbe é novamente reintegrado ao território de Monte Santo e deixa de configurar-se como município. Em 19 de setembro de 1933, sua autonomia administrativa é restaurada, tendo sido a instalação do município efetivada em 10 de outubro desse mesmo ano. Conforme o IBGE (1958), em 30 de novembro 1938, o município passa a se chamar Euclides da Cunha em homenagem ao autor de *Os sertões* e historiador da Campanha de Canudos.

Figura 3: Cidade de Euclides da Cunha - BA



Fonte: Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia, 2011.

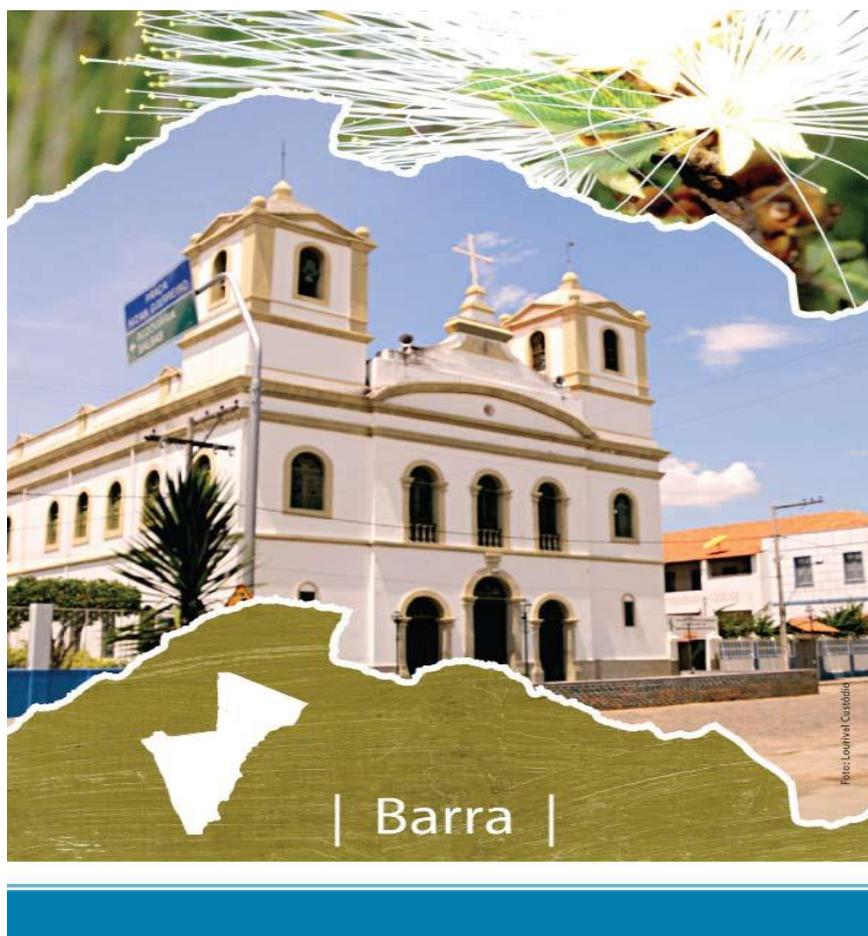
Euclides da Cunha está situada no Nordeste baiano, a 311 km ao Norte de Salvador, a capital do Estado. Segundo dados do IBGE, em 2010, sua população era de 56.289 habitantes, com densidade demográfica de aproximadamente 28 pessoas por km². Desse total de habitantes, 38.102 pessoas eram alfabetizadas. O gentílico para os nascidos em Euclides da Cunha é euclidense.

3.3.2 Barra

Território ocupado por diferentes povos indígenas, a região que mais tarde viria a se tornar a cidade de Barra teve como início de seu povoamento as instalações de uma fazenda de gado no ponto onde o rio Grande desagua no rio São Francisco, entre 1670 e 1680, sendo o responsável pelo assentamento Francisco Dias de Ávila Pereira. Tratava-se de uma grande parte de terras que serviu ao ciclo dos criadores de gado.

Em 1699-1700, funda-se a Povoação de São Francisco das Chagas de Barra do Rio Grande do Sul como distrito da vila de Cabrobó, pertencente à Capitania de Pernambuco. Os empreendimentos contaram com o forçado trabalho da mão de obra escravizada de negros que chegavam às remessas para o labor das criações de animais e das lavouras, conforme relatado pelo IBGE (1958). Em 23 de agosto de 1753, a povoação passa à condição de vila, com autonomia administrativa municipal.

Figura 4: Cidade de Barra – BA



Fonte: Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia, 2011.

Já no início do século XIX, os habitantes da colônia começavam as instruções e preocupações com as letras ainda em suas terras por meio do sacerdócio franciscano e de homens instruídos que se instalavam na localidade. Barra serviu também de asilo e refúgio para muitas pessoas expulsas ou corridas de outras terras, conforme o IBGE (1958). Em 1873, a vila passa à “Cidade Florescente de Barra do Rio Grande”.

Entre 1891 e 1912, acentuou-se a influência da cidade de Barra, centro de movimento comercial e social, dada a sua posição geográfica no Estado da Bahia, passagem forçada de quem viajasse pelo rio São Francisco no seu curso médio, e, ademais, ponto de trânsito das boiadas de Goiás, Piauí e também do Maranhão. (IBGE, 1958, p. 58)

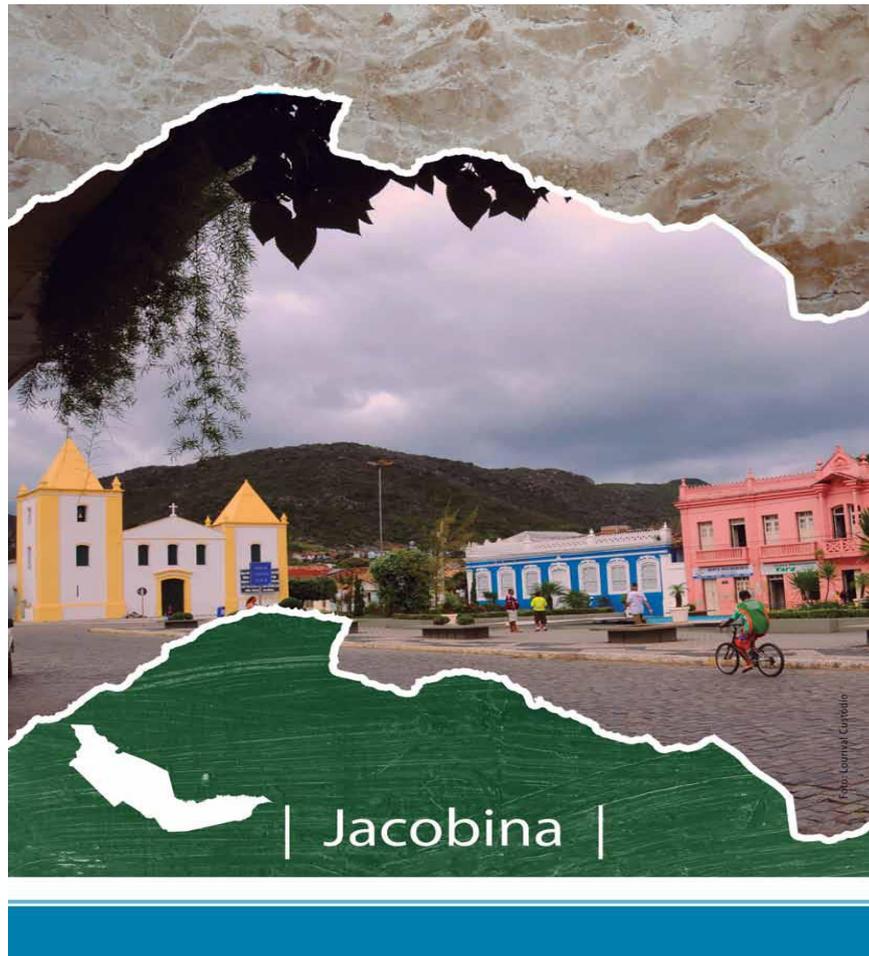
Nesse sentido, essa cidade assume um papel importante de entreposto no Estado da Bahia. Já elevada à categoria de cidade, passa a ser denominada “Barra” em 23 de junho de 1931.

Localizada a 650 km da capital baiana (Salvador), Barra possuía uma população de 49.325 habitantes no ano de 2010, com densidade demográfica de 4 pessoas por km², segundo dados do IBGE. Nesse mesmo ano, apresentava uma parcela da população de 32.963 pessoas alfabetizadas. O gentílico dos nascidos no município de Barra é barrense.

3.3.3 Jacobina

Segundo o IBGE (1958), o povoamento de Jacobina foi motivado principalmente pela corrida dos bandeirantes paulistas e portugueses em busca do ouro no início do século XVII. Em 5 de agosto de 1720, o povoado é elevado à categoria de vila e passa a se chamar “Vila de Santo Antônio de Jacobina”, que somente foi transformada em cidade em 28 de julho 1880 pela Lei Provincial 2.049, com o título de “Agrícola Cidade de Santo Antônio de Jacobina”, ficando mesmo com o nome “Jacobina”.

Figura 5: Cidade de Jacobina – BA



Fonte: Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia, 2011.

Localizada ao Norte do Estado, a 330 km de Salvador (a capital baiana), a cidade de Jacobina, em 2010, apresentava um total de 79.247 habitantes, com densidade populacional de aproximadamente 34 pessoas por km². Desse total de habitantes, 60.005 pessoas residentes eram alfabetizadas. O gentílico para os nascidos em Jacobina é jacobinense.

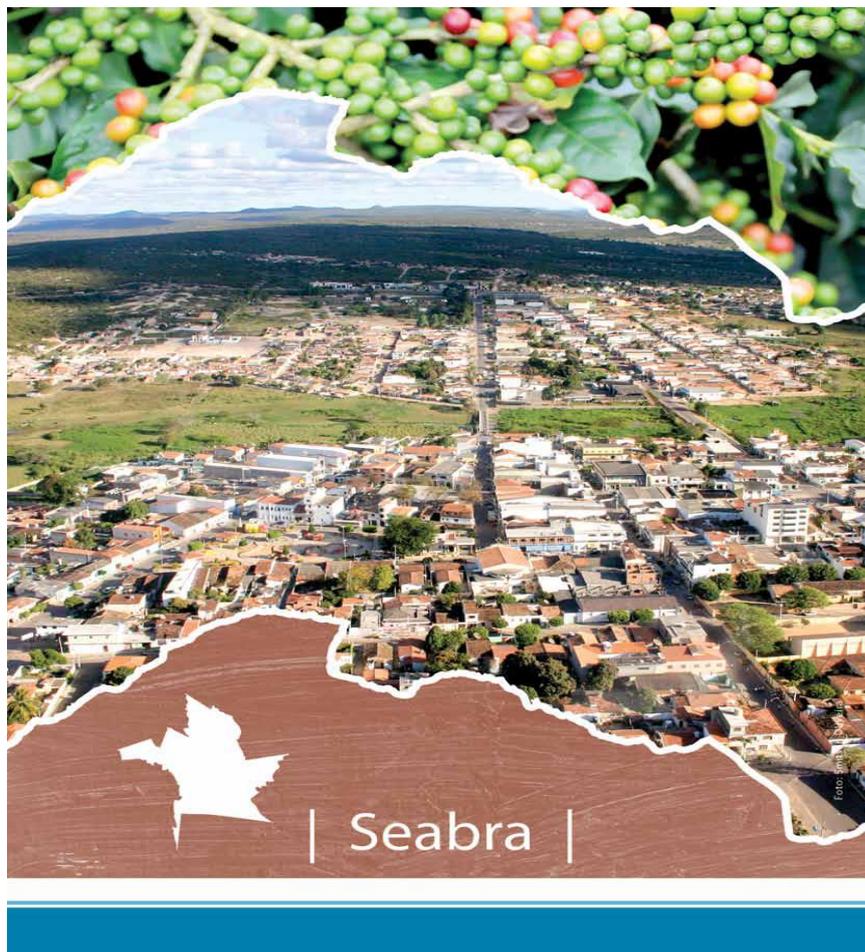
3.3.4 Seabra

Segundo o IBGE (1958), com os avanços da exploração aurífera das minas de Jacobina e de Minas de Rio de Contas no território baiano, foi construída uma estrada que ligou essas duas localidades; entretanto, diante das pesadas condições impostas pela Corte para a exploração do ouro nessas minas, a desilusão sobrepôs-se à esperança de muitos que sonhavam com as facilidades de enriquecimento proporcionado pelas pedras preciosas. Desse modo, muitos daqueles que iam em busca de riquezas ficaram pelo caminho, ou melhor, pela estrada

que se abrisse para interligar aqueles núcleos auríferos, dando início, assim, ao povoamento que mais tarde se tornaria a cidade de Seabra.

Nesse entremeio entre Jacobina e Minas de Rio de Contas, anteriormente havia apenas uma estrada deserta, onde se estabeleceram muitos dos viajantes, na sua maioria portugueses, que por ali transitavam, fixando moradias e dedicando-se a fazendas de criatórios de gado e de lavouras. A partir de então, deu-se início ao povoado que viria a se tornar a Vila Agrícola de Campestre, em 14 de maio de 1889, ficando criado o município de Campestre com seu desmembramento do território de Lençóis. Em 27 de junho de 1891, a vila foi elevada à categoria de cidade pelo Decreto n.º 491, passando a ser denominada “Campestre”. Em 27 de agosto de 1915, em homenagem ao então Governador do Estado Doutor J. J. Seabra, o município recebe a denominação de “Dr. Seabra”. Já em 1931, o município e o distrito sede (cidade) tiveram seus nomes simplificados para Seabra, conforme histórico levantado pelo IBGE (1958).

Figura 6: Cidade de Seabra – BA



Fonte: Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia, 2011.

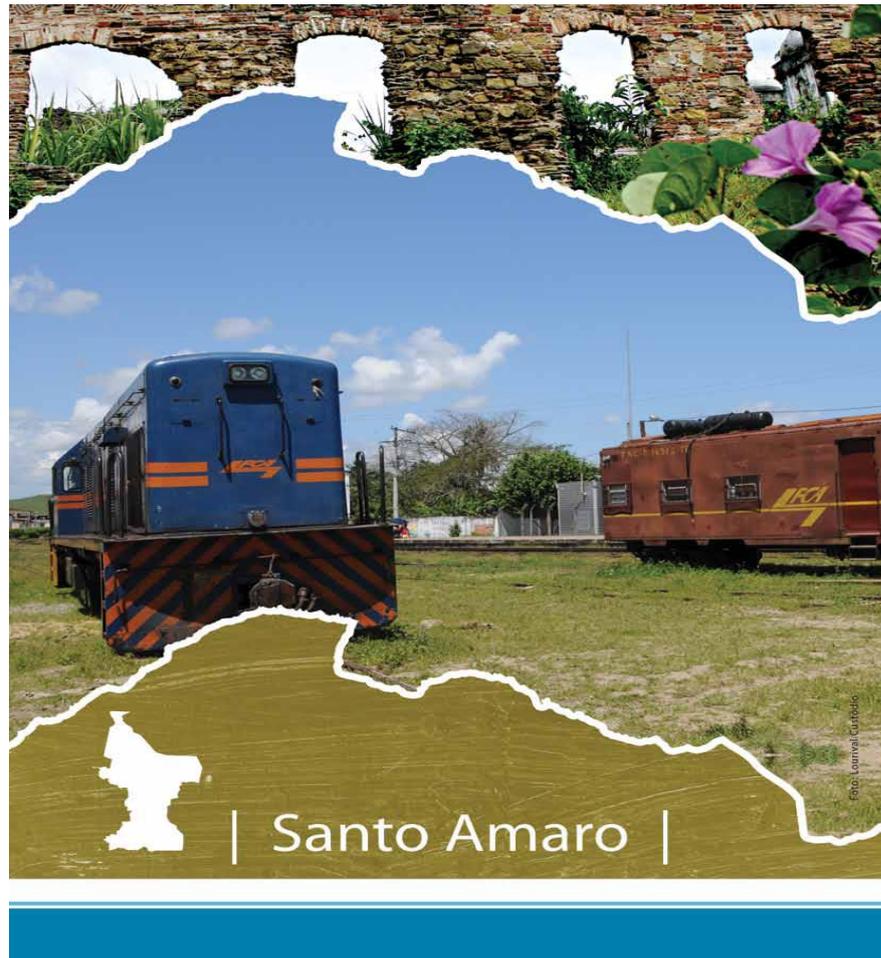
Com distância de 456 km a Oeste da capital baiana, Seabra é considerada a capital da Chapada Diamantina devido à atuação de muitos órgãos estaduais e federais que atendem a essa região na sede de seu município. Em 2010, dados do IBGE apontaram um contingente populacional de 41.798 habitantes em Seabra, com densidade demográfica de aproximadamente 17 residentes por km². Nesse mesmo ano, do total de habitantes do município, 32.033 pessoas eram alfabetizadas. Para quem nasce em Seabra, o gentílico é seabrense.

3.3.5 Santo Amaro

Situada ao Leste do Estado da Bahia, a 75 km de Salvador (capital baiana), Santo Amaro foi elevada à categoria de cidade em 13 de março de 1837 através da Lei Provincial n.º 43. Também conhecida não oficialmente por Santo Amaro da Purificação, sua povoação inicia à margem do rio Traripe, em 1557, com o estabelecimento de habitações dos colonizadores portugueses. Os Tupinambá, então habitantes desse território, travaram várias batalhas para impedir a invasão e a fixação de moradia por parte dos portugueses.

A base do progresso desse povoado, que mais tarde viria a se constituir em município de Santo Amaro, foram os rios Traripe, Pitinga e Subaé, que favoreceram especialmente o investimento nas lavouras e engenhos de cana de açúcar e seu escoamento marítimo para Salvador e para a Europa, trabalho em que era empregada mão de obra escrava.

Figura 7: Cidade de Santo Amaro - BA



Fonte: Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia, 2010.

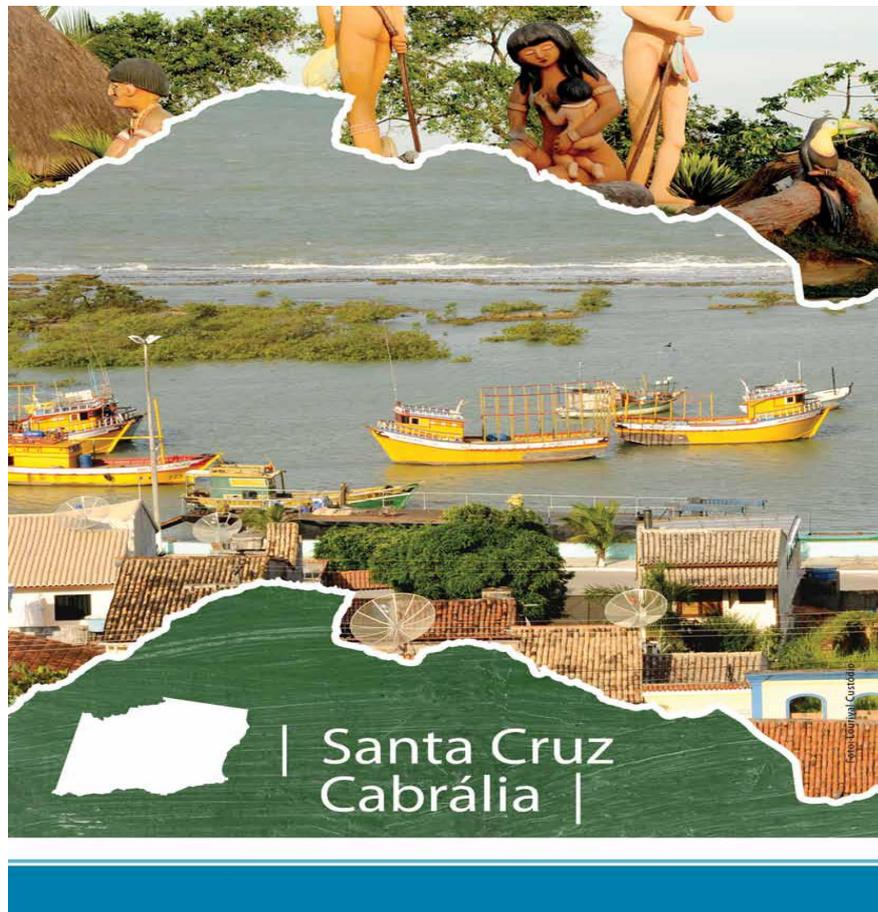
A denominação “Santo Amaro” se deu devido à doação de uma grande parte da terra em que se localizava a cidade aos beneditinos e onde se erguia a capela sob a invocação de Santo Amaro, que passou a ser o padroeiro local. Em 2010, a população somava 57.800 habitantes, com uma densidade demográfica de 117 habitantes por km². Desse total de habitantes, 46.257 pessoas eram alfabetizadas. O gentílico de quem nasce em Santo Amaro é santo-amarense.

3.3.6 Santa Cruz Cabrália

Reza a história oficial que Santa Cruz Cabrália, a então Vera Cruz e posteriormente Vila de Santa Cruz, é cenário do descobrimento do Brasil. Foi elevada à categoria de município em 1833, mas em 1931 perdeu sua autonomia administrativa e foi incorporada ao município de Porto Seguro. Em 1938, Santa Cruz Cabrália teve sua autonomia administrativa reinstalada por

força do Decreto-Lei Estadual de n.º 10.724, de 30 de março desse mesmo ano, e foi elevada à categoria de cidade.

Figura 8: Cidade de Santa Cruz Cabrália - BA



Fonte: Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia, 2010.

Santa Cruz Cabrália está localizada na denominada “Costa do Descobrimento”, à distância de 723 km ao Sul da capital baiana. Em 2010, dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) apontou que a população dessa cidade era de 26.264 habitantes, com densidade demográfica de aproximadamente 17 pessoas por km². De sua população residente, o número de alfabetizados era 19.633. Para os nascidos em Santa Cruz Cabrália, é usado o gentílico santa-cruzense.

3.4 O CORPUS

Para a constituição do *corpus*, foi feita a audição das entrevistas selecionadas do Projeto ALiB e, por meio de escutas atentas e cuidadosas e critérios previamente definidos, foi feita a transcrição de todas as realizações do fonema /l/ em posição de coda silábica.

A transcrição levou em consideração as ocorrências da variável em todo o inquérito selecionado, ou seja, foi ouvida por completa cada uma das gravações selecionadas e não apenas a parte do questionário fonético-fonológico que visa à obtenção de palavras com o /l/ em coda. Cada ocorrência de dado foi submetida a, no mínimo, três escutas ou até sanar qualquer dúvida a respeito de sua realização. Foram desconsiderados os dados com alto grau de dificuldade no reconhecimento da variante e aqueles em posição final seguido de vocábulo em que o seguinte se inicie por vogal, visto que o controle do fator “vogal subsequente” não foi incluído na análise, contexto que também está sujeito à ocorrência do processo de ressilabação, como, por exemplo, “sol aí” e “difícil esse”.

As transcrições foram realizadas em formulários que possibilitam a separação dos contextos de ocorrência das variantes. Procedeu-se à codificação dos dados e às rodadas dos mesmos no programa computacional Goldvarb X.

3.5 TRATAMENTO QUANTITATIVO DOS DADOS E VARIÁVEIS

O modelo teórico-metodológico da Sociolinguística, iniciado na década de 1960, a partir dos trabalhos do americano William Labov, por operar com números e realizar um tratamento estatístico dos dados, é também conhecido como “Sociolinguística quantitativa” ou “Teoria da variação”, que surgiu em reação à ausência do componente social nas teorias de análise linguística. Para Labov (2008 [1972]), a língua continuamente sofre pressões sociais.

Nos estudos dos dialetos, a pesquisa sociolinguística põe o pesquisador diante da dualidade de foco que se apresenta ao analisar os dados obtidos, pois precisa observar tanto a organização das formas linguísticas como também a significação social implicada em seus usos, conforme apontam Guy e Zilles (2007). Nesse sentido, as observações qualitativas depreendidas na pesquisa dialetal pressupõem, necessariamente, a existência de uma análise quantitativa dos dados, ou seja, “[...] toda pesquisa dialetal, seja ela geográfica ou social, é inerentemente quantitativa” (GUY; ZILLES, 2007, p. 19). Para esses autores, em pesquisa dialetal, o objetivo final da metodologia quantitativa, contudo, não é apresentar apenas números

mas fazer com que esses números possibilitem a identificação e explicação dos fenômenos linguísticos.

Nota-se que a interpretação dos números oferecidos pela análise quantitativa de dialetos resulta na possibilidade de testar hipóteses e fazer prognósticos e inferências, o que perpassa pela análise qualitativa dos dados dialetais. A metodologia quantitativa é de base estatística e apresenta conceitos trabalhados na análise que são fundamentais e imprescindíveis ao conhecimento do pesquisador, como, por exemplo, os “testes de significância” e o “peso relativo”.

Esses conceitos são trabalhados a partir da aplicação de programas computacionais para fins estatísticos. Nesta pesquisa em especial, trata-se do programa Goldvarb X. Com base em Guy e Zilles (2007), há uma variedade de testes de significância e diversas maneiras de se obter seus valores. Uma das formas de apresentação dos valores de significância é por meio da convencionalizada “hipótese nula”, representada por “p”. A hipótese nula indica sempre que não há uma relação entre as “variáveis independentes” (fatores que influenciam o fenômeno estudado) e a “variável dependente” (fenômeno estudado) e que os dados se encontram numa distribuição aleatória. Isso significa dizer que, quanto mais baixa a probabilidade da hipótese nula $p=0,05$ ou $p=0,01$, os efeitos e a relação entre as variáveis independentes e a variável dependente são verdadeiros, ou seja, são significantes na distribuição observada.

O peso relativo é o resultado de uma análise multivariada em que cada elemento de um grupo de fatores que co-ocorrem em relação à variável dependente recebe um valor convencionalizado entre 0 e 1. Isso indica em que medida um fator afeta a taxa de aplicação da regra variável em relação aos demais fatores. Quanto mais próximo de 1, pode-se dizer que a regra sempre se aplica no contexto em que se insere o fator. Quanto mais próximo de 0, considera-se que a regra nunca se aplica em determinado contexto de um fator. Isso quer dizer que um valor acima de 0,5 favorece a aplicação de determinada regra em um contexto e que abaixo de 0,5 desfavorece a aplicação, sendo que um valor igual a 0,5 nem favorece nem desfavorece a aplicação de uma regra em um fator em determinado contexto (GUY; ZILLES, 2007).

Outros dois conceitos também importantes para a análise dos resultados apresentados pelo Goldvarb X são *log likelihood* e *knockouts*: o primeiro, conforme observam Guy e Zilles (2007), é o logaritmo de verossimilhança que mede a qualidade da aproximação entre o modelo apresentado pelos pesos relativos e os dados observados, quanto maior o *log likelihood*, ou seja, mais próximo a zero, maior será a robustez dos dados; o segundo é “um fator que corresponde a uma frequência de 0% ou 100% para um dos valores da variável dependente” (GUY; ZILLES,

2007, p. 158). Desse modo, todos os *knockouts* nos dados necessariamente deverão ser excluídos dos cálculos dos pesos relativos.

Para investigar a realização variável de /l/ em coda silábica no português falado nas comunidades baianas do Projeto ALiB, os dados foram codificados e submetidos a rodadas para análise no Goldvarb X. Trata-se de um programa que analisa estatisticamente os dados, operando com grupos de fatores e com respostas em pesos relativos e significância. Para rodar os dados no referido programa, as ocorrências foram sistematizadas em 6 arquivos, conforme cada comunidade selecionada, considerando os contextos de ocorrência: final absoluto, final seguido de vocábulo e interior de vocábulo.

Posteriormente, com a codificação dos dados, seguindo chave de codificação definida previamente, foram feitas as rodadas referentes à variável /l/ (variável dependente) no referido programa, analisando linguisticamente as informações estatísticas providas. Os dados relativos aos fenômenos da variável /l/ em coda silábica são comparados a dados de outros estudos sobre o PB, para interpretação linguística e social dos resultados encontrados.

Para tratamento e análise, foram consideradas as variantes [h], [w] e [Ø], as quais dizem respeito aos fenômenos de “aspiração”, de “vocalização” e de “apagamento”, respectivamente, realizações esperadas na fala de informantes dessa região, conforme apontam outros estudos sobre o fenômeno. De posse das rodadas do Goldvarb X, foi possível correlacionar os fatores linguísticos e extralinguísticos que condicionam a ocorrência das variantes, para a interpretação qualitativa do fenômeno.

Neste trabalho, consideram-se como variantes de /l/ a “aspiração”, considerada uma realização não padrão da consoante /l/ em posição pós-vocálica, como, por exemplo, “ba[h]de” em vez de “balde”, com grau social de estigmatização alto; a “vocalização”, que é uma realização mais aceita socialmente, como, por exemplo, na pronúncia “a[w]to” da palavra “alto”; e o “apagamento”, que é a ausência do fonema na produção da palavra, como, por exemplo, “pessoa[Ø]” em vez de “pessoal”, variante também estigmatizada.

Os grupos de fatores linguísticos e sociais (variáveis independentes) definidos para os procedimentos da análise seguem listados:

a) variáveis linguísticas:

1. tonicidade da sílaba em que a variável ocorre – sílaba tônica ou sílaba átona;
2. extensão do vocábulo em que a variável ocorre – monossílabo, dissílabo e com três ou mais sílabas;
3. característica da vogal precedente à variável – anterior média alta [i], anterior média fechada [e], anterior média aberta [ɛ], central baixa [a], posterior média

aberta [ɔ], posterior média fechada [o], posterior alta [u], semivogal anterior [y] e semivogal posterior [w];

4. classe morfológica do vocábulo em que a variável ocorre – nomes (substantivos e adjetivos), verbos, advérbios, determinantes, pronomes e conectivos;
5. consoante que inicia a sílaba seguinte à variável – oclusivas labiais (/p/, /b/), oclusivas alveolares (/t/, /d/), oclusivas velares (/k/, /g/), fricativas labiais (/f/, /v/), africadas ([tʃ], [dʒ]), nasal labial (/m/), nasal alveolar (/n/), laterais (/l/, /ʎ/), fricativas alveolares (/s/, /z/), fricativas palatais (/ʃ/, /ʒ/) e vibrante (/r/);
6. posição da variável no vocábulo – medial, final absoluto e final interno em grupo de força;
7. tipo de produção – fala e leitura.

b) variáveis extralinguísticas:

1. faixa etária dos informantes – faixa 1 (18 a 30 anos) e faixa 2 (50 a 65 anos);
2. sexo dos informantes – masculino e feminino;
3. cidade – Euclides da Cunha, Barra, Jacobina, Seabra, Santo Amaro e Santa Cruz Cabrália.

No capítulo seguinte, apresenta-se a análise dos dados e a discussão dos resultados da pesquisa.

4 ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo, a partir dos resultados apresentados pelas rodadas dos dados no programa computacional Goldvarb X, faz-se uma análise quantitativa e qualitativa das ocorrências das variantes de /l/ em posição de coda silábica. A análise e as discussões são organizadas em dois pontos centrais: índices percentuais de ocorrências dos fenômenos e resultados das rodadas binárias selecionadas pelo Programa Goldvarb X como estatisticamente relevantes para as regras variáveis.

4.1 ANÁLISE DOS RESULTADOS DAS LOCALIDADES

Como já mencionado no capítulo da metodologia desta pesquisa, para o tratamento dos dados foram definidos os seguintes grupos de fatores linguísticos: 1) tonicidade da sílaba em que a variável ocorre – sílaba tônica ou sílaba átona; 2) extensão do vocábulo em que a variável ocorre – monossílabo, dissílabo e com três ou mais sílabas; 3) característica da vogal precedente à variável – anterior média alta [i], anterior média fechada [e], anterior média aberta [ɛ], central baixa [a], posterior média aberta [ɔ], posterior média fechada [o], posterior alta [u], semivogal anterior [y] e posterior [w]; 4) classe morfológica do vocábulo em que a variável ocorre – nomes (substantivos e adjetivos), verbos, advérbios, determinantes, pronomes e conectivos; 5) consoante que inicia a sílaba seguinte à variável – oclusivas labiais (/p/, /b/), oclusivas alveolares (/t/, /d/), oclusivas velares (/k/, /g/), fricativas labiais (/f/, /v/), africadas ([tʃ], [dʒ]), nasal labial (/m/), nasal alveolar (/n/), laterais (/l/, /ʎ/), fricativas alveolares (/s/, /z/), fricativas palatais (/ʃ/, /ʒ/) e vibrante (/r/); 6) posição da variável no vocábulo – medial, final absoluto e final interno em grupo de força; 7) tipo de produção – fala e leitura.

Quanto aos grupos de fatores extralinguísticos, foram considerados os seguintes: 1) faixa etária dos informantes – faixa 1 (18 a 30 anos) e faixa 2 (50 a 65 anos); 2) sexo dos informantes – masculino e feminino; 3) cidade – Euclides da Cunha, Barra, Jacobina, Seabra, Santo Amaro e Santa Cruz Cabralia.

4.1.1 Distribuição geral dos dados

O tratamento dos dados de todas as comunidades baianas do Projeto ALiB consideradas nesta pesquisa (Santo Amaro, Santa Cruz Cabralia, Euclides da Cunha, Jacobina, Seabra e

Barra) revelou a ocorrência de 4 variantes da lateral pós-vocálica em posição final de sílaba. Além daquelas esperadas, conforme indicadas no início desta pesquisa (vocalização [w], aspiração [h] e apagamento [Ø]), foi encontrada a realização velarizada [ɮ] de /l/ em posição de coda silábica na fala de um dos informantes da localidade de Seabra, como se verá mais adiante. Para melhor visualização da distribuição das variantes da consoante em análise, apresenta-se a Tabela 1, a seguir:

Tabela 1: Distribuição geral dos dados

Variantes de /l/	Ocorrências	%
[ɮ]	23	1
[h]	56	2
[Ø]	343	13
[w]	2.153	84
Total	2.575	100

Como pode ser visto na Tabela 1, das 2.575 ocorrências, a realização velarizada [ɮ] de /l/ corresponde a apenas 1% do total, com 23 dados; a realização aspirada [h] ocorre em apenas 2% dos dados, com 56 ocorrências; o apagamento [Ø] ocorre em 13% dos dados, com 343 ocorrências; e a realização vocalizada [w] da consoante chega a atingir 84%, com 2.153 ocorrências.

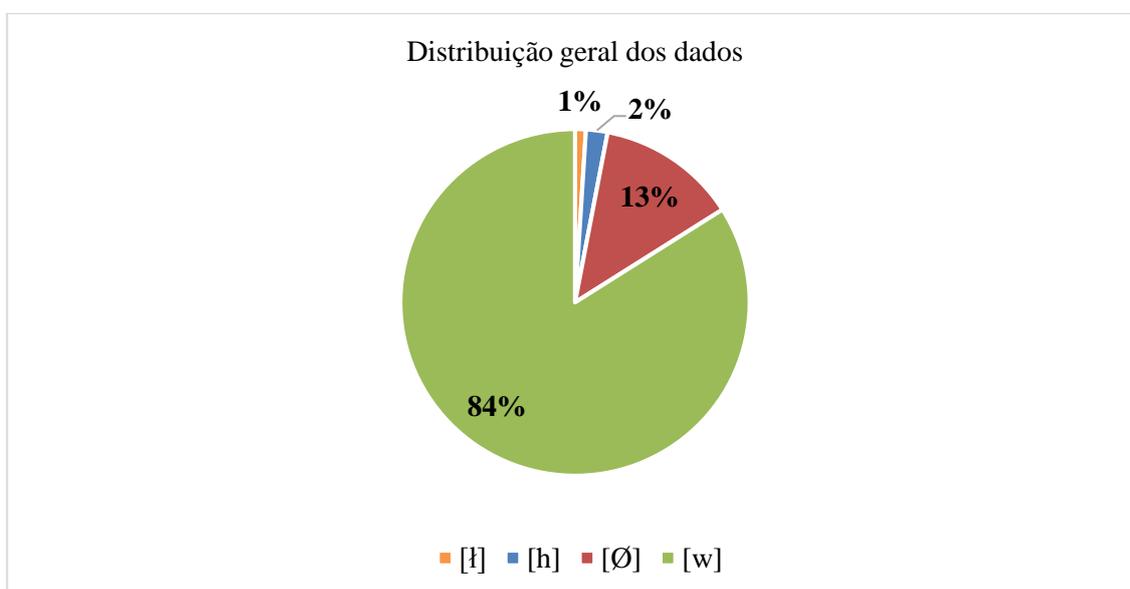
Verifica-se que a variante vocalizada é a mais empregada nessas comunidades baianas, o que confirma uma das hipóteses desta pesquisa: a de que, apesar da alta frequência de seu emprego, a vocalização não constitui uma regra categórica.

O apagamento da consoante em Salvador apresenta percentual maior do que nas comunidades do interior baiano aqui analisadas, respectivamente, 16% e 13%. Essa comparação é com base nos resultados apresentados por Pinho e Margotti (2010), em que as variantes vocalizada [w] e apagamento [Ø] de /l/ em coda silábica alcançaram 88% e 7%, respectivamente, nas capitais brasileiras, sendo que a capital baiana apresenta, do total de 88 ocorrências, 80% de realização vocalizada, 16% de apagamento e 4% de aspirada. Cabe destacar que a pesquisa desses autores teve como fonte de dados apenas 11 itens lexicais do questionário fonético-fonológico (QFF) do Projeto ALiB: “pólvora”, “mel”, “Brasil”, “alta”, “almoço”, “sol”, “soldado”, “anel”, “sal”, “azul” e “calção”. As variantes de /l/ encontradas nesses itens ficaram distribuídas igualmente em 88 dados em cada uma das capitais brasileiras, totalizando 2200 dados. Entretanto os autores não apresentam a frequência com que

cada um desses itens ocorreu, o que dificulta a interpretação mais detalhada desses resultados, visto que pode ter havido o enviesamento por conta da repetição de determinados vocábulos, a exemplo de “azul”, que poderia elevar a índices percentuais mais altos da variante apagamento, por exemplo. Quanto às realizações consonantais ([ʎ] e [h]) de /l/ nas comunidades baianas do ALiB aqui investigadas, o índice de ocorrência (3%) é próximo ao percentual de aspiração (4%) na cidade de Salvador.

O Gráfico 1, a seguir, ilustra bem a distribuição geral dos dados:

Gráfico 1: Distribuição geral dos dados



Retomando a hipótese de que o processo de implementação da variante vocalizada parte dos grandes centros urbanos para o interior e as considerações de que os estágios de substituição da realização plena [l] da lateral em posição final de sílaba da passagem do latim ao português apresenta a direção [l] > [ʎ] > [w] ou [h] > [Ø], segundo o quadro em que se encontra a variação de /l/ nessas comunidades baianas do ALiB, parece que o apagamento de /l/ em posição de coda silábica no interior baiano vem sendo implementado à medida que a vocalização da consoante se expande na fala das comunidades, hipótese essa que não prevê a constituição futura de uma regra categórica no uso da variante vocalizada nessas comunidades do ALiB, encaminhando-se para um quadro de variação estável com a alternância entre a vocalização e o apagamento e poucos casos de aspiração, assim como parece ocorrer na capital baiana. Entretanto é preciso análises mais apuradas com dados da capital baiana, aplicando os mesmos critérios adotados no tratamento dos dados das comunidades do interior.

Essa sugestão de encaminhamento a um quadro estável de variação leva em consideração o fato de alguns aspectos imbricados no fenômeno variável munirem, em especial, o apagamento contra os estigmas e, conseqüentemente, a ação da escola, o que faz com que essa variante resista em determinados contextos, a exemplo da ocorrência da variável precedida pelas vogais posteriores, especialmente a vogal /u/, contexto em que seu apagamento dificilmente é estigmatizado e, conseqüentemente, a escola pouco se ocupa de tais ocorrências: “azu[Ø]” (azul), “cu[Ø]tura” (cultura), “desenvo[Ø]vimento” (desenvolvimento). Nesse sentido, a menos que recaiam estigmas e que a coerção da escola aja sobre essa variante nesses contextos, dificilmente ela desaparecerá do PB.

Conforme a alta frequência de realização da variante vocalizada (84%), constata-se o postulado por autores, como, por exemplo, Teixeira (1988), de que essa variante de /l/ em posição final de sílaba é bastante difundida no PB. Essa alta frequência da realização vocalizada pode estar associada ao grau de valoração da variante perante a comunidade de fala, uma vez que, na região Nordeste, esse fenômeno goza de prestígio social em relação às demais variantes ([h] e [Ø]). A vocalização de /l/ em posição de coda silábica, além de receber prestígio, devido ao seu alto índice de implementação, é inovadora, visto que tem substituído a variante velarizada [ɫ] na maioria das variedades do PB. Esses resultados corroboram Callou (2009), que, apresentando a variante registros milenares, considerou inovador o avanço do fenômeno de vocalização no PB. A seguir, apresenta-se a distribuição das variantes pela posição que ocupa no vocábulo.

4.1.2 Distribuição das variantes pela posição no vocábulo

A lateral pós-vocálica /l/ em final de sílaba ocorre tanto em posição interna de vocábulo (“almoçar”) quanto em posição final absoluta (“capital”) ou em posição final interna em um grupo de força (“sol de verão”). Diferentes estudos apontam a posição em que ocorre a variável como fator que ora restringe uma variante ora favorece outra. A Tabela 2 mostra a distribuição geral dos dados por posição no vocábulo:

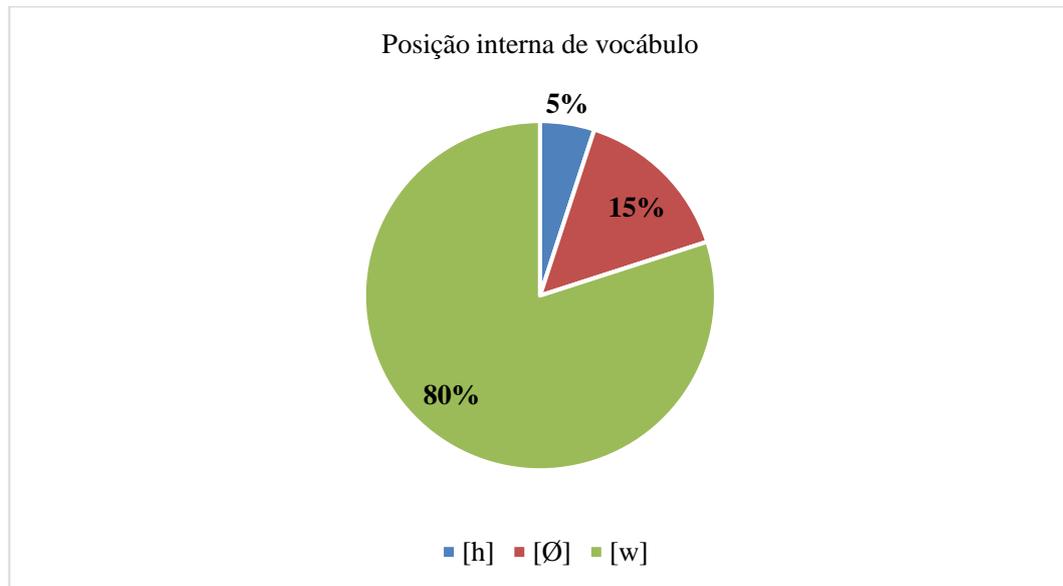
Tabela 2: Distribuição das variantes pela posição no vocábulo

Posição	[l]	[h]	[Ø]	[w]	Total
Interna					
Nº	0	56	197	1032	1285
%	0	5	15	80	50
Final interna					
Nº	6	0	45	489	540
%	1	0	8	91	21
Final absoluta					
Nº	17	0	101	632	750
%	2	0	14	84	29
Total					
Nº					2575
%					100

Na Tabela 2, percebe-se que a variante velarizada [l] não ocorreu em posição interna de vocábulo e apresentou percentuais baixíssimos em posição final interna e final absoluta, respectivamente, 1% e 2%, totalizando 23 ocorrências. A variante aspirada [h] ficou restrita à posição interna de vocábulo, não tendo sido verificadas ocorrências em outros contextos, fato constatado também por Teixeira (1988) e Hora (2006). O apagamento [Ø] da variável /l/ em final de sílaba ocorreu nas três posições: interna e final absoluta, com, respectivamente, 15% e 14%, e final interna, com apenas 8% das ocorrências. A variante vocalizada [w] também ocorreu nas três posições, mas com destaque para a posição final interna, em que essa variante representou 91% das ocorrências, sendo que em posição interna a vocalização somou 80% das ocorrências e em posição final absoluta, 84%. A visualização da distribuição dos dados por posição no vocábulo em gráficos possibilita melhor compreensão da variação.

Posição interna de vocábulo

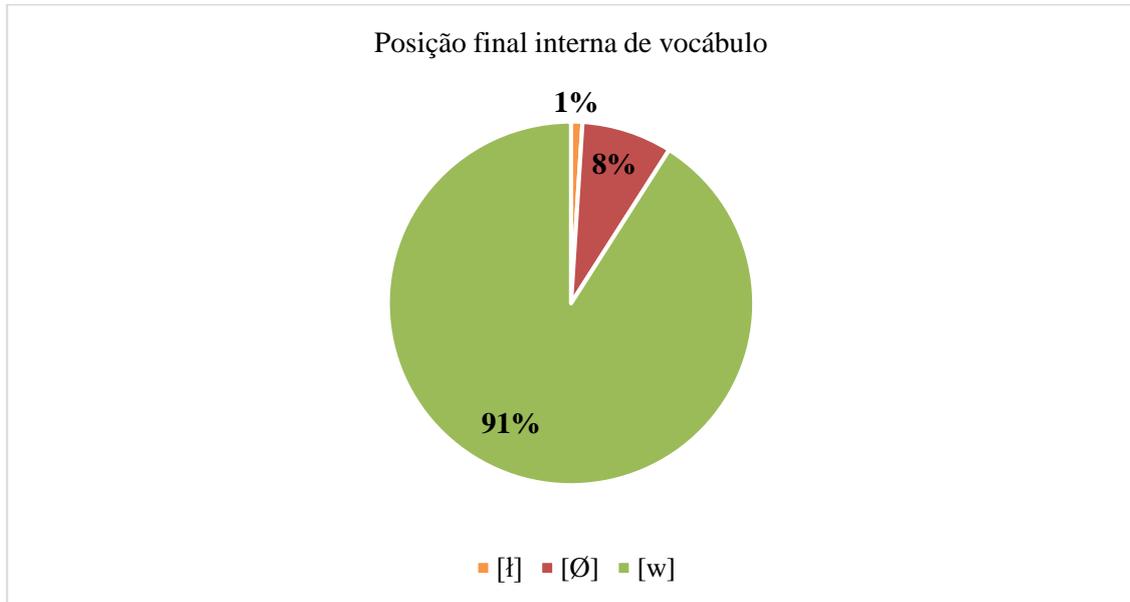
Na posição interna de vocábulo, ocorreram 50% do total de dados encontrados no *corpus*, como mostrado na Tabela 2. Desse total, 80% foram de ocorrências da variante vocalizada, 15% da variante apagamento e apenas 5% da variante aspirada, sendo que esta última variante ficou restrita a esse contexto. O Gráfico 2 ilustra isso:

Gráfico 2: Posição interna de vocábulo

Esses resultados a respeito dessa peculiaridade da variante aspirada vão ao encontro daqueles obtidos por Teixeira (1988), que também constatou a restrição dessa variante à posição interna de vocábulo, com frequência de 3% de ocorrências na comunidade de Saco Fundo, em Monte Santo, no Nordeste da Bahia.

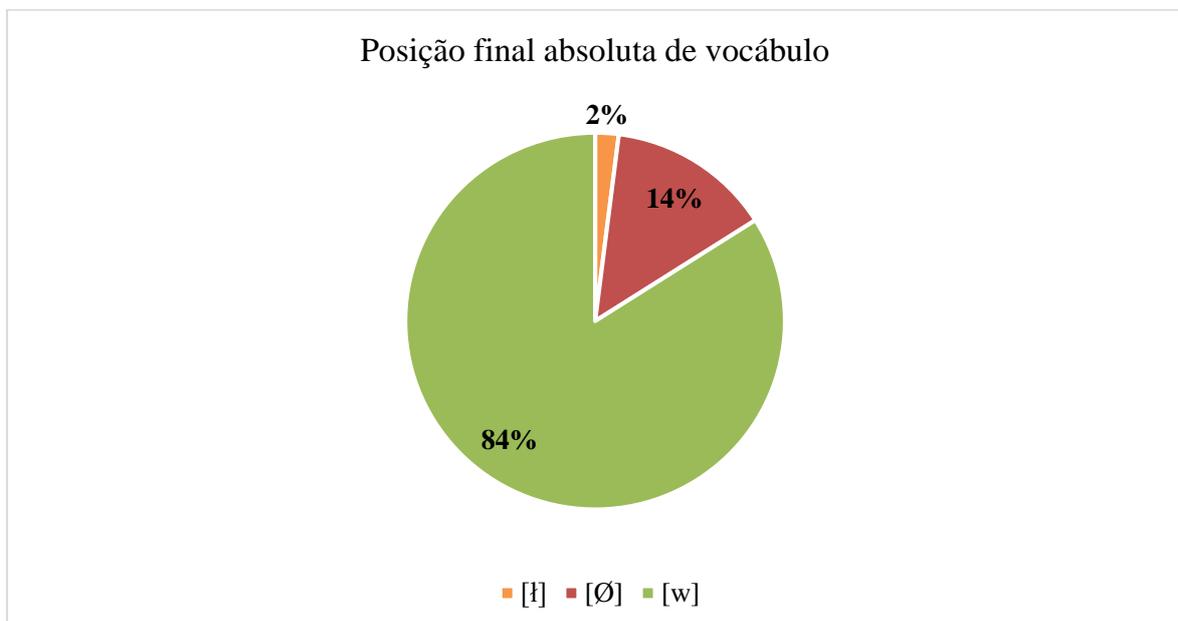
Posição final interna de vocábulo

Ainda na Tabela 2, verificou-se que a variante vocalizada apresentou 91% de ocorrências na posição final interna de vocábulo. Essa posição do vocábulo soma 21% do total de dados analisados nesta pesquisa. A variante velarizada atingiu 1% dos dados e o apagamento, 8%, como se pode ver no Gráfico 3:

Gráfico 3: Posição final interna de vocábulo

Posição final absoluta

O Gráfico 4, a seguir, mostra a posição final absoluta de vocábulo, com 84%, 14% e 2% para a vocalização, o apagamento e a velarização, respectivamente. Essa foi a posição de vocábulo em que a realização velarizada de /l/ atingiu índice máximo. Nessa posição, concentram-se 29% do total geral dos dados.

Gráfico 4: Posição final absoluta de vocábulo

Dessas considerações, destacam-se a realização vocalizada de /l/ em primeiro lugar, variante com maiores ocorrências nas três posições de vocábulo, e a variante apagamento em segundo lugar, com ocorrências também nas três posições, apresentando maiores registros em posição interna e em posição final absoluta. Na seção seguinte, apresenta-se a distribuição geral das variantes por localidade.

4.1.3 Distribuição das variantes por cidade

A Tabela 3 sistematiza a distribuição das variantes por localidade. Verifica-se que o número maior de registros da variável dependente é em Euclides da Cunha, com 672 dados, correspondendo a 26% do total geral; Santa Cruz Cabralia registrou 513 ocorrências, correspondendo a 20% do total; Barra registrou 395 ocorrências, correspondendo a 15% do total; Santo Amaro registrou 372 ocorrências, correspondendo a 14% do total; Seabra registrou 352 ocorrências, correspondendo a 14% do total; e Jacobina registrou 271 ocorrências, correspondendo a 10% do total geral.

Tabela 3: Distribuição das variantes por cidade

Cidade	[l]	[h]	[Ø]	[w]	Total
E. da Cunha					
Nº	0	9	61	602	672
%	0	1	9	90	26
S. C. Cabralia					
Nº	0	8	83	422	513
%	0	2	16	82	20
Barra					
Nº	0	6	45	344	395
%	0	1	11	87	15
Santo Amaro					
Nº	0	2	51	319	372
%	0	1	14	86	14
Seabra					
Nº	23	22	48	259	352
%	6	6	14	74	14
Jacobina					
Nº	0	9	55	207	271
%	0	3	20	76	10
Total					
Nº					2575
%					100

Foram registradas as variantes [w], [h] e [Ø] em todas as localidades consideradas, mas apenas em Seabra se verificou o uso da variante velarizada [ɫ] por um dos informantes em

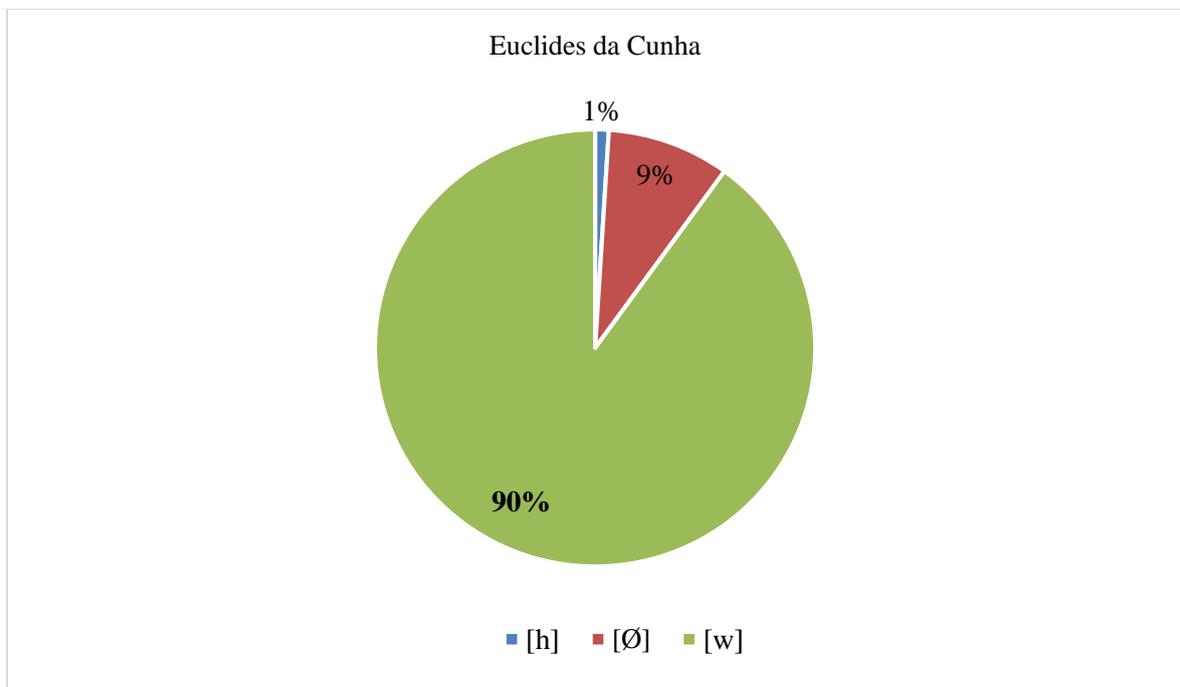
determinados contextos linguísticos. Esse fato pode indicar vestígios de uma mudança de substituição da variante [ɫ] pela variante [w], verificada no passado por outros autores, como, por exemplo, Teixeira (1988), que analisou a comunidade de Saco Fundo, localizada em Monte Santo, na Bahia. Essa autora verificou que os informantes mais jovens dessa comunidade estavam implementando a variante vocalizada e abandonando a variante velarizada. Esta última era favorecida pelos informantes mais velhos, fato que a levou a considerar, naquele momento, uma tendência de mudança.

Para ilustrar melhor a distribuição das variantes por cidade, apresentam-se os gráficos a seguir.

Euclides da Cunha

Euclides da Cunha foi a localidade que registrou maior frequência de vocalização da lateral pós-vocálica /l/ em posição final de sílaba, com 90% das ocorrências, enquanto que a o apagamento e a aspiração da variável obtiveram 9% e 1%, respectivamente, como se pode ver no Gráfico 5:

Gráfico 5: Distribuição das variantes em Euclides da Cunha



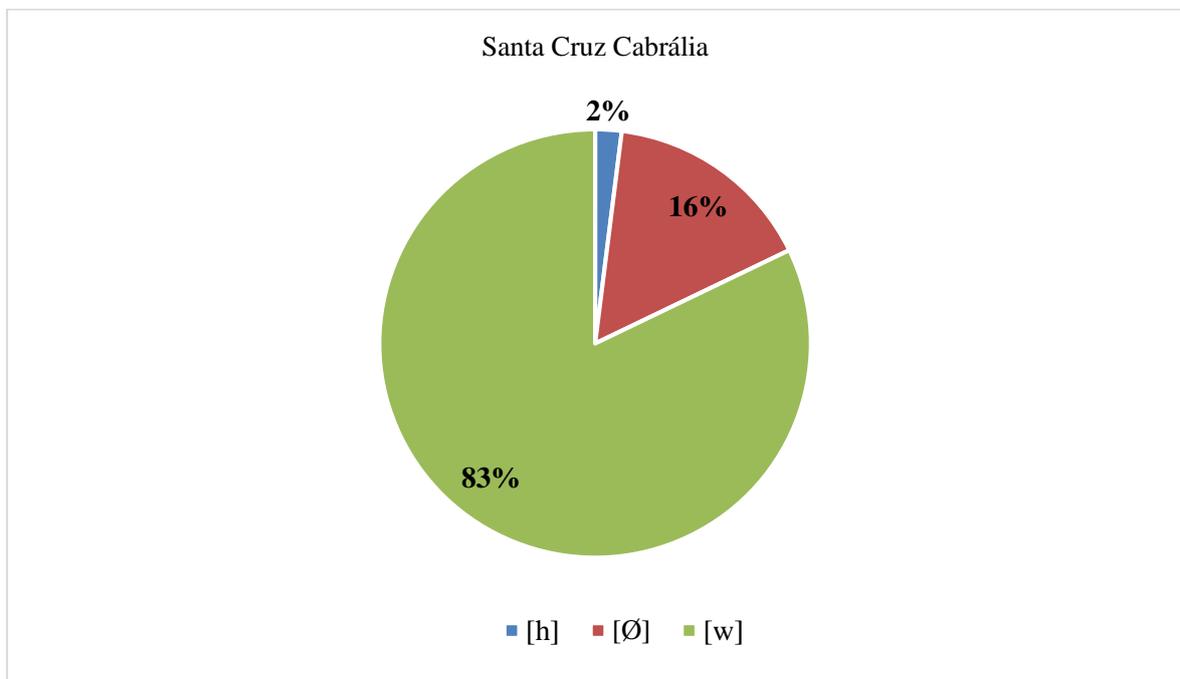
Esses índices são semelhantes aos que outros estudos apontam para algumas capitais brasileiras, a exemplo de Leite, Callou e Moraes (2007), ao analisarem dados das cidades de

São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador e Recife, em que se verificou que as taxas de vocalização chegam a atingir até 90% das ocorrências.

Santa Cruz Cabrália

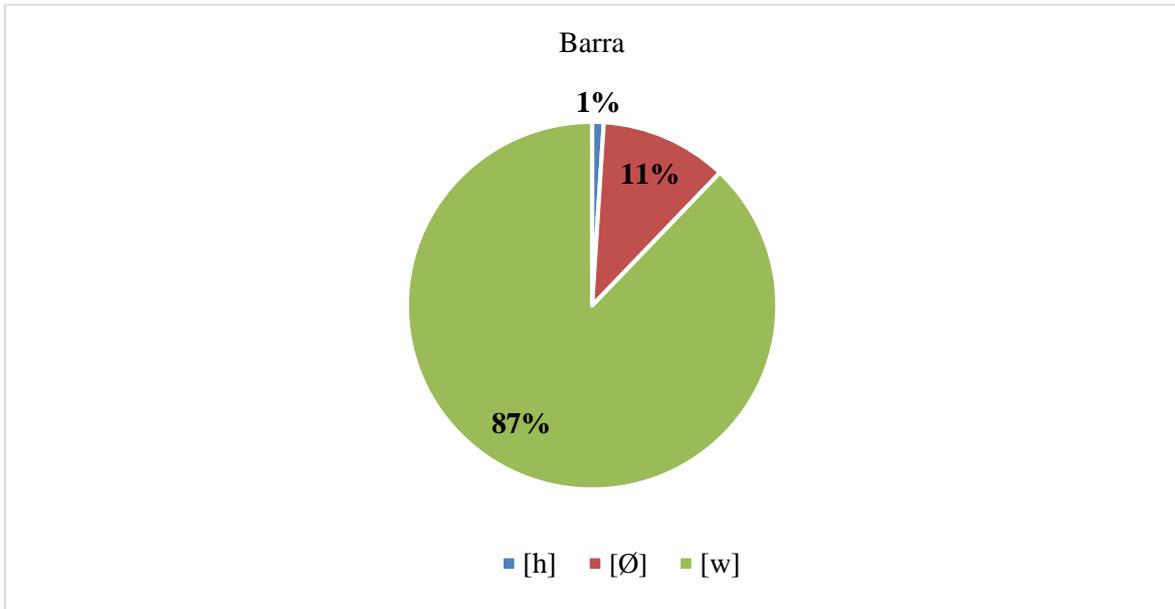
Conforme se observa no Gráfico 6, os percentuais apresentados em Santa Cruz Cabrália são bem próximos daqueles obtidos nas análises iniciais de todas as localidades juntas. A vocalização de /l/ em posição de coda silábica é bastante frequente, com 83% das ocorrências; o apagamento soma 16%; e a aspiração, apenas 2% dos dados.

Gráfico 6: Distribuição das variantes em Santa Cruz Cabrália



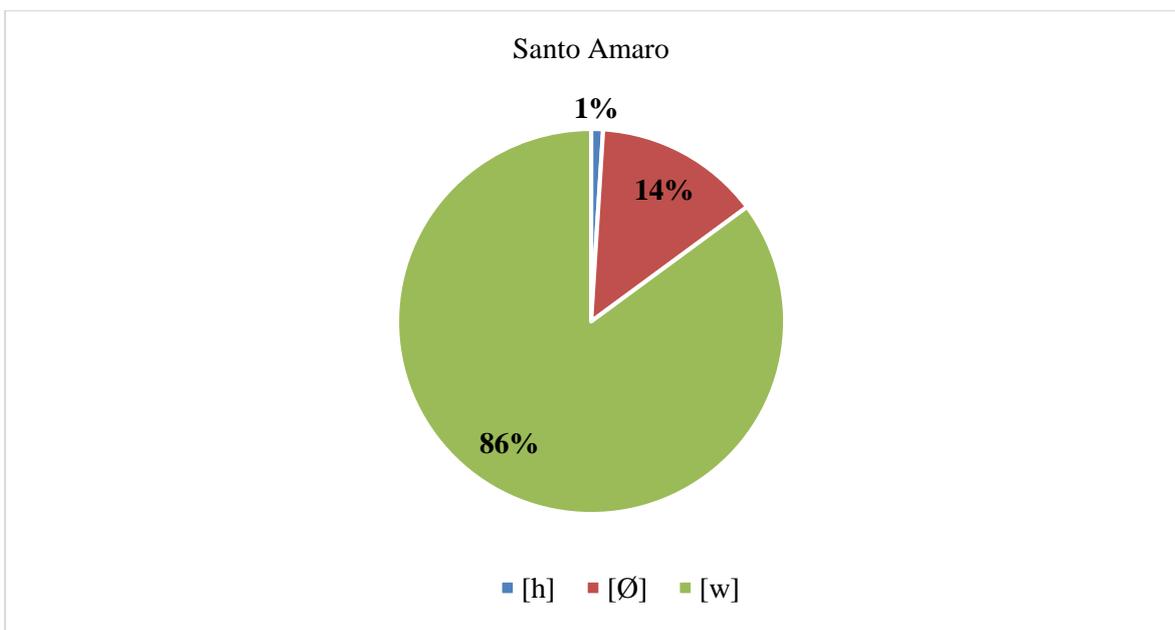
Barra

Conforme mostra o Gráfico 7, a cidade de Barra registrou 87% de ocorrências vocalizadas, 11% de apagamento e 1% de aspiração.

Gráfico 7: Distribuição das variantes em Barra

Santo Amaro

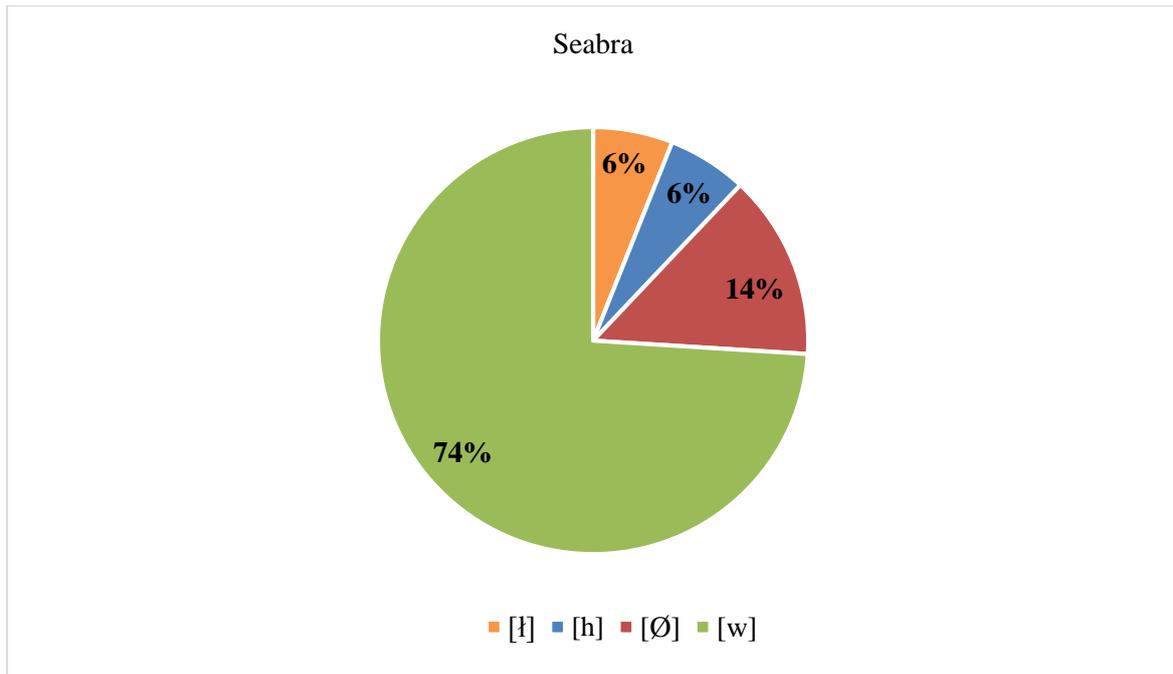
O Gráfico 8 mostra a frequência bastante alta de uso da variante vocalizada em Santo Amaro, com 86% das ocorrências, enquanto que o apagamento soma 14% e a aspiração apenas 1% dos dados. Esses índices também são bem próximos daqueles obtidos inicialmente na análise geral para todas as localidades consideradas na pesquisa.

Gráfico 8: Distribuição das variantes em Santo Amaro

Seabra

O Gráfico 9 mostra o registro do uso de 4 variantes na localidade de Seabra: [ɫ], com 6% das ocorrências; [h], com 6% das ocorrências; [Ø], com 14% das ocorrências; e [w], com 74% das ocorrências.

Gráfico 9: Distribuição das variantes em Seabra



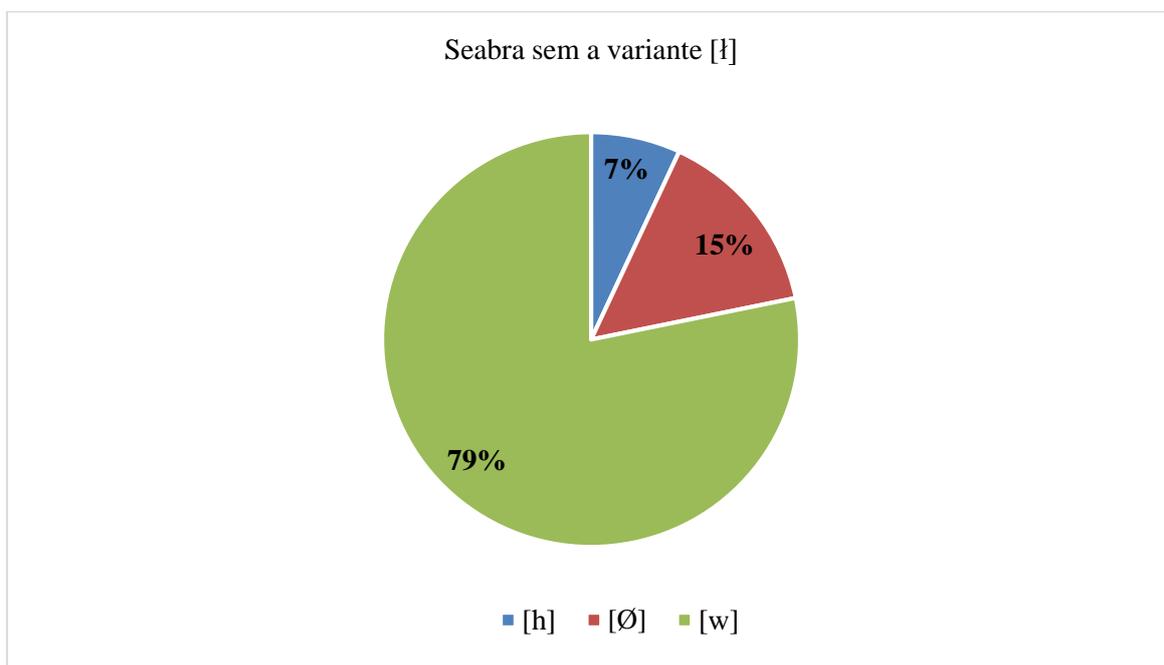
Duas observações importantes podem ser feitas: a) o registro da variante velarizada na localidade de Seabra; e b) o leve aumento percentual de ocorrências da variante aspirada, se comparado ao registrado desse fenômeno nas demais localidades. Isso faz com que o percentual da variante vocalizada decresça a ponto de atingir 74% das ocorrências.

Quanto à primeira observação, buscou-se averiguar a ficha do informante responsável pela realização velarizada de /l/ para tentar identificar algum fator que possivelmente pudesse exercer alguma influência sobre esse fenômeno. Desse modo, verificou-se que se trata de um indivíduo do sexo masculino da faixa etária 2 (50 a 65 anos), natural do município baiano Seabra, filho de pais naturais de Cachoeirinha, município do Rio Grande do Sul, sendo seu cônjuge também natural deste mesmo município. Considerando que a variante velarizada [ɫ] de /l/ pós-vocálico predomina na maioria dos dialetos falados na região Sul do Brasil, conforme apontam diversos estudos sobre a variável, é possível atribuir à origem (naturalidade) dos pais do informante a influência na realização velarizada de /l/.

Nesse sentido, aventa-se que os seguintes fatores contribuam para a manutenção da variante velarizada de /l/ na fala do informante em questão: baixa escolaridade (Ensino Fundamental Incompleto), profissão exercida (lavrador) e tempo de permanência na Zona Rural (o informante tem 20 (vinte) anos que reside na cidade). Esses são fatores que podem apresentar maior resistência à coerção social rumo à norma linguística padrão de uma comunidade, ou seja, a variante vocalizada possivelmente encontrou resistência para avançar em determinados contextos devido a esses fatores.

Considerando o avanço da variante vocalizada, apontado pelos diversos estudos sobre a consoante /l/ em posição de coda silábica, verifica-se que, em Seabra, o estágio de evolução dessa variável encontra-se um pouco menos avançado do que nas demais localidades baianas aqui analisadas. No Gráfico 10, a seguir, procede-se à análise dos dados dessa localidade sem a presença da variante velarizada com o objetivo de se verificar como se configura a distribuição das ocorrências.

Gráfico 10: Distribuição das variantes em Seabra sem a variante [ɫ]



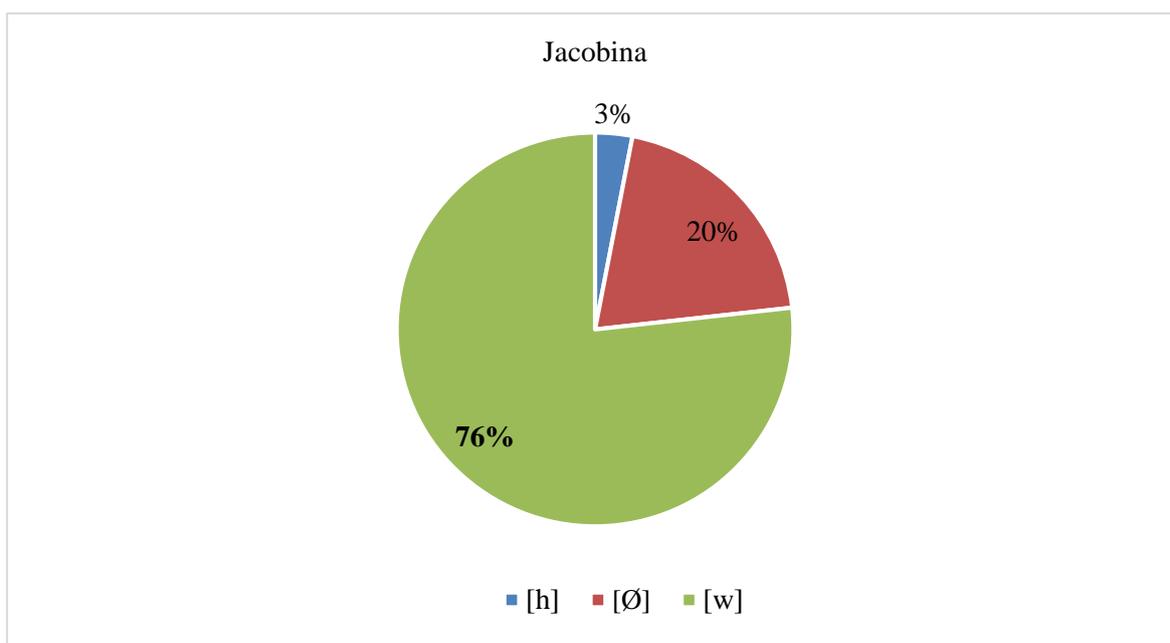
A sistematização dos dados da cidade de Seabra no Gráfico 10, sem a presença da variante [ɫ], revela o aumento da variante vocalizada de 74% para 79% e o aumento das variantes aspirada e apagamento em um ponto percentual, ambas. Isso sugere que a variação da lateral pós-vocálica em posição final de sílaba apresenta certa complexidade que carece de análises mais sistematicamente apuradas para se poder conjecturar a evolução dessa variável

nesse espaço geográfico baiano. Com a realização das rodadas binárias mais adiante, talvez seja possível dar maiores explicações para esse quadro de variação apresentado na localidade de Seabra.

Jacobina

No Gráfico 11, verifica-se que a cidade de Jacobina registrou 76% de frequência no uso da variante vocalizada, 20% no uso da variante apagamento e 3% no uso da variante aspirada. O que chama a atenção, neste caso, é o alto índice de apagamento da variável. Dentre as localidades analisadas nesta pesquisa, Jacobina foi a que apresentou maior registro de apagamento da variável.

Gráfico 11: Distribuição das variantes em Jacobina



Percebe-se que a realização variável da lateral pós-vocálica /l/ em posição de coda silábica nas comunidades baianas selecionadas não é homogênea, apresentando diferentes distribuições de suas variantes para cada uma dessas localidades.

Na próxima seção, faz-se a análise das rodadas binárias dos dados obtidas a partir do Goldvarb X, tendo as variantes menos difundidas ([ʎ], [h] e [Ø]) entre os falantes das comunidades baianas como valores de aplicação em comparação com a variante vocalizada [w], que é largamente realizada nessas comunidades, conforme as rodadas iniciais mostraram. Essa decisão metodológica ajuda a compreender quais os contextos de realização dessas três

variantes ainda não atingidos pela variante inovadora [w] para que a mudança atinja a sua compleição.

4.1.4 Velarização e vocalização

Nesta seção, para análise, confrontam-se as variantes velarizada e vocalizada de /l/ em posição final de sílaba, considerando a variante velarizada como valor de aplicação para as rodadas. Como se verificou na apresentação inicial dos dados, a realização velar da variável teve 23 ocorrências, representando apenas 1% do total de dados. Sua realização foi verificada em posição final de vocábulo, tanto interna (6 ocorrências) como absoluta (17 ocorrências).

Destaca-se que essa variante ficou restrita a apenas um dos informantes da localidade baiana de Seabra, fato que levou a vários *knockouts* de grupos de fatores inteiros, principalmente aqueles extralinguísticos. Todas as ocorrências velarizadas de /l/ foram registradas em sílabas tônicas e em vocábulos nominais, não registradas em dados de leitura do texto motivador, pertencendo o informante responsável pelas realizações à faixa etária 2 (50 a 65 anos) e ao sexo masculino. O quadro dos fatores selecionados em ordem de importância pelo Goldvarb X é apresentado a seguir.

Quadro 3: Grupo de fatores selecionados na rodada binária ([l] x [w])

Variantes [l] e [w]
Posição da variável no vocábulo
Característica da vogal precedente
Extensão do vocábulo

O Quadro 3 apresenta as variáveis selecionadas pelo Programa Goldvarb X como estatisticamente relevantes para a rodada velarização versus vocalização de /l/ em posição final de sílaba. Verifica-se que foram selecionados apenas fatores linguísticos, conforme motivo já mencionado – realização velar da consoante por apenas um dos informantes. O *input* inicial da rodada foi 0,011 e o final foi 0,024. O *log likelihood* foi -108,209 e o nível de significância foi 0,001. A análise dos resultados do ponto de vista dos fatores linguísticos é realizada a seguir.

4.1.4.1 Realização velarizada e fatores linguísticos

Posição no vocábulo

Quanto ao grupo de fatores “Posição da variável no vocábulo”, nas análises iniciais desta pesquisa, constatou-se que se trata de uma variável estatisticamente relevante para condicionar a frequência das variantes da consoante /l/ em posição de coda silábica. Apresenta-se alguns exemplos de palavra extraídos do *corpus* com a ocorrência da variante velarizada [ɫ] de /l/ em coda silábica: a) posição final interna – “nata[ɫ] do rei” (natal do rei), “jorna[ɫ] não” (jornal não); b) posição final absoluta – “ane[ɫ]” (anel), “faro[ɫ]” (farol), “sa[ɫ]” (sal).

Os resultados dessa variável são apresentados na Tabela 4, a seguir.

Tabela 4: Velarização e posição da variável no vocábulo

Posição da variável no vocábulo	Oc./Total	%	PR*
Final interna	6/495	1	0,40
Final absoluta	17/649	3	0,57

*PR = Peso Relativo

Na Tabela 4, como já se verificou anteriormente, percebe-se que a realização velarizada [ɫ] de /l/ em posição de coda silábica não foi registrada em posição interna de vocábulo, ficando restrita ao contexto final de vocábulo tanto interno como absoluto, com maior frequência (3%) em posição final absoluta, com peso relativo de 0,57, o que demonstra o favorecimento desse contexto à realização velarizada de /l/ em coda silábica. Já a posição final interna desfavorece a ocorrência da variante velarizada, com peso relativo de 0,40, apresentando apenas 1% do total de ocorrências da variante.

Vogal precedente

O segundo grupo de fatores selecionado na ordem de importância pelo Programa Goldvarb X foi “Característica da vogal precedente”, conforme apresentado na tabela 5.

Exemplos extraídos do *corpus*: “venta[ɫ]” (avental), “Noe[ɫ]” (Noel), “faro[ɫ]” (farol), “Brasi[ɫ]” (Brasil).

Tabela 5: Velarização e característica da vogal precedente

Característica da vogal precedente	Oc./Total	%	PR
[a]	14/1414	1	0,53
[ɛ]	4/187	2	0,53
[ɔ]	4/322	1	0,49
[i]	1/175	1	0,23

Não foram registradas ocorrências da variante velarizada da consoante /l/ em coda silábica diante das vogais [e], [o] e [u]. Considerando que o *input* final de aplicação da regra foi 0,024, a Tabela 5 mostra que as vogais [a] e [ɛ] favorecem levemente a realização velarizada de /l/ em posição final de sílaba, ambas com peso relativo de 0,53, enquanto que as vogais [ɔ], com peso relativos de 0,49, e [i], com peso relativo de 0,23, são inibidoras dessa variante.

Extensão do vocábulo

Quanto ao grupo de fatores “Extensão do vocábulo”, os resultados podem ser observados na tabela 6 a seguir.

Exemplos extraídos do *corpus*: dissilábico – “rea[l̥]” (real); monossilábico – “sa[l̥]” (sal).

Tabela 6: Velarização e extensão do vocábulo

Extensão do vocábulo	Oc./Total	%	PR
Dissilábico	17/843	2	0,56
Monossilábico	6/369	2	0,36

A realização velarizada de /l/ em posição de coda silábica não foi registrada em vocábulos com três sílabas ou mais. Vale assinalar que houve o registro do vocábulo “avental”, porém realizado [vẽ'taɫ], sem a pronúncia da vogal [a] inicial.

Conforme se verifica na Tabela 6, os vocábulos dissilábicos, com peso relativo 0,56, são favorecedores da variante velarizada, enquanto que os vocábulos monossilábicos são desfavoráveis a tal realização de /l/, com peso relativo de 0,36.

Em síntese, verificou-se que a realização velarizada da consoante /l/ em posição de coda silábica é favorecida quando ocorre depois das vogais [a] ou [ɛ] em sílabas tônicas e em posição final de vocábulo dissilábico de classe gramatical nominal (substantivos e adjetivos).

4.1.5 Aspiração e vocalização

Nesta seção, tendo a variante aspirada como valor de aplicação, faz-se a análise dos resultados apresentados pelo Programa Goldvarb X a partir da rodada binária dessa variante com a variante vocalizada. A realização aspirada [h] de /l/ em posição de coda silábica, conforme já mencionado anteriormente, correspondeu a 2% do total de dados da pesquisa, com 56 ocorrências, ficando restrita à posição interna de vocábulo. Em posição interna de vocábulo, a variante aspirada registrou 5% do total de ocorrências nesse contexto. Os grupos de fatores selecionados pelo Programa Goldvarb X como estatisticamente relevantes são apresentados no quadro a seguir.

Quadro 4: Grupo de fatores selecionados na rodada binária ([h] x [w])

Variantes [h] e [w]
Consoante que inicia a sílaba seguinte à variável
Sexo dos informantes
Cidade
Característica da vogal precedente

O Quadro 4 apresenta os fatores selecionados pelo Goldvarb X em ordem de importância a partir da rodada binária entre a variante aspirada [h] e a variante vocalizada [w]. Nota-se que foram selecionados dois grupos de fatores linguísticos, “Consoante que inicia a sílaba seguinte à variável” e “Característica da vogal precedente”, e dois extralinguísticos, “Sexo dos informantes” e “Cidade”. Com *input* inicial 0,025, a rodada selecionada apresentou o *input* final 0,011 e o *log likelihood* -155,067, bem como a significância 0,000. A seguir, faz-se a análise dos resultados obtidos nas rodadas considerando os fatores linguísticos e extralinguísticos.

4.1.5.1 Realização aspirada e fatores linguísticos

Procedendo à verificação da interação dos fatores linguísticos para os índices de frequências da variante aspirada, faz-se a análise dos resultados apresentados nas tabelas a seguir, considerando a ordem de importância atribuída pelo Programa Goldvarb X às variáveis.

Consoante seguinte

Exemplos extraídos do *corpus*: “ca[h]canhá” (calcanhar), “pu[h]gão” (pulgão), “a[h]face” (alface), “a[h]moço” (almoço), “po[h]va” (pólvora), “resca[h]do” (rescaldo), “bo[h]so” (bolso), “vo[h]tá” (voltar), “vu[h]to” (vulto).

Tabela 7: Aspiração e consoante que inicia a sílaba seguinte à variável

Consoante que inicia a sílaba seguinte à variável	Oc./Total	%	PR
/k/	21/108	19	0,93
/g/	12/108	11	0,84
/f/	4/72	6	0,68
/m/	9/294	3	0,62
/v/	3/119	2	0,61
/d/	3/102	3	0,38
/s/	2/196	1	0,26
/t/	2/277	1	0,14

Como pode ser observado na Tabela 7, a realização aspirada de /l/ em posição final de sílaba não ocorreu antes das seguintes consoantes e alofones: /n, p, b, ʒ, z, ʃ, l, r/; [dʒ, tʃ]. Destaque-se que, das 19 consoantes do português, não houve ocorrências da variável dependente antes das consoantes /ɲ, ʎ, r/. A Tabela 7 mostra que as consoantes velares /k/ e /g/, com pesos relativos de 0,93 e 0,84, respectivamente, são as que mais favorecem a realização aspirada da variável dependente. O traço [+ posterior] da consoante também foi apontado por Oliveira, Costa e Faria (2013) como favorecedor da aspiração. Na sequência, verifica-se que as consoantes /f/, com peso relativo de 0,68, /v/, com peso relativo de 0,61, e /m/, com peso relativo de 0,62, também favorecem a aspiração de /l/. Ao que parece, os pontos de articulação velar e labial atuam no favorecimento da variante em questão, visto que se trata de traços exclusivos das consoantes favorecedoras presentes na Tabela 7. Já as consoantes alveolares desfavorecem a variante aspirada.

Vogal precedente

Outra variável que foi considerada estatisticamente relevante para o fenômeno da aspiração de /l/ em posição de coda silábica foi a “Característica da vogal precedente à variável”, como apresenta a tabela a seguir.

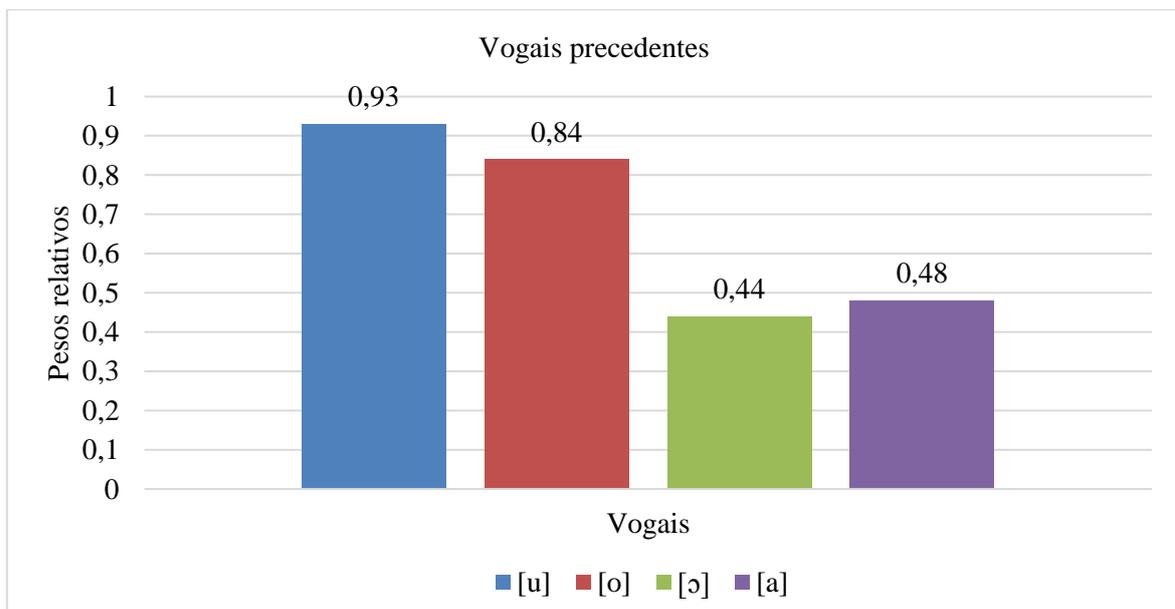
Exemplos extraídos do *corpus*: “pu[h]gão” (pulgão), “bo[h]so” (bolso), “ca[h]canhá” (calcanhar), “quo[h]quer” (qualquer).

Tabela 8: Aspiração e característica da vogal precedente

Característica da vogal precedente	Oc./Total	%	PR
[u]	7/34	21	0,93
[o]	2/52	4	0,84
[a]	42/1442	3	0,48
[ɔ]	5/323	1	0,44

Na Tabela 8, nota-se que não ocorreu realização aspirada da variável /l/ em coda silábica depois de vogal anterior; mas, sim, depois da vogal central [a], com peso relativo de 0,48, da vogal posterior [ɔ], com peso relativo 0,44, ambas desfavorecedoras do fenômeno, bem como das vogais [u] e [o], com pesos relativos de 0,93 e 0,84, respectivamente, favorecedoras da realização aspirada da variável /l/. O gráfico a seguir pode ilustrar melhor a atuação dessa variável independente.

Gráfico 12: Pesos relativos das vogais precedentes



Conforme exposto no Gráfico 12, a vogal [u] é a mais favorecedora da realização aspirada de /l/ em coda silábica. Parece que o favorecimento das vogais [u] e [o] à variante aspirada possivelmente pode ser devido aos traços físico-articulatórios compartilhados por esses elementos: tanto a realização aspirada como as vogais [u] e [o] são posteriores bem como compartilham o mesmo ponto de articulação, situado na parte posterior da cavidade bucal, no véu palatino. Assinala-se ainda que, durante a produção da variante aspirada, a língua enquanto articulador se posiciona semelhantemente ao modo assumido quando da produção dessas duas vogais.

A seguir, analisam-se os resultados da realização aspirada de /l/ em posição de coda silábica, considerando os fatores extralinguísticos.

4.1.5.2 Realização aspirada e fatores extralinguísticos

Nesta seção, faz-se a análise dos fatores extralinguísticos a partir dos resultados obtidos na rodada binária entre a variante aspirada e a variante vocalizada da variável dependente. Foram selecionados como estatisticamente relevantes para a realização do fenômeno da aspiração de /l/ os grupos de fatores “Sexo dos informantes” e “Cidade”.

Sexo

Quanto ao “Sexo dos informantes”, a tabela seguinte apresenta os resultados encontrados.

Exemplos extraídos do *corpus*: a) homem – “a[h]cancei” (alcancei); b) mulher – “ca[h]canhá” (calcanhar).

Tabela 9: Aspiração e sexo dos informantes

Sexo dos informantes	Oc./Total	%	PR
Homem	45/1156	4	0,69
Mulher	11/1053	1	0,29

A Tabela 9 evidencia que os homens, falantes das comunidades baianas do Projeto ALiB sob análise, são os maiores responsáveis pela realização aspirada de /l/ em posição final de sílaba, com peso relativo de 0,69, enquanto que as mulheres, com 0,29 de peso relativo,

desfavorecem essa variante. Trata-se de uma variante não padrão do PB e estigmatizada socialmente, o que provavelmente explique a baixíssima adesão dos informantes do sexo feminino à realização aspirada da variável /l/, visto que são mais conservadoras em relação aos homens.

Cidade

Na Tabela 10, a seguir, exibem-se os resultados a que se chegou para o grupo de fatores “Cidade”.

Exemplos extraídos do *corpus*: a) Seabra – “po[h]va” (pólvora), “a[h]guma” (alguma), “a[h]moço” (almoço), “vu[h]cão” (vulcão), “ca[h]ma” (acalma), “a[h]face” (alface), “Sa[h]vador” (Salvador); b) Jacobina – “a[h]cancei” (alcancei), “ca[h]canhá” (calcanhar), “a[h]ma” (alma), “reca[h]do” (rescaldo); c) Santa Cruz Cabrália – “ca[h]canhá” (calcanhar), “po[h]vora” (pólvora), “bo[h]so” (bolso); d) Euclides da Cunha – “quo[h]quer” (qualquer), “vo[h]tar” (voltar), “vu[h]to” (vulto), “a[h]guma” (alguma); e) Barra – “ca[h]canhá” (calcanhar), “pu[h]gão” (pulgão); f) Santo Amaro – “ca[h]canhá” (calcanhar), “reca[h]do” (rescaldo).

Tabela 10: Aspiração e cidade

Cidade	Oc./Total	%	PR
Seabra	22/281	8	0,88
Jacobina	9/216	4	0,73
Santa Cruz Cabrália	8/430	2	0,48
Euclides da Cunha	9/611	1	0,40
Barra	6/350	2	0,37
Santo Amaro	2/321	1	0,27

Conforme mostra a Tabela 10, das seis localidades investigadas, apenas a cidade de Seabra, com peso relativo de 0,88, e a cidade de Jacobina, com peso relativo de 0,73, são favorecedoras da realização aspirada de /l/ em posição final de sílaba. As demais cidades, Santa Cruz Cabrália, com peso relativo de 0,48, Euclides da Cunha, com peso relativo de 0,40, Barra, com peso relativo de 0,37, e Santo Amaro, com relativo de 0,27, inibem essa variante.

4.1.6 Apagamento e vocalização

Nesta seção, faz-se a análise dos resultados apresentados pelo Programa Goldvarb X a partir da rodada binária entre as variantes apagamento [Ø] e vocalização [w], tomando a primeira como regra de aplicação. O apagamento da variável /l/ em posição final de sílaba somou 343 registros do total de ocorrências, representado 13% dos dados analisados.

Considerando os contextos de ocorrências de /l/ em posição de coda silábica, a variável registrou 1285 ocorrências em posição interna de vocábulo, das quais 197 foram de apagamento, correspondendo ao índice de 15%, enquanto que, nas posições final interna e final absoluta, juntamente, a variável /l/ marcou presença 1290 vezes, das quais 146 foram de apagamento, correspondendo ao índice de 11%.

O apagamento da variável /l/ em posição de coda silábica foi registrado nos três contextos de vocábulo – interno, final interno e final absoluto –, sendo que sua menor frequência de ocorrência se deu em posição final interna de vocábulo, em que, das 540 realizações de /l/ nesse contexto, apenas 45 foram de apagamento da variável, correspondendo a 8% do total nessa posição. Destaque-se que a “posição da variável no vocábulo” não foi selecionada como estatisticamente relevante para o apagamento da variável /l/ em coda silábica durante a rodada binária entre essa variante e a vocalização.

No quadro a seguir, são apresentados os grupos de fatores considerados estatisticamente relevantes para a ocorrência do apagamento da variável dependente.

Quadro 5: Grupo de fatores selecionados na rodada binária ([Ø] x [w])

Variantes [Ø] e [w]
Característica da vogal precedente
Consoante que inicia a sílaba seguinte à variável
Tonicidade da sílaba
Cidade
Extensão do vocábulo
Sexo dos informantes
Classe morfológica do vocábulo
Faixa etária dos informantes

As variáveis independentes apresentadas no Quadro 5 encontram-se em ordem de importância atribuída pelo Programa Goldvarb X durante a rodada binária entre as variantes

apagamento e vocalização. Dessas variáveis independentes, cinco são linguísticas (“Característica da vogal precedente”, “Consoante que inicia a sílaba seguinte à variável”, “Tonicidade da sílaba”, “Extensão do vocábulo” e “Classe morfológica do vocábulo”) e três são extralinguísticas (“Cidade”, “Sexo dos informantes” e “Faixa etária dos informantes”). O *input* inicial da rodada foi 0,137, enquanto que o *input* final selecionado foi 0,029. O *log likelihood* foi -547,981 e o nível de significância foi 0,005.

As tabelas a seguir apresentam os resultados que são analisados segundo os grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos, separadamente, e em ordem de importância estatística dada pela rodada binária. Inicialmente, são tratados os resultados do ponto de vista das variáveis linguísticas para, posteriormente, as variáveis extralinguísticas.

4.1.6.1 Apagamento e fatores linguísticos

Vogal precedente

No que tange à variável independente “Característica da vogal precedente”, a Tabela 11, a seguir, mostra os resultados estatísticos para a ocorrência do apagamento da consoante /l/ em posição final de sílaba.

Exemplos extraídos do *corpus*: “ú[Ø]timo” (último), “bo[Ø]so” (bolso), “fo[Ø]ga” (folga), “difícil[Ø]” (difícil), “nív[εØ]” (nível), “a[Ø]venaria” (alvenaria).

Tabela 11: Apagamento e característica da vogal precedente

Característica da vogal precedente	Oc./Total	%	PR
[u]	112/139	81	0,99
[o]	41/91	45	0,94
[ɔ]	78/396	20	0,89
[i]	36/210	17	0,60
[ε]	7/190	4	0,32
[a]	69/1469	5	0,22

Conforme os dados da Tabela 11, das sete vogais orais do PB, somente após a vogal [e] não se registrou o fenômeno apagamento, uma vez que o único caso de registro de ocorrência da consoante /l/ em posição final de sílaba antecedida pela vogal anterior média alta resultou

na vocalização da variável – a palavra “feltro”, pronunciada [ˈfewtro]. A probabilidade de que ocorra o apagamento de /l/ em coda após as vogais posteriores [ɔ], [o] e, principalmente, [u] é bastante alta, com pesos relativos de 0,89, 0,94 e 0,99, respectivamente, assim como após a vogal anterior alta [i]. Parece que os traços [+ posterior] e [+ alta] atuam para a alta frequência de apagamento da variável dependente, visto que as vogais com traços [- posterior] e [- alta] são desfavorecedoras, como ocorre com a vogal [a], com peso relativo de 0,22, e a vogal [ɛ], com peso relativo de 0,32. Esses resultados corroboram aqueles apresentados por Teixeira (1988), que verificou o índice mais alto de favorecimento da variante apagamento diante de [u], com diminuição desse índice paulatinamente diante [ɔ], [i] e [ɛ], até chegar a zero diante de [a]. Destaque-se que essa autora considerou as vogais [o] e [ɔ] como um único fator: [ɔ].

Cumprir registrar os casos em que houve tanto vocalização como apagamento da variável dependente em vocábulos de mesmo contexto linguístico, como, por exemplo, o substantivo “alface” e o pronome “qualquer”, em que a vogal antecedente à variável é [a].

Na localidade de Jacobina, o apagamento de /l/ em coda silábica no vocábulo “alface” ocorreu todas as vezes em que houve o alteamento posterior da vogal central baixa [a] que antecede a variável para [ɔ]: “o[Ø]face”. Verificou-se ainda que as mulheres jacobinenses somente apagaram o /l/ nos contextos em que houve o referido alteamento posterior da vogal antecedente (“o[Ø]face”), enquanto que os informantes homens realizaram o apagamento tanto diante da vogal [a] (“a[Ø]face”) quanto diante do alteamento posterior dessa vogal para [ɔ] (“o[Ø]face”).

Para o vocábulo “alface”, todos os informantes homens santo-amarenses realizaram ocorrências de apagamento tanto diante da vogal antecedente [a] (“a[Ø]face”) quanto diante de seu alteamento posterior para [ɔ] (“o[Ø]face”) nesse substantivo, enquanto que as informantes mulheres preservaram a vocalização diante de [a] (“a[w]face”), sem registros de alteamento posterior da vogal. Isso demonstra a resistência desse contexto à variante apagamento, ou seja, se a vogal precedente à variável dependente for [a], significa que haverá maior resistência ao apagamento de /l/ em coda silábica, com a realização da variante vocalizada.

A realização variável da consoante /l/ em posição de coda silábica diante do alteamento posterior da vogal que a antecede também foi registrada na localidade de Santa Cruz Cabrália. Neste caso, no vocábulo “alface”, os informantes homens santa-cruzenses tanto apagaram quanto vocalizaram a variável dependente diante da vogal antecedente [a] (“a[Ø]face”, “a[w]face”), mas apenas apagaram o /l/ diante do alteamento posterior da vogal [a] antecedente para [ɔ], a exemplo do vocábulo “qualquer”, realizado “quo[Ø]quer”, tendo sido registrado também “qua[Ø]quer”. Ainda no que tange ao vocábulo “alface”, as informantes mulheres

dessa localidade produziram apenas a realização vocalizada da variável dependente diante da vogal antecedente [a] (“a[w]face”), sem ocorrências de alteamento vocálico; entretanto, no vocábulo “álcool”, em que há a dupla presença da variável /l/, com contextos antecedentes diferentes, registraram-se na fala de uma das informantes santa-cruzenses sua realização vocalizada diante da vogal central [a] e seu apagamento diante da vogal posterior [o]: “a[w]coo[Ø]”.

Nesse sentido, as ocorrências descritas anteriormente podem comprovar o favorecimento do apagamento da lateral pós-vocálica /l/ em posição de coda silábica pelas vogais posteriores.

Consoante seguinte

A Tabela 12, a seguir, sistematiza os resultados da influência do grupo de fatores “Consoante que inicia a sílaba seguinte à variável” sobre a variante apagamento.

Exemplos extraídos do *corpus*: “a[Ø]face” (alface), “devo[Ø]ver” (devolver), “pessoa[Ø] chama” (pessoal chama), “so[Ø] né” (sol né), “qua[Ø]quer” (qualquer), “bo[Ø]sa” (bolsa), “so[Ø] de” (sol de), “azu[Ø] bem” (azul bem), “ú[Ø]timo” (último), “a[Ø]guma” (alguma), “descu[Ø]pas” (desculpas), “níve[Ø] maior” (nível maior), “adu[Ø]to” (adulto), “dificu[Ø]dade” (dificuldade).

Tabela 12: Apagamento e consoante que inicia a sílaba seguinte à variável

Consoante que inicia a sílaba seguinte à variável	Oc./Total	%	PR
/f/	23/91	25	0,92
/v/	57/173	33	0,91
/ʃ/	2/37	5	0,87
/n/	17/116	15	0,78
/k/	13/100	13	0,74
/s/	36/230	16	0,65
/d/ → [dʒ]	3/76	4	0,63
/b/	2/8	25	0,59
/t/ → [tʃ]	29/36	81	0,57
/g/	9/105	9	0,53
/p/	16/56	29	0,51
/m/	6/291	2	0,21
/t/	21/296	7	0,20
/d/	8/107	7	0,02

Como pode ser visto na Tabela 12, as consoantes seguintes oclusivas mais anteriores parecem desfavorecer o apagamento de /l/ em posição de coda silábica, como ocorreu com as consoantes /m/, /t/ e /d/, com pesos relativos correspondentes de 0,21, 0,20 e 0,02, nessa ordem, considerando que a consoante /b/ registrou poucos dados (8) em comparação com aquelas três e a consoante /p/ apresentou peso relativo de 0,51, muito próximo ao ponto neutro. O favorecimento da variante apagamento parece ser motivado pelas consoantes fricativas /f/ (com pesos relativo de 0,92), /v/ (com peso relativo de 0,91), /ʃ/ (com peso relativo de 0,87) e /s/ (com peso relativo de 0,65), pelas africadas [dʒ] (com peso relativo de 0,63) e [tʃ] (com peso relativo de 0,57), bem como pela nasal alveolar /n/ (com peso relativo de 0,78) e pelas oclusivas posteriores /k/ (com peso relativo de 0,74) e /g/ (com peso relativo de 0,53).

Tonicidade da sílaba

A tabela seguinte organiza os resultados levando em consideração os efeitos do grupo de fatores “Tonicidade da sílaba” na aplicação da variante apagamento.

Exemplos extraídos do *corpus*: a) átona – “fáci[Ø]” (fácil); b) tônica – “bo[Ø]sa” (bolsa).

Tabela 13: Apagamento e tonicidade da sílaba

Tonicidade da sílaba	Oc./Total	%	PR
Átona	135/879	15	0,76
Tônica	208/1617	13	0,34

Pode-se verificar na Tabela 13 que o apagamento da consoante /l/ em posição final de sílaba é favorecido pela sílaba átona, com peso relativo de 0,76, enquanto que, em posição tônica, há o desfavorecimento dessa variante, com peso relativo de 0,34. Oliveira, Costa e Faria (2013) também observaram em sua análise o favorecimento do apagamento da variável /l/ em posição de coda silábica em sílabas átonas.

Extensão do vocábulo

A tabela seguinte sistematiza os resultados considerando a influência do grupo de fatores “Extensão do vocábulo” na aplicação do apagamento da variável dependente analisada.

Exemplos extraídos do *corpus*: a) dissilábico – “da[Ø]ve” (dalva); b) três ou mais sílabas – “po[Ø]vora” (pólvora), c) monossilábico – “su[Ø]” (sul).

Tabela 14: Apagamento e extensão do vocábulo

Extensão do vocábulo	Oc./Total	%	PR
Dissilábico	138/964		0,63
Três ou mais sílabas	176/1140	15	0,49
Monossilábico	29/392	7	0,21

O grupo de fatores “Extensão do vocábulo” se mostrou estatisticamente relevante na aplicação do apagamento da consoante /l/ em posição de coda silábica, conforme pode ser observado na Tabela 14, em que os vocábulos dissilábicos se mostraram favorecedores da

frequência de aplicação dessa variante, com peso relativo de 0,63. Já os vocábulos monossilábicos e aqueles com três sílabas ou mais não se mostraram favorecedores do apagamento de /l/ em coda silábica.

Classe morfológica

Outro grupo de fatores linguísticos selecionado pelo Programa Goldvarb X como estatisticamente relevante na aplicação da variante apagamento foi a “Classe morfológica do vocábulo”, conforme apresentado na Tabela 15, a seguir.

Exemplos extraídos do *corpus*: a) nome – “ca[Ø]çola” (calçola); b) pronome – “qua[Ø]quer” (qualquer); c) advérbio – “ta[Ø]vez” (talvez); d) verbos – “divo[Ø]vo” (dissolvo).

Tabela 15: Apagamento e classe morfológica do vocábulo

Classe morfológica do vocábulo	Oc./Total	%	PR
Nomes (sub. e adj.)	310/2116	15	0,52
Pronomes	8/99	8	0,51
Advérbios	11/136	8	0,50
Verbos	14/145	10	0,16

Conforme a Tabela 15, verifica-se que a classe morfológica dos nomes (substantivos e adjetivos), com peso relativo de 0,52, a dos pronomes, com peso relativo de 0,51, apresentaram resultados em torno do ponto neutro, já a dos verbos inibem o apagamento da variável dependente, com peso relativo de 0,16, a dos advérbios se mostrou neutra, com peso relativo de 0,50. Destaque-se que, não por acaso, se trata do grupo de fatores linguísticos selecionado em último lugar como estatisticamente relevante para a aplicação da variante apagamento, o que, de fato, é justificado pela proximidade dos valores dos pesos relativos próximos ao ponto neutro. Apesar de ser selecionado pelo Goldvarb X como estatisticamente relevante, a “classe morfológica do vocábulo” não apresentou resultados que permitam considera-lo linguisticamente importante para a frequência da variante apagamento.

Na seção seguinte, são discutidos os resultados considerando os grupos de fatores extralinguísticos imbricados na aplicação do fenômeno apagamento da variável dependente /l/.

4.1.6.2 Apagamento e fatores extralinguísticos

Nesta seção, discutem-se os resultados obtidos na rodada binária entre o apagamento e a vocalização da variável /l/ em posição de coda silábica, considerando os fatores extralinguísticos estatisticamente relevantes para o apagamento da variável dependente. Foram selecionados pelo Programa Goldvarb X os grupos de fatores “Cidade”, “Sexo dos informantes” e “Faixa etária dos informantes”.

Cidade

Os resultados encontrados para o grupo de fatores “Cidade” são apresentados na tabela seguinte.

Exemplos extraídos do *corpus*: a) Jacobina – “a[Ø]fazema” (alfazema); b) Santa Cruz Cabrália – “cu[Ø]tivar” (cultivar); c) Santo Amaro – “so[Ø]teiro” (solteiro); d) Seabra – “bo[Ø]so” (bolso); e) Barra – “Sa[Ø]vador” (Salvador); f) Euclides da Cunha – “apicu[Ø]tura” (apicultura).

Tabela 16: Apagamento e cidade

Cidade	Oc./Total	%	PR
Jacobina	55/262	21	0,70
Santa Cruz Cabrália	83/505	16	0,64
Santo Amaro	51/370	14	0,56
Seabra	48/307	16	0,56
Barra	45/389	12	0,37
Euclides da Cunha	61/663	9	0,31

Esses resultados exibidos na Tabela 16 demonstram que a cidade de Jacobina, com peso relativo de 0,70, é a principal favorecedora da aplicação do fenômeno apagamento da consoante /l/ em posição de coda silábica. Em segundo lugar como favorecedora, está a cidade de Santa Cruz Cabrália, com peso relativo de 0,64. As cidades de Santo Amaro e de Seabra também são favorecedoras dessa variante, ambas com pesos relativos de 0,56. As cidades de Barra, com

peso relativo de 0,37, e de Euclides da Cunha, com peso relativo de 0,31, inibem a regra de apagamento.

Esse quadro variável revela que as localidades baianas selecionadas apresentam estágios diferentes da realização variável de /l/ em coda silábica.

Sexo

O grupo de fatores “sexo dos informantes” é discutido com base nos resultados expostos na tabela a seguir.

Exemplos extraídos do *corpus*: a) homem – “po[Ø]va” (pólvora); b) mulher – “quadri[Ø]” (quadril).

Tabela 17: Apagamento e sexo dos informantes

Sexo dos informantes	Oc./Total	%	PR
Homem	208/1319	16	0,56
Mulher	135/1177	11	0,42

Os resultados sistematizados na Tabela 17 revelam que os homens das localidades baianas tendem a favorecer a aplicação do fenômeno apagamento, com peso relativo de 0,56, enquanto que as mulheres são desfavorecedoras dessa variante, com peso relativo de 0,42.

Faixa etária

Quanto ao grupo de fatores “Faixa etária dos informantes”, a tabela a seguir apresenta os resultados encontrados na pesquisa.

Exemplos extraídos do *corpus*: a) faixa 2 (50 a 65 anos) – “a[Ø]face” (alface); b) faixa 1 (18 a 30 anos) – “so[Ø]” (sol).

Tabela 18: Apagamento e faixa etária dos informantes

Faixa etária dos informantes	Oc./Total	%	PR
Faixa 2 (50 a 65 anos)	222/1431	15	0,55
Faixa 1 (18 a 30 anos)	121/1065	11	0,42

Na Tabela 18, é possível perceber o desfavorecimento da variante apagamento pela faixa etária mais jovem, com peso relativo de 0,42, enquanto que a faixa etária mais velha é favorecedora dessa variante. Esse quadro de variação sugere uma tendência à mudança nas localidades baianas examinadas em direção à implementação da variante vocalizada e a uma diminuição gradativa do apagamento da variável, restringindo esta última a certos contextos linguísticos, menos estigmatizados, como, por exemplo, antecédida da vogal [u] e [o], em palavras como “agricu[Ø]tura”, “cu[Ø]tura”, “desenvo[Ø]vimento”, “álcoo[Ø]” etc.

CONCLUSÕES

A pesquisa teve como objetivo investigar a realização variável da lateral pós-vocálica /l/ em posição de coda silábica em comunidades baianas do Projeto ALiB, considerando tanto fatores linguísticos como extralinguísticos imbricados no fenômeno. Essa consoante apresentou diferentes realizações, verificadas ainda na passagem do latim ao português, como a vocalizada ([w]), o apagamento ([Ø]) e a aspirada ([h]), por exemplo.

A análise da realização variável da lateral pós-vocálica /l/ em posição de coda silábica demonstrou que a variante vocalizada [w] encontra-se amplamente difundida entre os falantes das cidades baianas selecionadas, a saber, Santo Amaro, Santa Cruz Cabrália, Euclides da Cunha, Seabra, Barra e Jacobina, apresentando as maiores frequências de uso em todas as localidades. Essa variante também registrou maior frequência nas três posições de vocábulo analisadas – posição interna, final interna e final absoluta.

A maior frequência de apagamento da variável foi registrada na localidade de Jacobina, que chegou a atingir o índice de 20% do total de ocorrências da variável dependente.

O apagamento da variável dependente, no que tange aos fatores linguísticos, foi favorecido pelo traço de posterioridade da vogal antecedente, como [u], [o] e [ɔ], e pelas consoantes fricativas, principalmente, bem como pelas sílabas átonas e pelos vocábulos dissilábicos.

Os fatores extralinguísticos se mostraram importantes para a frequência de uso das variantes apagamento e aspiração nas localidades baianas selecionadas do ALiB, tendo as cidades de Jacobina, Santa Cruz Cabrália, Santo Amaro e Seabra, nesta ordem, como favorecedoras do apagamento, e as cidades de Barra e Euclides da Cunha como desfavorecedoras. Os informantes do sexo masculino são favorecedores do apagamento de /l/ em posição de coda silábica, com peso relativo de 0,56, enquanto que os do sexo feminino são desfavorecedores, com peso relativo de 0,42. A variável independente “Faixa etária dos informantes” revelou que os mais jovens têm abandonado a variante apagamento em favor da variante vocalizada, visto que, com peso relativo de 0,42, essa faixa etária é desfavorecedora da variante apagamento, enquanto que a faixa etária mais velha, com peso relativo de 0,55, é favorecedora dessa variante, fato que leva a entrever uma tendência à mudança, considerado o tempo aparente.

Visto o quadro variável apresentado em cada uma das cidades baianas selecionadas do Projeto ALiB, nota-se que a implementação da variante vocalizada da lateral pós-vocálica em

posição de coda silábica apresenta, entre as localidades, discretas diferenças percentuais em seus estágios.

A variante velarizada [ɫ] de /l/ em posição de coda silábica foi realizada por apenas um dos informantes da localidade de Seabra e somente ocorreu em posição final, tanto interna como absoluta, sendo favorecida por esta última, com peso relativo de 0,57. As vogais [a] e [ɛ] em sílabas tônicas e em vocábulo dissilábico também constituem contexto favorecedor dessa variante. Verificou-se que possivelmente o registro velarizado da variável dependente esteja associado ao fato de os pais do informante serem oriundos da região Sul do Brasil, visto que se trata de uma variante com alta frequência de uso em muitos dos dialetos dessa região.

A variante aspirada da lateral pós-vocálica /l/ em posição de coda silábica ficou restrita à posição interna de vocábulo. Ao que parece, os fatores linguísticos favorecedores dessa variante são, principalmente, os traços de posterioridade das consoantes velares /k/ e /g/ e das vogais [u] e [o]. Quanto aos fatores extralinguísticos favorecedores da variante aspirada, os homens, com 0,69 de peso relativo, aspiram mais a variável dependente do que as mulheres, com 0,29 de peso relativo. E as cidades de Seabra, com peso relativo de 0,88, e Jacobina, com peso relativo de 0,73, também são favorecedoras dessa variante.

Desse modo, as hipóteses inicialmente levantadas são confirmadas: o /l/ em posição final de sílaba é variável na fala das comunidades investigadas, com a variante vocalizada [w] já bastante disseminada na fala do interior baiano, mas não de maneira categórica; a interação entre fatores linguísticos e sociais na variação de /l/ é o vetor desse fenômeno; a variação da lateral pós-vocálica /l/ em posição de coda silábica aponta para uma mudança em progresso no interior baiano.

REFERÊNCIAS

- ALKMIM, Tânia Maria. Sociolinguística: parte I. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Ana Cristina (Org.). **Introdução à linguística: domínio e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2012. p. 23-50.
- AMARAL, Amadeu. **O dialeto caipira**. São Paulo: O Livro, 1920.
- BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral II**. 2. ed. Campinas: Pontes Editores, 2006.
- BRANDÃO, Sílvia Figueiredo. **A geografia linguística no Brasil**. São Paulo: Ática, 1991.
- _____. Variação em coda silábica na fala popular fluminense. **Revista da ABRALIN**, v. 7, n. 1, p. 177-189, jan./jun. 2008.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola, 2004.
- CALLOU, Dinah. Um perfil da fala carioca. In: RIBEIRO, S. S. C.; COSTA, S. B. B.; CARDOSO, S. A. M. (Org.). **Dos sons à fala: nas trilhas da língua portuguesa**. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 131-152.
- CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.
- CAMACHO, Roberto Gomes. Sociolinguística: parte II. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Ana Cristina (Org.). **Introdução à linguística: domínio e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2012. p. 51-83.
- CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. **Estrutura da língua portuguesa**. 43. ed. Petrópolis: Vozes, 2011 [1970].
- _____. **História e estrutura da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Padrão, 1975.
- _____. **Para o estudo da fonêmica portuguesa**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2008 [1953].
- CARDOSO, Suzana Alice. **Geolinguística: tradição e modernidade**. São Paulo: Parábola, 2010.
- CARDOSO, S. A. M.; FERREIRA, C. S. **O léxico rural: glossário, comentários**. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2000.
- CARDOSO, S. A. M.; MOTA, Jacyra A. Um passo da geolinguística brasileira: o Projeto ALiB. In: RONCARATI, Cláudia; ABRAÇADO, Jussara (Org.). **Português brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003. p. 39-49.
- CARVALHO, Castelar de. **Para compreender Saussure: fundamentos e visão crítica**. 17. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

CEZARIO, Maria Maura; VOTRE, Sebastião. Sociolinguística. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (Org.). **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2011. p. 141-155.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. **Atlas linguístico do Brasil**: questionários. Londrina: UEL, 1998.

COUTINHO, Ismael de Lima. **Gramática histórica**. Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 2011 [1938].

FARIA, Ernesto. **Fonética histórica do latim**. 2. ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1970.

GUY, Gregory R.; ZILLES, Ana Maria. **Sociolinguística quantitativa** – instrumental de análise. São Paulo: Parábola, 2007.

HAHN, Laura Helena; QUEDNAU, Laura Rosane. A lateral pós-vocálica no português de Londrina: análise variacionista e estrutura silábica. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 42, n. 3, p. 100-113, set. 2007.

HORA, Dermeval da. Variação da lateral /l/: correlação entre restrições sociais e estruturais. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 9, n. 18, p. 29-44, 1º semestre 2006.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Cidades**. IBGE, 2017. Disponível em: <
<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/uf.php?lang=&coduf=29&search=bahia>>. Acesso em: 26 mai. 2017.

_____. **Enciclopédia dos municípios brasileiros**. Planejada e orientada por Jurandyr Pires Ferreira. Vol. XX. Rio de Janeiro, 1958.

_____. **Enciclopédia dos municípios brasileiros**. Planejada e orientada por Jurandyr Pires Ferreira. Vol. XXI. Rio de Janeiro, 1958.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

LEITE, Yonne; CALLOU, Dinah; MORAES, João. O /l/ em posição de coda silábica: confrontando variedades. 22 ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE LINGUÍSTICA, 2007, 22. Lisboa. **Atas...** Lisboa: APL, 2007. p. 423-430.

LEITE DE VASCONCELLOS, José de. **Lições de philologia portuguesa**. Lisboa: Clássica Editora, 1911.

MARROQUIM, Mário. **A língua do nordeste**: Alagoas e Pernambuco. 4. ed. Maceió: EDUFAL, 2008 [1934]).

MOLLICA, Maria Cecília. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In.: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Org.). **Introdução à sociolinguística**: o tratamento da variação. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2010. p.7-14.

NASCENTES, Antenor. **O linguajar carioca**. 2. ed. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953.

NUNES, J. Joaquim. **Compêndio de gramática histórica portuguesa: fonética e morfologia**. 9. ed. Lisboa: Clássica Editora, 1989 [1919].

OLIVEIRA, Marilúcia; COSTA, Celiane; FARIA, Maria A. A lateral pós-vocálica no Nordeste paraense: uma descrição geo-sociolinguística. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade (Org.). **A geolinguística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer**. Londrina: Eduel, 2013. p. 406-429.

PETTER, Margarida. Linguagem, língua, linguística. In: FIORIN, José Luiz (Org.). **Introdução à linguística I: objetos teóricos**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2011. p. 11-24.

PINHO, Antônio José; MARGOTTI, Felício Wessling. A variação da lateral pós-vocálica /L/ no português brasileiro. **Working Papers em Linguística**, Florianópolis, n. 2, p. 67-88, 2010.

PROJETO Atlas Linguístico do Brasil. Salvador: Instituto de Letras – UFBA. Disponível em: <<https://alib.ufba.br/>>. Acesso em: 27 maio 2016.

ROMANO, Valter Pereira. Percurso historiográfico e metodológico da Geolinguística. **Papéis**, Campo Grande, v. 8, n. 35, p. 135-153, 2014.

SÁ, Edmilson José de. O uso variável da lateral /l/ posvocálica em posição de coda em português e espanhol. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL**, ano 4, n. 7, ago. 2006.

SAPIR, Edward. **A linguagem: introdução ao estudo da fala**. 2. ed. Tradução: J. Mattoso Câmara Jr. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1971.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 2006 [1916].

SEVERO, Cristine Gorski. Linguagem e sociedade: algumas reflexões sobre determinismo. **Working Papers em Linguística**, Florianópolis, n. 8, p. 127-140, 2004.

SILVA NETO, Serafim da. **História da língua portuguesa**. 5. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1988.

_____. **História do latim vulgar**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1977.

_____. **Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Presença/INL, 1976.

SILVA, Taís Cristófar. **Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios**. 9 ed. São Paulo: Contexto, 2009.

SIMÕES, Darcília. **Fonologia em nova chave: considerações metodológicas sobre a fala e a escrita**. Rio de Janeiro: H. P. Comunicações, 2003.

SUPERINTENDÊNCIA DE ESTUDOS ECONÔMICOS E SOCIAIS DA BAHIA (SEI). **Estatística dos municípios baianos**: Território de Identidade Chapada Diamantina. Salvador: SEI, 2011.

_____. **Estatística dos municípios baianos**: Território de Identidade Extremo Sul. Salvador: SEI, 2010.

_____. **Estatística dos municípios baianos**: Território de Identidade Piemonte da Diamantina. Salvador: SEI, 2011.

_____. **Estatística dos municípios baianos**: Território de Identidade Recôncavo. Salvador: SEI, 2010.

_____. **Estatística dos municípios baianos**: Território de Identidade Semiárido Nordeste II. Salvador: SEI, 2011.

_____. **Estatística dos municípios baianos**: Território de Identidade Velho Chico. Salvador: SEI, 2010.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2001.

TASCA, Maria. Variação e mudança do segmento lateral na coda silábica. In: BISOL, Leda; BRESCANCINI, Cláudia (Org.). **Fonologia e variação**: recortes do português brasileiro. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. p. 268-302.

TEIXEIRA, Eliana Sandra Pitombo. **Variação e mudança linguísticas na região de Monte Santo**. 1988. 120 f. Dissertação (Mestrado), Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1988.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].